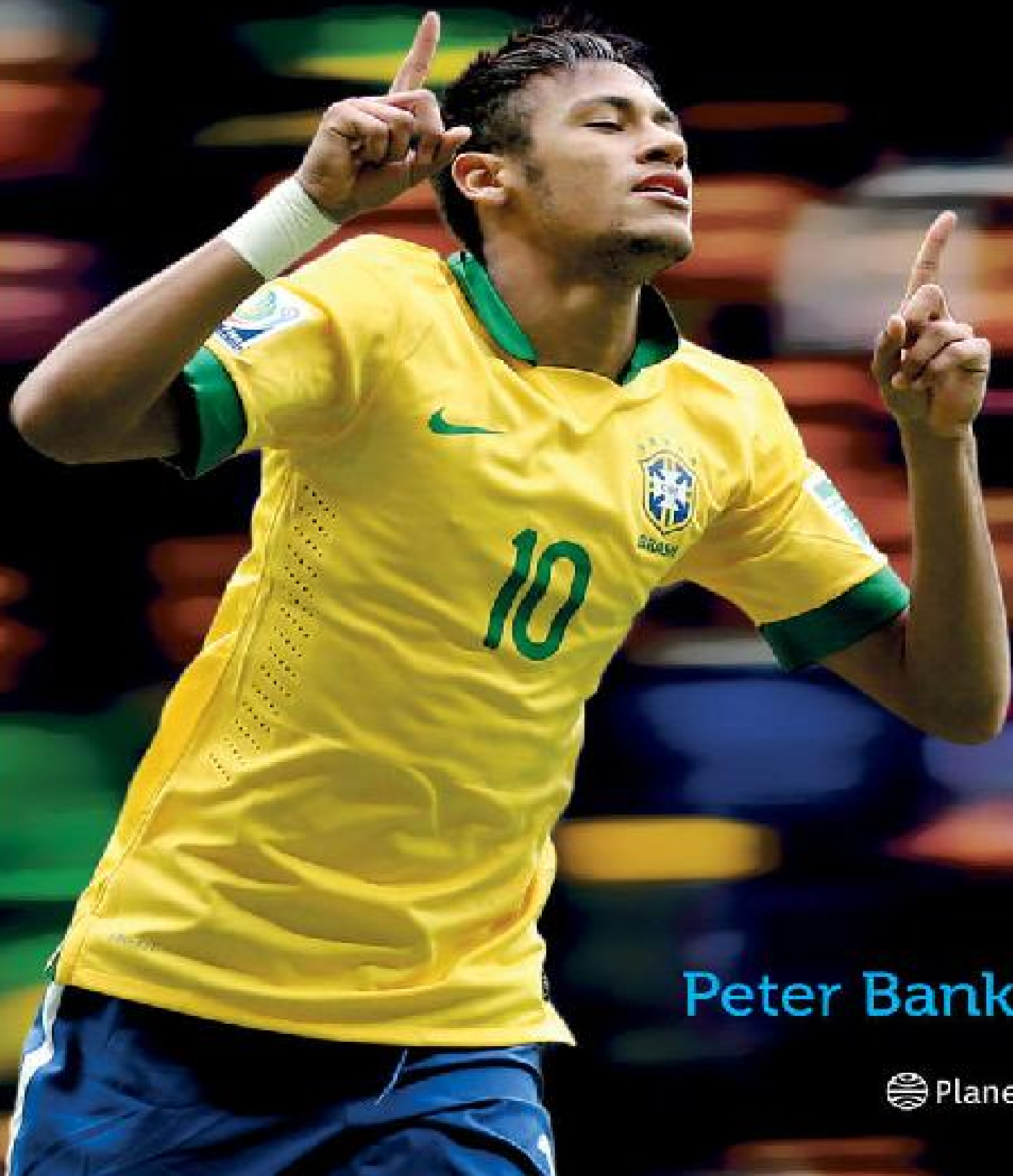


NEYMAR

o sonho brasileiro



Peter Banke

 Planeta

NEYMAR
o sonho brasileiro

Peter Banke

NEYMAR

o sonho brasileiro

Tradução:
Mariana Marcoantonio

 Planeta

Copyright © Forlaget Turbulenz e Peter Banke, 2013

Todos os direitos reservados

Publicado originalmente na Dinamarca em 2013 com o título *Neymar – den brasilianske drøm*

Preparação: Sabrina Bileski

Revisão: Thais Rimkus

Diagramação: José Rodolfo Arantes

Fotos: Todas as fotos do livro por Peter Banke, exceto p. 100 e p. 185.

Capa: Carla Hachul/Obá Editorial

Imagens de capa: Simon Stacpoole/Corbis/Latinstock e Javier Garcia/Corbis/Latinstock

Produção digital: Hondana

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B17n

Banke, Peter

Neymar: o sonho brasileiro / Peter Banke ; tradução Mariana Marcoantonio. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2014.

224 p. : il.

Tradução de: Neymar: den brasilianske drøm

ISBN 978-85-422-0355-4

1. Santos Júnior, Neymar da Silva, 1992-. 2. Jogadores de futebol - Brasil - Biografia. I. Título.

14-10603

CDD: 927.96334
CDU: 929.796.332

2014

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3^o andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo-SP

atendimento@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Prólogo

Capítulo 1 – A herança do pai

Capítulo 2 – As ruas da infância

Capítulo 3 – O menino que flutuava na areia

Capítulo 4 – O pastor do futebol

Capítulo 5 – Boa estrela

Capítulo 6 – O desafio físico

Capítulo 7 – Ourinhos

Capítulo 8 – Sou muito feliz

Capítulo 9 – Brasil, ida e volta

Capítulo 10 – Um garoto malcriado

Capítulo 11 – A batalha da América

Capítulo 12 – Os moicanos

Capítulo 13 – A máscara

Capítulo 14 – O movimento perfeito

Capítulo 15 – As sombras dos dinossauros

Capítulo 16 – A herança do Fenômeno

Capítulo 17 – O Bolívar do futebol

Capítulo 18 – Um telefonema de Pelé

Capítulo 19 – Maiores do que Neymar

Capítulo 20 – Neymarketing

Capítulo 21 – O filho do Rei

Capítulo 22 – Europa, ida e volta

Capítulo 23 – O embaixador

Capítulo 24 – O filho do herdeiro
Capítulo 25 – Neymar e Cristiano
Capítulo 26 – Lágrimas olímpicas
Capítulo 27 – Pânico antes da jornada inaugural
Capítulo 28 – Confusão no Twitter
Capítulo 29 – Um trabalho impossível
Capítulo 30 – Barcelona: um sonho de infância
Capítulo 31 – “Neymar é autêntico”
Capítulo 32 – “Neymar é um artista”
Capítulo 33 – Sangue nos olhos
Capítulo 34 – Passado, presente e futuro

Epílogo

Agradecimentos

Bibliografia

Notas

Estatísticas

Índice onomástico

PRÓLOGO

Para mim, começou assim:

Foi fascinação à primeira vista.

Quando o vi pela primeira vez, me ajeitei no assento e arregalei os olhos, que pareciam querer saltar das órbitas, impulsionados por uma mola, como nos desenhos animados.

No aquecimento do jogo de despedida de Ronaldo, em junho de 2011, vi um garoto magro como um palito jogar um futebol mais espetacular do que o que tinha visto nos pés de craques como Robinho, Ronaldinho e o próprio Fenômeno.

Tinha ouvido falar muito dele, do tal Neymar, inclusive o tinha visto em ação muitas vezes na televisão... Mas vê-lo *ao vivo* naquele dia, ao redor de toda aquela cerimônia para Ronaldo no Pacaembu, em São Paulo, foi renascer como amante do futebol. Ver, ao mesmo tempo, Ronaldo fenecer e Neymar brotar foi a evolução do futebol em seu mais alto grau, em sua mais bela potência.

E continuou assim:

Eu queria saber como Neymar tinha conseguido chegar tão alto. De onde ele vinha? Do que era feito? Que carreira poderia ter?

Queria vê-lo se tornar grande, em sincronia com um país que também estava se tornando grande, crescendo cada vez mais na consciência das pessoas como algo além de samba, carnaval e futebol.

Eu precisava bater de porta em porta.

Este livro acompanha as viagens que fiz entre 2011 e 2013, as quais empreendi com a clara sensação de que Neymar seria a próxima superestrela do futebol.

A história foi ganhando corpo à medida que cada pessoa abria sua porta e falava com paixão sobre suas vivências com o menino, o aluno, o jogador, o amigo e o ser humano Neymar. E, quando

minhas viagens terminaram, tanto Neymar como o Brasil eram novas potências mundiais.

Entre as várias fontes de *Neymar, o sonho brasileiro*, há pessoas que conheceram o jogador pessoalmente, pessoas que o ajudaram, que acreditaram nele.

Paralelamente às suas próprias ambições de ser jogador de futebol profissional, Neymar precisou, durante toda a adolescência, satisfazer as expectativas dos adultos. Seu sonho foi, ao mesmo tempo, o de muitas outras pessoas. Como jogador de futebol, ele sempre esteve cercado de gente que queria uma fatia de seu bolo ou tinha uma parte dele.

Porque Neymar não escreveu a história dele sozinho.

Peter Banke, Rio de Janeiro

CAPÍTULO 1 – A HERANÇA DO PAI

Era uma noite quente de verão em Mogi das Cruzes, São Paulo.

No hospital Santa Casa de Misericórdia, Nadine e Neymar da Silva Santos acabavam de se tornar pais de um menino saudável.

O calendário marcava a data: 5 de fevereiro de 1992, e o carro do pai do bebê tinha sérios problemas para dar a partida.

Quando deu a notícia do nascimento a seu amigo Atílio Mauro Suarti, Neymar perguntou se ele faria o favor de levar a família do hospital para casa. Atílio não hesitou um segundo: faria isso com o maior prazer.

Podemos dizer que, com exceção da mãe de Neymar, ninguém tinha uma relação mais estreita com o pai dele.

Atílio era fisioterapeuta no União Futebol Clube, um pequeno time da segunda divisão do estado de São Paulo. E, na lateral do velho estádio Francisco Ferreira Lopes, o pai de Neymar trabalhava suando a camisa.

Quando tem uma sobrecarga na perna, o trabalho de Atílio é deixá-lo preparado de novo, como um carro que vai ao mecânico.

O clima no carro de Atílio era fantástico, e o motorista vislumbrava sorrisinhos no rosto dos pais enquanto os levava para casa.

O pequeno passageiro nos braços da mãe se tornaria, muitos anos depois, um dos rostos mais conhecidos do Brasil.

– É alegre, sim – diz Atílio, com um sorriso no rosto bronzeado, em sua clínica no centro de Mogi. As lembranças de Neymar e principalmente do pai dele são constantes hoje, mais de duas décadas depois de ter ido buscar o craque recém-nascido no hospital.

Quando Atílio liga a televisão para ver Neymar jogando, surgem lembranças do arquivo nostálgico de seu cérebro.

– Neymar me lembra muito o pai dele – explica. – Desde a maneira de falar e de brincar até o jeito de andar.

É que Neymar logo aprendeu a imitar o pai.

Quando tinha um ano, a mãe o vestiu com uma camisa de bebê do União e o levou para ver o time jogar. O pequeno Juninho, como era chamado, via todos os jogos disputados de casa, assim como os filhos dos outros jogadores.

– Talvez naquela época ele já se olhasse no espelho do pai. Podemos dizer que Neymar tem o futebol no sangue – diz Atílio, que conta como Júnior acabou “quebrando o espelho” do pai. – Neymar herdou a rapidez do pai, mas pensa mais rápido. Quando Neymar corre com a bola, ninguém sabe o que vai inventar!

Como jogador, o pai de Neymar tinha um grande talento e fora do campo ele também se fazia notar de maneira positiva. Era conhecido como piadista e brincalhão. Dominava com perfeição o “esporte nacional” do Brasil: tirar sarro. Suas piadas criavam um clima descontraído nos treinos e no campo, entre outros lugares.

– Quando o pai de Neymar jogava no União, assistir ao futebol em Mogi tinha a sua graça – diz Atílio. Ele faz uma pequena pausa e a expressão do seu olhar se torna mais distante e melancólica.

– Tenho muita saudade daqueles dias. O pai de Neymar era um jogador muito carismático e querido por todos os torcedores.

Mas os dias de Neymar pai em Mogi das Cruzes não tiveram um final feliz.

Um violento temporal assolou Mogi.

Havia trovões muito fortes, desses que fazem a gente estremecer quando o estrondo ressoa como um trem lá em cima. O lampejo dos relâmpagos clareou o céu escuro e quase apocalíptico, e um dos raios levou a vida de uma grande árvore da praça que fica perto da igreja São João Batista.

No dia seguinte, essa foi a notícia de primeira página dos dois jornais locais. Notícias como essa são um testemunho impresso de que Mogi continua sendo só uma pequena parte de São Paulo.

É um contraste tranquilo, um pulmão para os que trabalham na poluição e na indomável selva de pedra de São Paulo.

Hoje, Mogi cresce. Guindastes e edifícios se tornaram parte da silhueta da cidade, e a pergunta que fica é quando Mogi fará parte da capital paulista.

Na época em que Neymar e sua família viviam na cidade, havia poucos prédios e cerca de 200 mil habitantes. Hoje, há quase o dobro de pessoas, devido ao investimento imobiliário e às novas indústrias e atividades que se estabelecem na cidade. Os bairros pobres se converteram em regiões de classe média. Não é à toa que chamam a cidade de “A morada do progresso”.

Em 1986, o prefeito Waldemar Costa Filho decidiu construir no bairro Rodeio o condomínio Topázio, um conjunto de prédios para famílias de baixa renda, relativamente distante do centro da cidade. Foi para lá que se mudou a família de Neymar no começo dos anos 1990, para um apartamento de um dormitório.

Rosaldo Edison Lacerda era um dos vizinhos da família. Ele abre a sua casa, que é idêntica à casa em que cresceu Neymar. Rosaldo é diretor da Liga Municipal de Futebol de Mogi das Cruzes, filiada à Federação Paulista de Futebol.

Seu coração é dos times locais e do Santos, escolha que talvez tenha sido influenciada pela participação do antigo e pequeno vizinho no time do litoral paulista. O apartamento acolhedor está cheio de objetos do Santos, como se fosse o quarto de um menino.

– Ficamos muito orgulhosos quando vemos um mogiano jogar na Seleção Brasileira – diz Rosaldo. – Pense que Neymar é o ídolo do futebol brasileiro, do futebol sul-americano e que agora é reconhecido como uma nova estrela, que compete com Lionel Messi e Cristiano Ronaldo na categoria de melhor do mundo. Isso nos enche de orgulho. Neymar sempre conta à imprensa que nasceu em Mogi das Cruzes – diz Rosaldo, que se apressa para acrescentar. – Mas não vamos compará-lo com Pelé. Pelé era Pelé, Garrincha era Garrincha, Romário era Romário. E Neymar é Neymar. São jogadores de épocas diferentes, e agora é a época do Neymar.

O apartamento de Lacerda tem espaço suficiente para três pessoas. Deve ter sido um começo razoavelmente bom para a família de Neymar, recém-chegada da cidade portuária de Santos, a

algumas horas de carro. Neymar pai podia realizar seu sonho de ser jogador profissional, Nadine trabalhava como professora. A vida naquela época ia bem.

– Há uma imagem do pai de Neymar que ficou gravada na minha memória. Ele saindo de casa correndo, vestido com a camisa vermelha do União, e entrando no carro que o levava para o treino – conta Rosaldo.

Em um bloco de apartamentos, ficar à janela é a melhor maneira de se manter por dentro da vida das pessoas. Dali, Rosaldo via Neymar e o pai dele jogarem futebol entre os prédios.



O fisioterapeuta Atílio Mauro Suarti em frente ao hospital onde tudo começou

– O primeiro presente que o pai de Neymar deu para ele foi uma bola de futebol, com certeza. É o que todos os pais brasileiros fazem quando têm um filho – diz Rosaldo, antes de olhar a mata que está às suas costas.

Ele respira fundo e diz, rindo:

– Aqui não precisamos de relógio de manhã, ouvimos o galo cantar. Isso é muito rural, e a mata que estamos vendo está

protegida. Eu acho que Neymar teve essa vantagem: ele pôde respirar ar puro em seus primeiros anos de vida.

Enquanto no início dos anos 1990 os apartamentos eram destinados a pessoas de baixa renda, hoje a vizinhança é composta de uma mistura de pessoas. Atualmente, vivem ali todo tipo de família, estudantes de medicina, advogados, professores e muitos aposentados. Além disso, com o aumento do preço dos apartamentos, o bairro deve se tornar uma região de classe média muito bonita.

Um dos jogadores que frequentava bastante a casa da família de Neymar nos anos 1990 é Altair Vitoriano, goleiro do União.

– Eu lembro que todos os jogadores foram ver o recém-nascido. Neymar pai disse pra gente: “Um dia ele será melhor do que eu”. Ele disse isso mesmo, e todos nós rimos dele – comenta Altair, e continua. – Todo mundo que gosta de futebol espera que o filho seja jogador profissional. Por isso, acho que o pai do Neymar investiu em algo certo. E conseguiu, porque foi determinado. Ele aproveitou a ferramenta que tinha nas mãos. Hoje o futebol é uma ferramenta que leva a todos os lugares.

Depois que Neymar veio ao mundo, o pai deixou de sair pra todo lado. Ficou menos sociável e voltou a atenção para a família.

– Ele não saía do apartamento. Queria cuidar da mulher e do filho. E nós ríamos dele por isso, dizendo: “Ei, estão te obrigando a ficar em casa para lavar a louça?”.

Altair, assim como outros jogadores, como Duda, Lázaro e Neymar pai, era uma celebridade local. Ele raramente abria o jornal ou ligava a TV local sem se ver retratado como alguém importante.

Quando a carreira dele acabou, foi quase como se sua própria vida tivesse acabado.

– Quando parei de jogar futebol, entrei em depressão. Embalei os álbuns, as medalhas e os troféus e pedi para o meu pai guardar. Não suportava vê-los. Se eu olhava para eles, me vinham lembranças. Hoje a fama é passado, e acho que só meus amigos podem confirmar minhas façanhas – diz Altair, e dá um exemplo: – Eu me lembro de um jogo beneficente, o Jogo das Estrelas, com Zico, Ronaldo e Raí e também com representantes da nova geração, como Neymar. Vi o jogo com meu filho e disse a ele: “Estes você não

viu jogar, mas eles foram grandes nomes do futebol”. Neymar fez dribles e firulas durante o jogo; antes eram os outros que faziam essas coisas. Era Neymar quem tinha que estar contente de jogar com Zico, Raí e Ronaldo, e não o contrário, pensei. Outro dia, um patrocinador perguntou para meu filho se ele queria um pôster do Pelé dando uma bicicleta. Meu filho disse: “Não, obrigado, nem sei quem é esse”. A geração dele só admira o Neymar...

Quando vê Neymar pela televisão, Altair se lembra dos belos momentos que viveu com o pai dele e duas imagens surgem em sua cabeça ao mesmo tempo.

– É fantástico ver os dribles de Neymar. São iguais aos que o pai dele fazia. A diferença é que Neymar joga nos dois lados do campo. Ao contrário do pai, que driblava mais pela direita. O pai talvez fosse mais forte fisicamente, mas o filho é mais polivalente – explica Altair.

Quando Altair e o pai de Neymar eram os reis de Mogi, não se ficava rico jogando futebol, mas, se o time ia bem, os bônus ajudavam a adoçar a vida. Eles conseguiam bônus se o time empatava ou ganhava, recebendo entre 100 e 150 reais. Neymar pai ganhava o que, em 2013, seriam cerca de 800 reais de salário, mais o bônus do mês. Era preciso controlar o dinheiro.

– Eu lembro que uma vez jogamos contra o Guarani Futebol Clube e perdemos de 1 a 0. No ônibus de volta para casa, o presidente do clube disse: “Vocês vão receber o bônus não porque perderam o jogo, mas porque jogaram bem”. O pai de Neymar disse de brincadeira: “Nunca ouvi isso na minha vida. Então, também vale se jogamos bem e perdemos?”. Eu vinha das categorias de base e ganhava o salário mínimo, e além disso tinha os bônus. E os torcedores também resolveram nos dar dinheiro. Eu lembro que, quando os jogos terminavam, no caminho do vestiário, eles nos chamavam se havíamos jogado bem. Nós estendíamos as camisas para que eles nos jogassem moedas. O pai do Neymar guardava o dinheiro na carteira imediatamente e dizia, brincando: “Meu bônus está aqui. Não coloque a mão, que o crocodilo morde”.

Moacir Teixeira, diretor-geral do União na época do pai de Neymar, reconhece que o clube não era rico, mas conta que sempre pagava os salários em dia.

– O salário não permitia poupar para comprar uma casa. Os jogadores que tinham família moravam em casa alugada, e o clube ajudava pagando o aluguel. Os jogadores solteiros costumavam viver juntos, então tinham um quarto simples – explica Moacir.

Altair conta:

– Quando assinei o contrato naquela época, precisei exigir que as luvas estivessem incluídas. Hoje é muito mais fácil, você tem mais direitos como jogador. Pode ganhar dinheiro com os patrocinadores, coisa que nós não podíamos. Naquela época, os patrocinadores davam as camisas dos jogos, mas você não tinha nenhuma renda por patrocínio, só o clube ganhava dinheiro. Se você queria um par de chuteiras, podia pedir para o clube. Se diziam não, você tinha que desembolsar. Hoje os jogadores têm tudo. Eu queria ser jogador de futebol nos dias de hoje.

Altair também não nadou em dinheiro em 1996, quando foi para um clube grande como o Corinthians, onde jogou no time reserva.

– Eu ganhava 1.500 reais por mês, e me deram um carro. A economia no futebol começou a se desenvolver alguns anos depois, quando eu encerrei minha carreira, aos 38 anos. Hoje um jogador de futebol pode ser milionário aos 18 anos. Um superavanço!

Neymar pai foi um jogador que sem dúvida chamou a atenção de outros clubes da região, mas o União e Moacir Teixeira não queriam deixá-lo sair.

– Depois de um jogo contra o Rio Branco, em que ele jogou muito bem e fez dois gols, quiseram contratá-lo. Nós, da direção, dissemos para ele: “Não, você não pode ir, você é o melhor jogador que temos”. Ele disse: “Mas eu preciso de dinheiro para comprar uma casa em Santos para minha mãe. Ela mora numa casa pequena e velha”. Eu e os outros nove membros da junta diretiva lhe demos dinheiro para a casa e ficamos, cada um, com uma parte da propriedade de seu contrato – diz Moacir, contando algo que claramente o preocupa e que destaca com seriedade. – Nós acabamos lhe dando o dinheiro sem intenção de lucrar. Era para ajudá-lo. Não era um jogador que queríamos perder.

Neymar pai comprou a casa para a mãe graças à mudança no contrato e, com o dinheiro que sobrou, comprou um Volkswagen

pequeno. Acabaria, então, aquele negócio de consertar o carro velho ou de pegar carona com um colega do time.

No primeiro fim de semana sem jogo, alguns meses depois de comprar o carro, Neymar pai decidiu ir a Santos visitar a mãe com Nadine e, no banco de trás, Juninho, de apenas quatro meses.

De volta a Mogi, ele teve que desviar bruscamente para evitar bater de frente com um caminhão, mas o carro capotou e teve perda total. A mãe e o pai de Neymar ficaram presos na parte da frente do veículo. A equipe de resgate tirou os pais, que gritaram juntos que o menino ainda estava lá dentro!

Eles, então, tiraram o pequeno Neymar do carro e, para horror de todos, o rosto do bebê estava coberto de sangue. O pai pediu a Deus que não deixasse seu filho morrer, que o levasse no lugar dele. Secaram o sangue do rosto de Neymar – o garoto teve sorte. Um pedacinho de vidro lhe atingira e fizera um pequeno corte. Milagrosamente, Neymar não quebrou nem um osso, por mais que tenha sido sacudido na parte de trás do carro.

A situação do pai, no entanto, parecia pior. Ele sofreu sérias lesões na parte do corpo com a qual sustentava a família: as pernas.

Isso nos leva de volta a Atílio Mauro Suarti. O fisioterapeuta investiu um ano e meio para fazer o pai de Neymar voltar a jogar, mas, quando ele finalmente teve condições de entrar em campo, ficou evidente que alguma coisa tinha acontecido. Ele tinha grandes problemas no joelho. O jogador de antes e o de depois do acidente não eram o mesmo.

– Depois do acidente foi difícil a vida do pai de Neymar, mas ele nunca perdeu a esperança. Eu nunca o vi triste, nem depois do acidente nem depois da reabilitação – diz Atílio, comovido. – E a imagem do Neymar pai está intacta, apesar da glória que veio quando seu filho se tornou uma estrela do futebol – opina ele. – O pai de Neymar foi e é uma pessoa maravilhosa para todos os que o conheceram. Por exemplo, ele nunca deixa de perguntar como eu estou. Sempre foi humilde.

Segundo Atílio, talvez haja uma razão direta para tudo isso:

– Eu acho que ele teve o Neymar porque merece. Por ser a pessoa que é. Deus lhe deu um presente, e esse presente é o Neymar.

CAPÍTULO 2 – AS RUAS DA INFÂNCIA

Após os anos em Mogi das Cruzes, Neymar e a família levaram uma vida nômade. O pai deu uma última chance à carreira jogando no Operário Futebol Clube, no Mato Grosso. Depois disso, a família Silva Santos foi para o litoral paulista, para a casa da avó de Neymar, em São Vicente. Aos 32 anos, Neymar pai encerrou sua carreira de jogador de futebol.

– Quando você para e não tem perspectiva, fica inseguro sobre o futuro – comentou Neymar pai.

Ele encontrou trabalho como mecânico perto do centro esportivo do Santos e continuou jogando futebol por diversão, em categorias amadoras, sem rendas significativas. Quando Rafaella, a irmã mais nova de Neymar, veio ao mundo, a casa da avó ficou pequena, e a família se mudou para a Praia Grande, onde viveriam pelos nove anos seguintes.

Nesse período, a história da infância de Neymar se passou no bairro Jardim Glória. No município, viviam 250 mil habitantes assolados pela delinquência, pelas drogas e por uma taxa de assassinato que competia com a das grandes cidades do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Foi lá em Praia Grande que a mãe de Robinho foi sequestrada em sua casa, em 2004, e liberada seis semanas depois, após o pagamento do resgate.

E em Praia Grande há tantas câmeras de vigilância por habitante quanto a capital inglesa Londres.

Neymar estudou em duas escolas da cidade: a Escola Municipal José Júlio Martins Baptista e a Escola Estadual Oswaldo Luiz Sánchez Toschi. Mas não é exagero nenhum dizer que o que mais lhe atraía era o futebol.



Lucas, Ericky e Alaíde no Grêmio Praia Grande

Rayssa Santos, prima de Neymar, vive hoje numa versão renovada da antiga casa do craque, numa rua com muitas casas simples construídas pelos próprios habitantes. Ela conta que o futebol era o que mais preenchia o primo quando ele vivia em Praia Grande.

– Ele jogava aqui na rua, na praia, no quintal e, é claro, no campo de futebol. Estava sempre jogando bola – conta.

Encontramos mais respostas às perguntas sobre essa fase da vida de Neymar pelos campos de futebol, no pequeno clube Grêmio Praia Grande, do qual Neymar nunca falou publicamente.

Mas, por outro lado, lá se fala muito dele.

Celiano Alfredo da Silva está no centro de treinamento do Grêmio Praia Grande com um ar triste nos olhos enquanto observa o gramado irregular. Ele esteve presente na fundação do clube quando se mudou para o bairro, em 1973, e desde então já observou

centenas de jogadores sentado em seu banco, na lateral. Alguns chegaram a ser profissionais; outros viraram delinquentes, outros foram presos e outros estão até mortos. Nem todos os jogadores da geração de Neymar em Praia Grande sobreviveram às impiedosas ruas da cidade. Um dos melhores amigos de Neymar na cidade passou um período na prisão por vender drogas no clube.

– Acho que foi bom Betinho ter falado para Neymar sobre o risco de ele ficar na sarjeta como tantos outros – opina Celiano, que gostaria de ter um pouco de mérito no fato de o Santos ter apostado em Neymar. – Ele treinava e jogava aqui no clube com Biro, um ex-jogador profissional. Começou a ficar conhecido, e os rumores sobre ele o levaram ao Santos.

Roberto Antônio dos Santos, também chamado de Betinho, foi o olheiro que, oficialmente, levou o mérito por ter descoberto Neymar. Betinho passou muitas vezes pelo Grêmio Praia Grande, mas Neymar nunca esteve relacionado com o clube. Sem dúvida, é um assunto delicado para Celiano.

– É triste para nós que Neymar nunca tenha dito uma palavra sobre ter jogado no Grêmio. Talvez seus representantes pensem que iríamos querer dinheiro – diz ele, quase resignado.

O único pagamento que Celiano espera de Neymar é que passe por ali, fale com os meninos da vizinhança e doe material esportivo ao clube. E que lembre que cresceu em um bairro pobre e humilde.



Celiano no Grêmio Praia Grande

– A verdade é que, com a ajuda de todos, a casa do pai de Neymar, que estava em péssimas condições, foi reformada. Como dizíamos naquela época: “Antes que começasse a chover, a casa já estava molhada por dentro”. As paredes tinham rachaduras, e do lado de fora se via a sala. Eles podiam ver as pessoas que passavam pela rua. Alguns dos meus amigos ajudaram a terminar a casa em quatro fins de semana – conta Celiano.

Em outra ocasião, o Grêmio ajudou Neymar em algo básico para um jogador de futebol: as chuteiras.



Dois amigos de infância de Neymar, Jonathan e Caio

– Tem dois jogadores que passaram pelo clube para retribuir nosso trabalho. Um deles é o Luís, que jogou no Japão e depois na Coreia. Ele veio aqui e nos deu 40 pares de chuteiras e 10 bolas. Um desses pares demos para Neymar; ficavam um pouco grandes para ele. O outro é o Wellington, que foi atacante do Santos e hoje é político aqui em Praia Grande. Ele me deu uma camisa de manga comprida do Santos, que usou quando jogou contra o Flamengo no Maracanã. O Santos ganhou de 3 a 0, e eu ofereci a camisa como prêmio numa rifa – conta, orgulhoso, Celiano.

Neymar jogava no Grêmio mais por diversão, porque não podia pagar a mensalidade de 15 reais, e alternava esses jogos com o futebol no quintal de casa, na rua e o futsal na escola e no seu time, o Gremetal. Para Neymar, todo futebol está relacionado com alegria. Isso também no Grêmio, no gramado esburacado do campo. Celiano conta que, quando entrava para treinar, Neymar se destacava do grupo de forma positiva.

– Ele era muito obediente, diferente de vários outros jogadores. Se você lhe pedia para fazer dez flexões, ele fazia dez flexões. Se lhe pedia para dar dez voltas no campo, ele dava dez voltas bem dadas, sem cortar caminho. Sempre corria na frente dos outros e trabalhava para ser o melhor. Pelo nível em que jogava desde pequeno, eu sabia que ele tinha futuro no futebol. Quando jogava de domingo à tarde, antes de o primeiro time entrar, muitos vinham vê-lo. Diziam: “Minha nossa, como esse menino joga”. Os pais do time adversário também o colocavam nas nuvens: “Como o magrelo joga bem!”.

A mulher de Celiano, Alaíde, que o ajuda no clube, também lembra bem de Neymar.

– Eu me lembro do cabelo curto e do corpo magrinho. É maravilhoso ver o que ele se tornou, ficamos muito emocionados. Quando vemos Neymar pela televisão, torcemos tanto por ele que ficamos sem voz – conta Alaíde, gargalhando.

O sucesso de Neymar contribuiu para que outros meninos passassem pelo clube, onde também, às vezes, servem comida grátis.

– Muitos meninos vêm ao clube porque foram inspirados por Neymar. É um bairro onde as pessoas levam uma vida humilde. Tentamos tirar os meninos das ruas e das drogas e deixá-los no clube, entre outras coisas, mediante a organização de torneios – conta Alaíde.

Neymar era um menino calado e parecia um pouco tímido, até o momento em que alguém lhe colocava uma bola nos pés. Com ela, é capaz de falar uma língua que até mesmo os outros meninos podem ter dificuldades em aprender.

– Eu me lembro das suas firulas, dos seus dribles e da facilidade com que ele evitava adversários maiores e mais velhos – conta Lucas, que jogou com Neymar.

– Todos nós temos muita vontade de vê-lo de novo – comenta Ericky, outro velho amigo do clube.

Na época de Neymar em Praia Grande, outros jogadores mostraram potencial. Os que mais chamavam atenção eram Jonathan, Caio e William.

– Houve um momento em que William era melhor do que Neymar. A vantagem de Neymar era que o pai dele fazia parte do

mundinho do futebol profissional e conhecia o Betinho. Betinho só tinha olhos para Neymar – diz Jonathan.

Os garotos costumavam brincar na casa de Neymar. Brincavam de bola de gude ou de video game. Também iam se divertir em um campinho de terra que o pai de Neymar fizera perto da casa da família. Brincavam de linha, que é quando só há três jogadores. Um fica como goleiro e os outros dois podem tocar a bola no máximo três vezes antes de chutar para o gol. Se não fazem o gol, trocam o goleiro. Também brincavam juntos na rua, embora Neymar nunca tivesse permissão do pai, que tinha medo que ele se machucasse com o asfalto esburacado.

– Neymar tinha uma coleção de medalhas e troféus. Algumas vezes organizava torneios em que nos dava camisas e coletes e apostávamos os troféus e as medalhas mais antigas. Estávamos sempre jogando futebol, todos os dias, a semana inteira – diz Jonathan.

Os garotos iam juntos à escola José Júlio Martins Baptista.

– Neymar era bom aluno, estudava muito – diz Caio, sem deixar de rir. – Mas era porque a mãe dele trabalhava na cozinha da escola e podia vigiá-lo.



Rayssa, prima de Neymar, em frente à casa onde Neymar morou quando era criança, em Praia Grande

– Neymar se concentrava em jogar bola. Fomos campeões do futebol escolar da região – acrescenta Jonathan.

Hoje, os garotos da Praia Grande se limitam a assistir. Como diz seu velho amigo Lucas:

– Quando vejo Neymar pela televisão, digo: “Caramba, e pensar que eu jogava com ele”.

Hoje Neymar mantém o Instituto Neymar Jr., onde cinco funcionários trabalham o lado social. Entre outras coisas, trabalha-se para construir um complexo esportivo de 8.400 metros quadrados em Praia Grande, um centro dirigido a meninos e adolescentes

pobres da cidade. À frente do projeto está José Benício, tio de Neymar.

– Trata-se de um projeto privado e sem fins lucrativos. Nosso objetivo é contribuir para a cidade. Gostaríamos de incluir famílias pobres e de apoiar novos talentos.

Para Neymar, é importante ajudar outros meninos a ter mais possibilidades que as que ele teve quando morou na cidade.

– Estou muito feliz com o projeto. Criar algo para um lugar que foi parte da minha vida é muito gratificante. Faço isso como um agradecimento.

CAPÍTULO 3 – O MENINO QUE FLUTUAVA NA AREIA

A escuridão cai sobre São Vicente. A luz da lua crescente e a esporádica iluminação dos postes dão certa segurança às ruas; sem elas, essa parte da cidade estaria escura e deserta nessa noite.

Numa das ruas, atrás de um muro alto, ouve-se um zumbido de vozes alegres de um grupo de pessoas que lê passagens da Bíblia. O anfitrião dessa reunião é Betinho.

Na casa atrás do muro, ele faz dribles com uma bola invisível nas lajotas do chão da sala. Depois, se joga exausto no sofá de couro com um sorriso enorme.

Esse homem é uma lenda do futebol brasileiro e uma das chaves da revelação de jogadores como Robinho e Neymar. E a história de Neymar quase não pode ser contada sem que se conte também a de Robinho.

– Fui eu quem ensinou Robinho a “pedalar” – revela Betinho, rindo alto.

Quando menino, Betinho sonhava em jogar na Seleção Brasileira. Ele admirava jogadores como Garrincha e Pelé.

– Nunca cheguei à Seleção, mas Deus planejou para que o caminho de Robinho, de Neymar e o meu se cruzassem, e meu sonho de infância se realizou por meio deles.

Deus planejou. Betinho acredita nisso com convicção. Em 1983, ele se converteu à igreja evangélica, hoje uma forte concorrente da tradicional igreja católica no coração e na mente dos brasileiros.

Logo após a conversão, formou um time de futebol com alguns colegas e, segundo ele, sem querer, fez um perigoso ataque contra o líder da igreja local, o pastor Newton Lobato. Com uma mistura tão direta de religião e futebol, ele estava à frente de uma inovação.

– Naquela época, ainda havia membros da igreja que achavam que quem jogava futebol ardia no inferno – diz Betinho, rindo outra vez. Sua narrativa se interrompe constantemente por um riso estridente e cortante. Mas, ao mesmo tempo, se vislumbra uma seriedade implícita em seu rosto.

Betinho é um homem com uma missão.

Ele explica que muitos dos jogadores com quem jogou nos anos 1970 eram dependentes químicos e que vários deles morreram de overdose. Betinho se sentiu obrigado a fazer alguma coisa diante disso. Em suas próprias palavras, ele tinha o sonho de formar jogadores de futebol que se mantivessem longe das drogas.

Em 1990, ele começou a treinar no Esporte Clube Beira Mar, onde jogava um menino chamado Robinho, menos conhecido como Robson de Souza. Nascido em São Vicente, Robinho cresceu em condições humildes em um dos bairros mais pobres da cidade, mas se transformou em um dos maiores nomes da sua geração, graças à carreira em clubes como Santos, Real Madrid, Manchester City e Milan, bem como na Seleção Brasileira. Mas onde estaria Robinho sem uma pessoa como Betinho?

Betinho logo viu potencial no pequeno furacão e, nos anos seguintes, dedicou-se a fazê-lo crescer cada vez mais.

– Eu trabalhava para aperfeiçoá-lo. Os dribles dele eram imprevisíveis para os adversários e, ao mesmo tempo, eu lhe ensinava esse estilo elástico pelo qual ele é conhecido hoje – conta Betinho.

Robinho não precisava só treinar suas habilidades no futebol. Ele precisava de toda a ajuda que o time pudesse lhe dar, pois os pais não tinham nenhuma condição de mantê-lo.



Betinho com uma camisa da Seleção Brasileira autografada por Neymar

– Nos anos em que o treinei, ia buscá-lo em casa e depois gastávamos meia hora no ônibus até o campo de treinamento. Ele só tinha um par de tênis; se chovia, usava os tênis molhados para treinar. Então, além de se resfriar, ele escorregava no campo, por isso muitas vezes eu o levava no colo e o protegia com um guarda-chuva. Quando ele não tinha dinheiro para comer, eu pagava. Eu fiz tudo o que pude para ajudá-lo.

Dá para perceber que significa muito para Betinho falar de Robinho.

Betinho e Robinho foram campeões em sua primeira temporada juntos no Beira Mar, e a união continuou quando foram para o A. A. Portuários de Santos, em 1992. Nos dois anos seguintes, o time ganhou todos os torneios em que competiu.

– Eu podia ajudá-lo, e ele podia me ajudar se tornando um vencedor. Éramos bons um para o outro – diz Betinho.

Nos anos seguintes, Betinho formou uma geração dourada de jogadores de futebol, muitos dos quais acabaram se tornando profissionais, com a vida feita.

– Bruno Moraes jogou no Porto; Felipe, no Botafogo; Betão, no futebol japonês; Ferrinho jogou no Santos. Que grande geração!

E, como bônus, os jogadores de Betinho sempre se mantiveram longe dos problemas que ele viu em sua juventude.

– Muitos jogadores da geração de 1983 se tornaram dependentes químicos, mas os que nasceram em 1984 se mantiveram limpos. Meu sonho se realizou – diz Betinho.

Em 1996, Betinho começou a trabalhar no Santos como técnico de futsal, e Robinho o acompanhou, passando a chamar muita atenção por estar em um clube grande como o Santos. Não é que ele simplesmente parecesse o “novo Pelé”, como o batizara a imprensa. É que também parecia um bom negócio. Junto com um grupo investidor, Aluísio Guerreiro, ex-jogador da Seleção, assinou um contrato com o pai de Robinho.

Os frutos do trabalho de Betinho não foram colhidos por ele.

– Não me passava pela cabeça assinar um contrato com os jogadores – reconhece Betinho.

Ao deixar o trabalho no Santos, estava com o orgulho ferido, e as coisas não ficaram melhores quando, pelos cantos, ouvia comentários em voz baixa sobre suas habilidades como olheiro.

– Esse aí... Nunca vai descobrir outro Robinho.

Mas ele descobriria. Ou, na verdade, descobriria algo melhor.

Em 1998, Betinho foi convidado por seu amigo Reginaldo Fino, olheiro do Santos, a fundar uma nova equipe de futsal no Clube de Regatas Tumiáru, um time pequeno de São Vicente. Esse convite foi um novo começo para Betinho, e o início da carreira de Neymar.

Betinho assistiu a um jogo na Praia do Itararé, em São Vicente, entre o Tumiáru e o Clube de Regatas Santista, no qual jogava o pai de Neymar. Ao lado do campo, viu um menino magricela dar voltas correndo pela areia e notou que a coordenação do garoto era excepcional para a idade dele.

– Era como se ele flutuasse na areia – diz Betinho sobre Neymar, com então seis anos. – Quando descobri de quem era o menino, propus aos pais que o deixassem jogar no Tumiáru, e eles aceitaram.

Quando o vi pela primeira vez no treino, tive a sensação de assistir a uma futura estrela do futebol. Alguns dias depois, eu disse ao pai do Neymar (e isso quatro anos antes de Robinho mostrar suas pedaladas para o mundo): “Seu filho me lembra um jogador do qual você vai ouvir falar em alguns anos. É no mínimo tão bom quanto ele”.

Em 1999, Betinho e Neymar foram para a Associação Portuguesa. Betinho aprendeu a lição e, dessa vez, não queria ver seu pássaro dourado voar para os braços de um estranho. A melhor coisa era se aliar ao pai, que tinha um interesse tanto natural quanto econômico em ver o filho crescer como jogador de futebol.

– Lembre-se de que ele teve que deixar a carreira profissional e levar uma vida modesta e humilde. Como jogador de futebol, ele havia perdido tudo. Estava no mais baixo da sociedade. Mas, ao mesmo tempo, era muito inteligente e me deu apoio para que eu pudesse trabalhar com o Neymar.

A história se repetiu. Como uma nova versão de um filme antigo, Betinho aproveitou os acertos e corrigiu os erros para fazer uma versão melhorada. Neymar era o garoto perfeito para o papel de Robinho, e o experiente treinador aperfeiçoaria seu trabalho.

– O que eu fiz com o Robinho fiz também com o Neymar – diz Betinho.

Os pais de Neymar, assim como os de Robinho, não tinham recursos nem tempo para ajudar o filho na paixão pelo futebol. Betinho usou os poucos meios que tinha a fim de auxiliar o garoto.

– Eu o buscava com meu carro velho para levá-lo ao treino. Como a mãe de Neymar geralmente estava trabalhando, eles me deram uma chave da casa lá de Praia Grande. Quando eu ia buscá-lo, muitas vezes ele estava dormindo tão profundamente que tinha que ser acordado aos berros. Ele também precisava comer alguma coisa e, às vezes, demorava uma eternidade para terminar o café da manhã. Comia devagar, e eu olhava o relógio, porque demorávamos muito para chegar e não podíamos nos atrasar para o treino – conta Betinho.

Ir de um lugar para o outro nem sempre foi fácil para Betinho e Neymar.

– Às vezes faltava gasolina, outras vezes o limpador de para-brisa quebrava etc. Isso pode parecer banal, mas não era. Era uma grande responsabilidade dirigir com o filho dos outros. Imagine se acontece um acidente e alguém morre...

Depois de uma única temporada na Associação Portuguesa, o Gremetal contratou Betinho e Neymar. Lá, Neymar ganhou tudo o que se podia ganhar entre 1999 e 2002. O maior triunfo para Neymar e Betinho foi quando o Gremetal goleou o Santos por 7 a 0 na quadra de futsal do Santos, na Vila Belmiro. O futsal serviu para formar o jogador que vemos hoje em dia.

– Quando Neymar pega a bola, ele já sabe se vai driblar pela direita ou pela esquerda e sabe se o adversário está com as pernas abertas ou fechadas. Sempre sabe o que o adversário vai fazer, porque jogou muito futsal em quadras pequenas. É uma grande vantagem para ele.

O futsal foi considerado o esporte mais praticado no Brasil, mais do que o futebol tradicional.

– O futsal está presente na minha vida até hoje. Eu utilizo muitos dos fundamentos que existem no futsal no campo [...]. [Ele] ensina a marcar, a se movimentar. É tudo um pouco mais rápido. Você tem que pensar muito rápido, e o futsal me ajudou muito nesse quesito. E, quando tem o drible curto no campo ou o pensamento rápido, eu consigo fazer – diz Neymar no documentário *Neymar, a nova estrela*, do Canal Plus.

No futsal, há cinco jogadores em cada time. Joga-se numa quadra pequena, do tamanho de uma quadra de basquete, com gols pequenos e uma bola pequena e dura que quase não quica. O futsal proporciona um jogo rápido, no qual a bola se move como a de um *pinball* ou o disco do hóquei no gelo.

“O futsal é o esporte que mais dá alegrias aos brasileiros”, escreve Vicente Figueiredo em seu livro *A história do futebol de salão*.

E foi de São Paulo que surgiu o melhor jogador de futsal de todos os tempos: Falcão. Ele ganhou muitos campeonatos mundiais com o Brasil e teve a honra de ser eleito o melhor do mundo em quatro ocasiões. Falcão foi um ídolo para milhares de jogadores jovens paulistas, como Robinho e Neymar. Quando tem que formar times para jogos beneficentes, mesmo que sejam no gramado,

Neymar costuma convidar Falcão. No YouTube, está disponível um vídeo sobre Robinho e Falcão, no qual Robinho visita seu velho herói.

– Me ensina algum drible – diz Falcão.

Robinho fica quase envergonhado e diz:

– Eu, ensinar um drible a *você?!?*

Evidentemente, é mais impressionante para Robinho conhecer Falcão do que o contrário.

Em março de 2011, quando o Santos começou a temporada de futsal com um jogo em casa, Neymar assistiu à partida com seu colega de time Elano. Falcão brilhou com muitos gols bonitos, e as câmeras de televisão focalizaram Neymar, que ficou de queixo caído de puro entusiasmo. Após o jogo, Neymar acessou o Twitter e escreveu a seus milhões de seguidores. *Falcão é de outro planeta, sou fã dele!* Nesse momento, já não fica nenhuma dúvida sobre sua admiração pelo jogador.

O piso de cimento ou de madeira do futsal pode até ter sido a base natural de Neymar na infância, mas o gramado logo começou a crescer sob seus pés.

Em 2003, Neymar e Robinho começaram a jogar no futebol tradicional da Portuguesa Santista, onde Reginaldo Fino tinha se tornado treinador. Era, de fato, a primeira vez que Neymar pisava no gramado como jogador de um de seus clubes oficiais. E ele se impôs imediatamente.

– Em um treino, ele driblou sete adversários antes de fazer um gol. Eram defensores e atacantes do time principal, ou seja, eram considerados jogadores bons. O gol foi melhor do que o seu gol escolhido como o melhor do mundo. Eu levei as mãos à cabeça. Fiquei mudo ao ver aquilo. Os sete jogadores foram castigados e tiveram que fazer duzentos abdominais cada um – conta Betinho. – Naquela noite, sonhei que, se o pai de Neymar não tivesse aceitado que ele ficasse em minha casa, seu filho não teria tido o mesmo sucesso.

O sonho se tornara realidade. A explosão de Neymar viria na edição juvenil do Campeonato Paulista, um paraíso para os olheiros. Na verdade, o torneio é conhecido por ser o local onde muitas das estrelas do futuro são incubadas.

– Nós jogamos incrivelmente bem. Ganhamos do São Paulo e de outros times grandes. Zito, da categoria de base do Santos, que jogou com Pelé e ganhou a Copa do Mundo duas vezes, prestou atenção em Neymar. Ele foi falar com Fino, e Neymar, Fino e eu, junto com outros do time, nos mudamos de clube, para o Santos – conta Betinho.

A próxima parada da dupla seria o antigo time de Betinho, para onde ele voltaria com energia renovada. E as críticas não iriam atingi-lo.

– Tive a oportunidade de continuar trabalhando com Neymar, ao contrário do que aconteceu com Robinho. E percebi que Neymar já havia conquistado mais títulos do que Robinho e que os tinha conquistado com menor idade.

Com 12 anos, Neymar se tornou tão conhecido nas categorias de base do Santos que os clubes europeus começaram a prestar bastante atenção em seu talento. Na Espanha, até o Real Madrid contemplou a possibilidade de levar Neymar à Península Ibérica, para lhe mostrar as instalações de um dos maiores clubes de futebol do mundo.

Em janeiro de 2005, Neymar passou 20 dias em teste no Real Madrid, onde impressionou, entre outros, Emilio Butragueño, diretor-geral do clube. Também treinou com jogadores mais velhos das categorias de base e se fez notar de maneira positiva.

– Fomos convidados a ver as instalações do clube e ficamos com um carro à disposição para que pudéssemos ir e vir dos treinamentos. Ele conheceu todos os jogadores e participou dos treinos. Todas as portas estavam abertas – contou Neymar pai para a televisão brasileira.

Neymar conseguiu autógrafos e tirou fotos com parte dos jogadores do elenco. Era o último ano da primeira passagem de Florentino Pérez como presidente do clube. Ramón Martínez, responsável pelas categorias de base, chegou a oferecer um contrato a Neymar, mas a família preferiu voltar para o Brasil.

– Eu passei momentos maravilhosos lá [em Madri]. Tudo era perfeito. Quer dizer, quase tudo. Eu era muito pequeno e acabei sentindo falta da família, dos amigos, do ambiente do Brasil. Nos primeiros dias eu estava muito feliz, tudo era novo, o clube era espetacular. Mas, depois, fui vendo que não era aquilo que eu queria. Eu estava um pouco deslumbrado no começo, mas fui ficando triste e acabei decidindo voltar – diz Neymar em *Neymar, a nova estrela*.

No Santos, todos ficaram contentes com a decisão. Tão contentes que o presidente do clube, Marcelo Teixeira, de acordo com vários veículos de comunicação brasileiros, ofereceu a Neymar e à família um cheque de um milhão de reais e um salário mensal de 10 mil reais para o ano seguinte. Um salário exorbitante e inédito para um jogador tão jovem. A família Silva Santos aceitou a oferta.

De repente, Neymar e sua família se tornaram riquíssimos e se mudaram de Praia Grande para Santos, perto da Vila Belmiro, o estádio da cidade. Contudo, ele não se deixou impressionar pela pressão ao redor, pelo alto salário e pelo fato de ser considerado uma estrela do futuro, conforme conta em *Neymar, a nova estrela*.



As praias de Santos são frequentemente utilizadas como campos de futebol

– Eu era tachado de estrela, mas isso nunca foi uma coisa que me importou tanto, não era uma coisa em que eu ficava pensando toda hora. Eu sempre procurei aproveitar todos os momentos da minha vida. E não me preocupava muito com a responsabilidade que eu tinha de me tornar um grande jogador pelo Santos ter investido bastante em mim. Fui aproveitando todos os momentos da minha vida, aproveitando o momento de criança, saindo com amigos [...] e fui fazendo bastantes amizades.

Betinho se lembra da parte incômoda de Neymar ser admirado e idolatrado já desde menino.

– Acho que não foi fácil para ele. Desde pequeno, sempre foi provocado, exposto à inveja, ao ódio dos adversários e às pessoas gritando seu nome – diz Betinho. – Mas, mesmo assim, sempre deu razão para os que acreditaram nele. Sempre trabalhou muito para

alcançar seu objetivo e o alcançou. Hoje é um jogador que está um passo à frente do resto. Corre, pensa, percebe e olha. Melhorou com a perna esquerda e hoje chuta bem tanto com a esquerda quanto com a direita. Faz de tudo: chute a curta distância, chute a longa distância, passe curto, passe longo, domínio de bola, drible de cabeça, força mental, sorriso nos lábios, alegria pela vida... – diz Betinho, que quase perde o fôlego de tanto entusiasmo. E então conclui. – Neymar é o meu orgulho. Ele está colhendo o que plantou.

Betinho não duvida de que Neymar tenha plantado mais do que Robinho.

– O inteligente comete erros. O sábio vê as falhas do inteligente e as evita. Robinho é um jogador inteligente, mas Neymar é sábio, costume dizer.

Foi Betinho quem apresentou Neymar a um dos agentes mais conhecidos e bem-sucedidos do Brasil, Wagner Ribeiro. Ele ganhou muito dinheiro na venda de passes, ajudando que o negócio se concretizasse. Ribeiro se encarregava de Robinho, que havia deixado Aluísio Guerreiro. Quando o passe de Robinho foi vendido ao Manchester City, em 2008, Ribeiro embolsou alguns milhões de libras de comissão do clube inglês. Ele também ganhou dinheiro quando o São Paulo vendeu o passe de Lucas Moura ao Paris Saint-Germain e quando o Santos vendeu o passe de Neymar para o Barcelona.

A parceria com Robinho terminou em 2008, quando o jogador tornou público que “essa etapa do trabalho chegara ao fim”. Nesse momento, Robinho já não era a nova esperança do futebol brasileiro.

Betinho não vê nenhum problema em uma pessoa como Wagner Ribeiro representar Neymar. Pelo contrário.

– Quando a família de Robinho estava passando por dificuldades, Wagner Ribeiro se encarregou de tudo. O pai de Robinho não podia pagar o aluguel. Devia 1.500 reais e lhe pediram que deixasse a casa. Wagner Ribeiro foi e pagou a dívida e um ano de aluguel adiantado. E tiveram outros exemplos parecidos. Muita gente pensa mal do Wagner Ribeiro, mas eu vi outra coisa. Por isso, quando chegou o momento, levei o Neymar até ele, porque vi nele

sucesso. O pai de Robinho não estava presente nas negociações de contratos, mas com Neymar é diferente. O pai dele sempre está presente em todas as negociações – conta Betinho.

Ainda hoje, Betinho se preocupa com seus dois velhos alunos. Eles estão sempre presentes em sua sala. Há fotos de um aniversário, uma dedicatória personalizada em uma camisa da Seleção e outras pequenas lembranças da história que eles têm em comum. Tanto Robinho como Neymar agradeceram a Betinho pela enorme aposta na carreira deles no futebol.

– Quando deixei de treinar no Santos, em 2008, Neymar me ajudou financeiramente e fez de tudo para que não me faltasse nada. Antes, Robinho tinha me ajudado. Sou muito grato aos dois – diz Betinho, que hoje trabalha como olheiro no Santos. – Eu viajo por todo o Brasil e escolho jogadores para as escolas de futebol, e eles depois vêm para os testes do Santos. Eu já tenho idade para me aposentar, mas não tenho vontade e não preciso, porque trabalho com a cabeça e com os olhos.

Betinho, é claro, tem orgulho do que conseguiu com Robinho e Neymar. Sua história chegou a cada time pequeno de Santos e das redondezas, onde todos os meninos querem ser o próximo Neymar e os treinadores querem ser o próximo Betinho.

– Hoje sou um exemplo para muitos treinadores do Brasil que trabalham com meninos. Eles se veem refletidos na minha vida e veem que vale a pena investir em garotos pobres. Hoje as pessoas vêm com seus filhos e me pedem que as ajude e lhes dê a chance e os recursos que eu não tive quando era menino – diz Betinho.

Há muitos outros que procuram o pai de Neymar.

– Hoje há 50 milhões de pessoas que pedem ajuda ao pai de Neymar, mas o negócio dele não é encontrar a nova estrela. Ele é o pai de Neymar, não Betinho. Betinho é um olheiro e um formador de talentos. Ninguém pode tirar isso de mim. Essa é a minha habilidade. Durante seis anos, fui como um pai de Neymar. Se eu tivesse parado depois de ter treinado Robinho, não teria tido a possibilidade de treinar Neymar. E, se tivesse parado depois de ter treinado Neymar, não poderia buscar a terceira estrela. Robinho e Neymar nasceram para dar alegria a uma geração, e esse foi o meu sonho: dar alegria ao meu país – diz Betinho.

Os elogios a Betinho vêm também de outras pessoas: ele recebeu uma medalha de honra ao mérito de São Vicente. Para Betinho, é importante saber que seus netos e tataranetos poderão ver que recebeu um prêmio por seu trabalho. Um trabalho que criou duas superestrelas.

– Minha inspiração sempre será Robinho, disso não há nenhuma dúvida. Mas meu nível de conhecimento e força... é Neymar.

CAPÍTULO 4 – O PASTOR DO FUTEBOL

Newton Lobato, pastor da igreja evangélica Peniel, frequentada por Neymar e sua família, começou a trabalhar lá em 1982, com 19 anos, e se tornou pastor em 1984.

Ele parece que tem os pés mais na terra do que no céu quando se trata de conduzir a igreja. Ao me convidar para entrar em seu escritório, em um canto da igreja, ele está vestido de maneira informal, com jeans e camiseta polo.

– Eu sou como os demais. Tomo meu cafezinho, converso com os amigos, jogo bola, assisto a jogo de futebol e fico com a minha família. Tenho sentimentos, choro, dou risada. Talvez a diferença seja que eu tenho uma missão especial. Para a igreja e para Deus – diz Lobato, levando à boca um copo de plástico com cafezinho bem quente.

E lá está ele, em um escritório mediano, que poderia ser o de qualquer empresa; em um edifício eclesiástico que não é um edifício eclesiástico tradicional, mas um conjunto de escritórios, com um grande espaço comum pouco habitual e capacidade para várias centenas de pessoas se reunirem para o sermão de domingo. A igreja também tem a própria emissora de televisão, programas sociais contra o alcoolismo e uma seção especial para esportistas, como jogadores de futebol e surfistas locais. Tudo isso financiado pelas doações dos membros.

Lobato se aprofunda no assunto com propriedade.

– Deus me deu uma aptidão e um dom. Há algo que não é meu, que vem de cima e, quando me utiliza para fazer seu trabalho, me aconselha e me dá graça. Acho que essa é a única diferença que existe, porque, quanto ao resto, me interesso pelas mesmas coisas que a maioria, sou igual aos outros e sei diferenciar quando estou servindo a Deus e quando estou levando uma vida como todos os humanos na Terra.



O pastor de Neymar, Newton Lobato, da igreja Peniel

No Brasil, não é raro os pastores aconselharem os jogadores de futebol que fazem parte de sua igreja. Quando Neymar recebeu a proposta de um clube europeu, o pai dele bateu à porta do pastor Lobato. O que pensariam o pastor e Deus de tudo isso?

– O pai de Neymar me chamou em todas as negociações de contrato. Ele deve ir à Europa? Deve ficar no Brasil? Sempre participei das decisões. Discuti o que é melhor para Neymar. Mas é o pai quem tem a última palavra na carreira de Juninho – diz Lobato, que fala de seu primeiro encontro com Neymar e sua família. – A vida ia bem para Neymar e a família dele quando o pai jogava futebol, mas, depois do acidente, quando ele parou, foram perdendo tudo aos poucos. Eles moravam em uma casa sem reboco, com muita coisa por terminar. A situação era muito difícil para a família. Eram extremamente pobres. Passavam tanta necessidade que precisavam pedir ajuda às pessoas da igreja.

Para Neymar, a igreja não trata apenas de fé e de Deus. É também um pretexto para jogar futebol.

– Neymar sempre ia ver o pai jogar quando estava no time da igreja. Uma vez a bola chegou pela linha lateral até o menino, que pegou a bola e tentou passar pelo meio das minhas pernas. Foi atrevido o garoto baixinho e magrinho que sempre sorria. Sorte que não conseguiu – diz Lobato, rindo.

Na igreja Peniel, eles gostam que os atletas se interessem pelas atividades da instituição e usam os contatos de Betinho no mundo do futebol para recrutar novos membros.

– O futebol é um campo de evangelização para Betinho. Quando os jogadores estão envolvidos com a igreja, podemos afastá-los das más companhias de fora dela. Mas, seja um jogador de futebol, seja qualquer outra pessoa, a igreja sempre busca a possibilidade de captar novos membros – diz Lobato.

Se Neymar significa mais para a igreja ou a igreja significa mais para Neymar, essa, provavelmente, é uma questão mais de fé do que de qualquer outra coisa.

– Neymar *queria* ser jogador de futebol. Era o sonho dele, ele adorava jogar bola. Só queria fazer isso, não importava onde, quantas vezes ou por quanto tempo. E ganhava, disso não tenha nenhuma dúvida. Está no sangue – destaca Lobato. – Neymar logo se deu conta de que não basta ser bom tecnicamente para ser uma grande estrela. Também é preciso estar preparado física e emocionalmente. Eram assuntos sobre os quais ele gostava muito de falar comigo na igreja. Falávamos de personagens bíblicos: Moisés, Davi e muitos outros. Falávamos de disciplina e determinação.

Para Lobato, a igreja e, sobretudo, Deus têm algum mérito no fato de o sonho de Neymar de ser jogador de futebol se tornar realidade.

– Quando ele tinha 16 ou 17 anos, veio ao culto de chinelo, pois havia machucado a perna. Tinha muitos hematomas e estava todo enfaixado. Os adversários haviam batido bastante nele. Hoje vemos que ele conta com a ajuda de Deus e sua bênção, porque não se lesiona. Podem chutá-lo, derrubá-lo várias vezes, mas ele sempre se levanta em seguida. Há muitos anos não se via isso no Brasil – diz Lobato. Ele se recorda de um episódio decisivo em que a igreja,

segundo ele, ajudou a dar um impulso à carreira de Neymar no futebol.

– Em uma das reuniões que houve quando Neymar era criança, pedimos que ele se levantasse. E lhe fizemos esta profecia: “Você será um dos melhores jogadores de futebol do mundo e jogará em um dos melhores clubes do mundo”. E quer saber? – pergunta Lobato, que já tem a resposta. – Neymar superará a profecia e será o melhor do mundo.

CAPÍTULO 5 – BOA ESTRELA

É possível passar uma bola pelo buraco de uma agulha quando se sabe usá-la.

Neymar tinha 12 anos quando seu talento para o futebol lhe deu acesso a um dos melhores colégios de Santos: o Liceu São Paulo, que todo ano oferece uma bolsa de estudos a 50 alunos em cada mil.

Foi Reginaldo Fino que recomendou a Ermenegildo Pinheiro, “Gil”, diretor do colégio, que aceitasse Neymar e a irmã Rafaella. Fino era o então técnico do talentoso time de futsal da escola e sabia, pela Portuguesa Santista, que Neymar retribuiria a confiança da instituição com sua habilidade no futebol. Na conversa para convencer Gil, ele disse que tinha um menino que podia tornar o colégio campeão. A exigência de Gil era que Neymar fosse aprovado em todas as matérias e que contribuísse para a conquista de um troféu pelo time de futsal do colégio. O objetivo era ganhar o prestigioso torneio Copa TV Tribuna, televisionado a todo o país.

Se o time ganha, é uma publicidade impagável. Trata-se de uma das melhores vitrines para os maiores talentos do futebol da região. Fino e Gil entraram num acordo e, já em sua primeira temporada, ou seu primeiro ano escolar, houve a impressão de que Neymar era um bom investimento.

Na estreia na Copa TV Tribuna, diante de duas arquibancadas cheias, Neymar dá passinhos com a bola parecendo um eco de Betinho e Robinho. Quase dança diante do público e enfia a bola na rede, a uma grande velocidade e a uns dez metros de distância. Odinei Ribeiro, da TV Tribuna, se torna o primeiro homem da história a narrar um gol de Neymar da forma clássica brasileira:

– Gooooooooooooooooool do Neymar! – grita Ribeiro, como se Neymar tivesse marcado o gol da final da Copa do Mundo para o Brasil.

A luz do pavilhão e a presença da mídia no torneio fazem dele uma versão em miniatura do mundo do futebol profissional. É intenso, exala seriedade. Neymar é mais notado pelos passes que deu. Olhar os colegas sempre fez parte de sua forma de jogar. Dudu e Erick, colegas de time, são notados pelos gols ao longo do torneio, e há ainda outros dois jogadores que dividem a atenção da mídia com Neymar.

O Liceu São Paulo ganhou o primeiro jogo do torneio por 6 a 1 e logo chegou à final. O adversário era o time contra o qual estrearam. Mas Neymar e seus colegas perderam de 4 a 2, e o novo aluno levou a culpa pela derrota. A contribuição de Neymar na final foi tão pífia que o chamam na sala de Gil para ter uma conversa séria com ele ao lado do pai.

– Perdemos porque o Neymar não estava suficientemente atento, estava se fazendo de tonto no jogo e dando passes muito ruins. Eu disse a ele que tinha que levar os jogos mais a sério e pensar em sua reputação e na do colégio – conta Gil, com um ar grave, como se esse dia ainda o aborrecesse.

A bronca ajudou. No ano seguinte, o Liceu São Paulo ganhou o troféu sob o comando de Neymar que, concentrado, jogou muito bem e marcou um gol na vitória final de 6 a 1 contra o Colégio Ômega.

– Neymar é muito bom – disse Yago, do Colégio Ômega, depois do jogo.

Em uma foto depois da final, vemos Neymar lado a lado com Dudu e Erick. Neymar usa uma faixa na cabeça, com uma das mensagens mais comuns da igreja evangélica: “100% Jesus”. Os três garotos parecem felizes. E agora é Neymar quem está nas manchetes. No jornal *A Tribuna*, saiu um artigo com a seguinte profecia: “Neymar é candidato a ídolo”.



Gil Pinheiro com o troféu que Neymar ajudou a ganhar para o colégio

O jornal diz: “Dentro das quatro linhas, ele pedala, dá chapéu, chama a responsabilidade, marca e deixa os companheiros na cara do gol. [...] Mas, durante a comemoração do título, não conseguiu driblar as câmaras fotográficas dos fãs e os beijinhos das *várias amigas* de colégio. Tanto que quase perdeu a medalha de campeão. Achou-a no chão depois de muita procura”.

Neymar era o centro das atenções e curtiá isso; já Gil recuperou o investimento em forma de troféu, que ainda hoje mantém em seu

escritório. Ele passaria a ver uma clara oportunidade de se tornar agente de Neymar.

– Depois do campeonato, eu disse para o pai do Neymar: “Eu gostaria de oferecer um contrato ao seu filho”. Eu já sabia que ele tinha um grande potencial. Mas o pai queria esperar e foi muito duro na negociação. É assim. Quanto mais se tem, mais se quer. Ele andava num carro velho e devia ganhar, no máximo, três mil reais por mês como mecânico. Eu paguei material, uniforme, tudo, tanto para o Neymar como para a irmã, mas não tinha permissão para assinar um contrato com o filho dele – conta Gil, com um ar sério. – Naquela altura, eu havia feito contrato com uns dez jogadores. Só que, a partir dali, decidi que não queria mais saber das atividades de agente. Preferia contribuir socialmente e me concentrar em minha ocupação primária, que é a educação. Queria deixar os garotos felizes com uma formação, não queria ganhar dinheiro com o futebol. Mas estava empolgado naquele momento, porque o time tinha muitíssimos talentos além de Neymar. O time inteiro era uma máquina de fazer gols. Mas depois disse “não, essa não é a minha área de competência, o mundo do futebol é mafioso demais para mim”.

Gil teve uma decepção, pois quem ficou com o contrato foi Wagner Ribeiro, o homem a quem Betinho, o segundo pai e mentor de Neymar, havia confiado o jogador.

Hoje Gil continua buscando jogadores de diferentes idades para os times do colégio. Mas não faz isso no escuro. Para ceder uma das cobiçadas bolsas de estudos, leva em consideração de onde o aluno vem.

– Eu só busco jogadores em escolas públicas, porque quero fazer um trabalho social – explica. – Se vem um garoto com uma bela situação financeira, ele paga o colégio, inclusive se joga bem. Minha intenção é ajudar aqueles que precisam. O aluno da escola pública que é pobre não tem acesso a um ambiente de estudos e a um alto nível educativo como o do nosso colégio. Há alguns pais que dizem: “Acho que meu filho não vai se encaixar aqui”. Pois venha com ele! Temos todo tipo de alunos e todos têm o mesmo valor. Todos são tratados igualmente: o filho do médico, o filho do engenheiro, o filho do professor, nem mais nem menos.

Gil aproveita para dar um exemplo. – Tenho um aluno de oito anos que também é um jogador muito bom. O pai é dentista e queria que lhe déssemos uma bolsa. “Ele joga muito bem”, disse o pai. É verdade que joga muito bem, mas eu disse que não ia dar uma bolsa para o filho dele. Ele ficou bravo comigo, mas eu respondi que há outros meninos que precisam mais dessa bolsa do que o filho dele: “Você pode pagar”, tentei explicar.

A situação de Neymar não podia ser mais diferente. Sua vida estava longe de ser financeiramente privilegiada quando entrou no colégio tradicional, pelo qual Elizabeth (ex-mulher de Pelé), Jair Arantes do Nascimento (irmão de Pelé), o campeão do mundo Zito e outros brasileiros famosos passaram. Zito, como se sabe, trabalhou tempos depois com Neymar, quando era responsável pelas categorias de base do Santos.

Como estudante, Neymar tinha de ser disciplinado para arcar com a responsabilidade que uma bolsa, inegavelmente, gera. Como jogador de futebol, tinha que ser duas vezes mais disciplinado, para não decepcionar as pessoas que acreditavam na sua habilidade com a bola. Ele honrou ambas as coisas, mas se destacou jogando. Como estudante, passou de ano, embora sem grandes feitos.

– Neymar vinha todos os dias à minha sala depois da última aula e me pedia uma bola emprestada para jogar na quadra de futsal antes de treinar no Santos, às 13h30. Eu lhe dizia: “Você acabou de sair da aula, descanse um pouco”. Mas não. Todos os dias ele descia para jogar na quadra de futsal. Como aluno, era... – Gil faz uma pausa. – Quem gosta de futebol normalmente não está louco para estudar. Neymar tinha problemas com matemática, mas é como eu costumo dizer: talvez não fosse bom em matemática, mas sabia muito bem somar e multiplicar. Ele gostava mais de geografia e se interessava pelo mundo, mas era o futebol o que mais lhe atraía.

Eu disse a Neymar o que digo para todos os alunos que jogam futebol: estudar é necessário. Pense que um dia você pode ter azar e quebrar uma perna. O que vai fazer? Vai viver de quê? De ar? Você precisa estudar para ter uma alternativa. Neymar não era um aluno que tirava dez em tudo, mas tirou algumas notas razoáveis. Também é preciso considerar que, com tantos jogos e treinos, ele não tinha tempo para ficar o dia todo com o nariz nos livros. Mas cumpriu

suas obrigações. Também porque os pais dele ficavam em cima para que fizesse os deveres – diz Gil.

O pai de Neymar era como um assistente quando tinha a oportunidade de acompanhá-lo.

– O pai sempre se preocupava com ele. Onde quer que Neymar fosse, ele ia junto. Não sei se era só preocupação de o filho se juntar a más companhias ou se era medo que o sequestrassem. Aqui no colégio, evidentemente, ficava sozinho. Mas, quando saía para jogar, o pai estava sempre ao lado.

Com alguma nostalgia, Gil recorda os dias de Neymar no colégio. É um aluno do qual ele se lembra melhor do que dos outros. As vitórias e as derrotas no campo de futsal, o trabalho em classe, quando passava cumprimentando na frente do escritório e quando cantava e dançava nas atividades do colégio.

– Neymar adorava atuar – diz Gil, antes de fazer uma pausa. – Tinha luz, tinha brilho. Onde quer que estivesse, você prestava atenção nele. Ele era muito carinhoso, muito aberto com todos e fazia amigos facilmente, ainda que naquela época fosse mais tímido do que o Neymar que vemos hoje.

Gil vê tanto com preocupação quanto com esperança o futuro do seu famoso aluno. – No colégio, somos católicos, e toda vez que pensamos nele rezamos para que Deus o proteja e para que seja um bom exemplo para os jovens. Que continue sendo humilde, se mostre como um bom rapaz e não faça besteiras. Veja, meu neto, que tem dois anos e meio, diz: “Quero usar o cabelo igual ao do Neymar”. Neymar há de ser um garoto exemplar. Infelizmente, o dinheiro pode destruir as pessoas. Os atores, por exemplo, ganham tanto dinheiro que, aos poucos, perdem a felicidade. Até hoje é uma alegria para mim vestir uma camisa que acabei de comprar. Se Neymar deixar de ser feliz, as coisas poderão ir mal. Por isso, sempre rezo para que ele fique protegido, pois é um menino de ouro. Nascido sob uma boa estrela.

CAPÍTULO 6 – O DESAFIO FÍSICO

Fernando Fernández é um homem que se dedicou tanto a Neymar que o consideram parte da família.

Quando jovem, Fernando esteve tão ocupado em aprender e treinar diferentes modalidades de esporte que não se tornou especialista em nenhuma. Sua curiosidade não lhe permitiu fazer do esporte um meio de vida. Contudo, ele escolheu se concentrar em ensinar, se formou em educação física e, hoje em dia, é preparador físico do Santos.

Neymar tinha 13 anos quando conheceu seu preparador físico Fernando Fernández, no Liceu São Paulo. Desde então, eles trabalharam juntos, tanto no Liceu quanto na categoria de base e no time principal do Santos. E que trabalho! Aos 13 anos de idade, Neymar era magérrimo.

– Ele pesava 40 quilos e tinha apenas 5% de gordura corporal. É quase o mínimo necessário para que as funções vitais do corpo não falhem – diz Fernando, que encontramos na sala de reuniões do CT Pelé, no centro esportivo do Santos, onde Muricy podia analisar vídeos e explicar o que esperava dos jogadores nas partidas.

Fernando Fernández foi para Neymar o que Atílio Suarti foi para Neymar pai em Mogi das Cruzes: o mecânico que repara, conserta e melhora o jogador de futebol para que ele possa dar o melhor de si.

– Embora fosse baixinho e magro, ele tinha uma capacidade extraordinária – explica Fernando. – Sua habilidade técnica, que não é minha responsabilidade, naturalmente me impressionou. Mas o que mais me chamou a atenção foi a disposição, a força, apesar do tamanho; a agilidade e a capacidade de se livrar de adversários maiores e mais fortes no corpo a corpo.

A tarefa de Fernando passou a ser desenvolver a massa corporal de Neymar sem afetar sua rapidez e sua agilidade. Ao mesmo tempo, Neymar precisava ganhar peso. Com 14 anos, o jogador recebeu um

regime especial do Santos, elaborado por Fernando em parceria com um nutricionista. Neymar também começou a treinar com pesos três vezes por semana. No transcurso de seis meses, ele engordou dez quilos.

– Naquela época, havia uma preocupação com o que Neymar comia ou deixava de comer e também com seu padrão de sono. Orientamos os pais dele na dieta e no programa de treinamento, porque interessava ao clube e ao filho deles que fossem seguidos. Havia então uma desproporção enorme entre Neymar e os outros garotos – explica Fernando, que vigiou muito de perto para que Neymar cuidasse de sua dieta.

– Em grande parte, eu era responsável por fazer que ele tomasse o suplemento alimentar todos os dias. Então, quando ele chegava ao treino, eu já tinha preparado uma vitamina que era uma coleção de carboidratos. Eu sempre lhe dizia: “Beba, Neymar!”. Nas pausas dos treinos, eu lhe dava outra vitamina e, depois do treino, outra. “Beba, Neymar!” – repete Fernando, sorrindo.

Beba, Neymar! O mantra foi importante para um adolescente que estava quase em constante movimento, como se fosse o coelhinho da Duracell cheio de Red Bull. E agora ele queimava a gordura que antes não tinha.

Fernando continua:

– Os suplementos alimentares eram importantes por causa de sua fraca musculatura e também por causa de seu alto consumo de energia, já que ele era um atleta muito dinâmico que nunca ficava quieto (e que não fica até hoje). Era isso. Assim fomos obrigados a lhe dar energia renovada rapidamente, para que a musculatura dele não se debilitasse e se mantivesse em um nível aceitável no qual pudesse se desenvolver.

O trabalho surtiu efeito.

– Foi possível ver claramente o resultado do nosso trabalho nos jogos que ele disputou depois. O técnico do time na época, Antônio Lima dos Santos, também me disse durante uma partida: “O menino ficou mais forte. Sim, agora aguenta. Fica de pé quando lhe dão um empurrão com o ombro”. Fiquei feliz de ouvir isso. Em outras palavras, havíamos alcançado nosso objetivo.

Hoje, quando vemos Neymar no corpo a corpo com marcadores muitas vezes altos e fortes, vemos o resultado do treino com Fernando Fernández. Deveria ser simples livrar-se dele com empurrões, como uma folha ao vento. Mas não é. Ele é mais forte do que parece.

– É claro que trabalhamos todo o corpo quando treinamos. As pernas têm prioridade, mas também focamos o estômago, o peito, os ombros, as costas e os braços. Quando vir Neymar jogar, preste atenção em como ele usa os braços. É um sistema no qual trabalhamos como proteção, para quando se está diante de um adversário forte – diz Fernando, fazendo um movimento com o braço como que afastando um homem invisível.

Como preparador físico, Fernando não poderia ter um atleta melhor do que Neymar. Ele fala de um garoto disciplinado e perseverante que sempre segue os seus conselhos e obedece às suas ordens.

– Há algumas qualidades no Neymar que chamam muito a atenção. Uma é a paciência. Não importa que desafio lhe apareça, ele é paciente e está pronto para esperar. Se o desafio é desenvolver massa muscular, se o desafio é jogar melhor, se o desafio é ganhar troféus de melhor jogador do mundo, ele trabalha disciplinadamente para conseguir. A segunda é a força criativa. Sua capacidade de criar é enorme. Eu trabalhei com ele durante muitos anos e, quando vejo o que se tornou, me surpreendo. Superou as previsões e esperanças mais otimistas que eu tinha com relação a ele. É muito criativo. Pensa com a velocidade de um raio quando joga. Essa conexão rápida entre pensamento e ação é insuperável.

Quando as coisas não saem bem para Neymar, não é indiferente para ele, de jeito nenhum.

– Quando o time perde um jogo, ele sente de verdade. Dá para ver na expressão do rosto dele. Há raiva. Porque ele não jogou bem ou porque o time não esteve suficientemente bem. Se, em especial, ele não jogou bem, fica furioso. Isso o incomoda muitíssimo.

No entanto, é difícil para Neymar manter a seriedade por muito tempo.

– Neymar é um garoto tranquilo, calmo e bem-educado. Mas não se engane, ele não perde a chance de tirar sarro de você. Está

sempre brincando com os outros jogadores e zombando deles. É esse tipo de pessoa que, quando se sente em casa, domina a situação. Quando tem que dar voltas no campo, ele quer estar na frente de todos para fazer careta aos que seguem atrás. Às vezes, foge dos outros só para que passem e possa gozar deles. Sempre leva uma bola nas mãos ou nos pés, a qual tenta fazer passar pelo meio das pernas ou por cima da cabeça dos colegas. Sempre contribui com a diversão e a gozação e cria um ambiente descontraído no time. Assim tem sido todos os anos, desde que o conheço. Lembro-me de uma vez que, por causa do meu aniversário, ele despejou uma garrafa de Gatorade na minha cabeça. Tinha 15 anos e continua pagando por isso, pode apostar! Como pode alguém fazer isso com o treinador? Não pode, mas ele fez! – diz Fernando, deixando fluir os pensamentos.

– Calma, tenho outras lembranças dele que mostram outro lado. As melhores lembranças são, de fato, duas, do tempo das categorias de base. A primeira mostra a fome de futebol que ele tem e a sua maneira humilde de se comportar. Com 15 anos, já era conhecido, e a imprensa o seguia o tempo todo. O clube sabia que ele era um diamante que precisavam guardar. Estávamos treinando em um campo que ficava em um quartel, ensaiando finalizações, chutes ao gol, e uma bola passou por cima do gol e foi parar num matagal. Neymar correu para buscá-la, mas, quando voltou, trouxe duas bolas. A nossa e uma bola velha, gasta, que havíamos abandonado havia muito tempo. Quando o treino terminou, Neymar me disse: “Treinador, guarda essa bola, por favor?”. E eu disse: “Sim, claro”. Depois, fomos à Vila Belmiro. Eu tomei banho, me vesti e estava na minha sala, pronto para ir para casa, quando bateram à minha porta. Entrou Neymar: “A bola”, disse ele. “Que bola?”, eu perguntei. “A bola que eu encontrei!” “O que você vai fazer com essa bola velha?” “Eu quero levar, porque agora vou jogar na praia com os meus amigos.” Uma bola *velha*. Não tinha necessidade de ele se conformar com uma bola velha, mas, sim, ele precisava jogar com os amigos com *aquela* bola.

Fernando continua:

– A segunda lembrança que tenho mostra um lado humano e bondoso. Chegamos em casa depois de uma longa viagem; havíamos

ficado 30 dias fora. Era aniversário dele, e ele me convidou para a festa. E então disse: “Treinador, posso perguntar uma coisa?”. “Sim, claro”, eu disse. Nós tínhamos um jogador chamado Negrinho, que jogava muito bem e gostávamos muito dele. Então Neymar falou: “Na Nike, me deram dois pares de chuteiras novas, e o Negrinho não tem chuteira. Dou um par para ele?”. Eu lhe respondi que sim, claro, e ele deu a chuteira ao Negrinho. Esse é o lado humano do Neymar. O que ajuda, o que pensa nos amigos. Não importa que ele esteja onde está hoje, que seja o jogador que marcou o melhor gol do mundo. Em minha opinião, Neymar não mudou, foi a vida dele que mudou. Neymar continua sendo o mesmo garoto.

E como Fernando vê o mundo depois que Neymar trocou a Vila Belmiro pelo Barcelona?

– Quando trabalhamos no mundo do futebol, sabemos que é natural os jogadores mudarem de time ou o elenco abandonar o clube depois de um tempo. As pessoas se separam, é normal. Estamos acostumados a nos despedir das pessoas. Nessa hora, você fica triste, porque se trata de um amigo, um bom jogador e alguém com quem você sempre esteve. Muitas vezes, você sente que é como um filho. Um filho que você viu crescer e que hoje está pronto para voar.

CAPÍTULO 7 – OURINHOS

Reginaldo Fino era, provavelmente, o homem mais orgulhoso do Brasil quando abriu a escola de futebol CT Neymar, em 2011. O nome da escola é uma homenagem a seu antigo aluno Neymar da Silva Santos Júnior, que apareceu para a inauguração.

O Santos deu a Fino o papel de diretor da escola, como agradecimento pelos muitos anos de trabalho com os grandes talentos do clube nas categorias de base.

O Santos tem uma rede de escolas de futebol que se estendem pelo estado de São Paulo, e é só a de Reginaldo Fino que leva o nome daquele que talvez seja hoje o maior talento do mundo em termos de futebol.

Essa escola específica fica no abafado interior do estado de São Paulo, onde se podem ver carroças e homens de chapéu de vaqueiro seguindo pelas poeirentas ruas. O nome da cidade é Ourinhos, um lugar apropriado para Fino, que aperfeiçoou uma série de jovens talentos brasileiros. Alguns deles se converteram em ouro puro, sendo o trio Robinho, Diego e Neymar o de maior quilate.

Fino não ficou rico nem conhecido, mas, como diz ele:

– Eu não estou interessado na riqueza nem na fama. Estou interessado no sucesso.

Quando abriu a escola, a pequena cidade estava em festa. E Neymar também, segundo Fino. A inauguração foi um sucesso.

– Havia 5 mil pessoas e ele tratou todo mundo bem. Todos viram o carisma dele e todos, sem exceção, falavam bem dele, incluindo os torcedores do Corinthians, do Palmeiras e do São Paulo que também estavam ali – conta Fino, referindo-se à rivalidade que existe entre os grandes clubes de São Paulo.

O próprio Reginaldo Fino jogou nas categorias de base do Santos e da Portuguesa Santista, mas seu talento não foi suficiente para convencer o pai a apoiar seu sonho no futebol. Em vez disso,

ele insistia que Fino precisava ter um diploma. Ele teve, em gestão e administração de empresas, mas continuou jogando futebol no tempo livre e, quando teve a chance de se tornar treinador, foi em frente.

Fino é a modéstia em pessoa, ainda que tenha treinado estrelas do futebol brasileiro, como Robinho, Diego e Neymar e muitos outros das categorias de base do Santos. Poderia estar de pernas para cima em Ourinhos, desde o nascer do sol até quando as longas sombras alcançam as ruas da cidade. Mas não faz isso. Faz aquilo em que acredita.

– Eu sempre dizia a Neymar que a maior vitória dele é a humildade, que ele tinha que continuar humilde porque pode acontecer de tudo neste mundo. Se você vive na ostentação, logo perde amigos e, em vez disso, fica rodeado de pessoas que se interessam pelo seu dinheiro.

Quando as grandes estrelas se tornam conhecidas das massas, há quem fique na sombra, embora tenham grande influência na carreira do jogador. Mas Neymar apresentou Fino em Ourinhos para que outros meninos e adolescentes conhecessem e aproveitassem o compromisso dele com a escola.

Fino mostrou o estádio do CT Neymar, que não foi construído para a ocasião; era o velho estádio da cidade, com um encanto e um campo de vários anos. Os jogadores da escola têm entre seis e 16 anos e, com a permanência, asseguram a participação nos torneios do estado e dos estados vizinhos. E também podem visitar os seus heróis na Vila Belmiro.



Reginaldo Fino no CT Neymar

– Aqui, na região de Ourinhos, trabalhar no futebol é um pouco mais difícil do que em Santos. Neymar era muito pobre e não tinha possibilidade de ir sozinho treinar. É comum entre os treinadores de Santos buscar ajuda de patrocinadores ou pessoas que invistam no futebol. Esse ambiente não existe aqui. Neymar e a irmã conseguiram uma bolsa em um dos melhores colégios de Santos, transporte para ir e voltar para a casa, alimentação, uniforme e livros. Ele teve ajuda de muita gente na cidade. Se você pega um garoto pobre de Ourinhos que joga futebol bem, não tem ninguém que o ajude nem o patrocine. E, se os pais não tiverem dinheiro, ele não poderá jogar futebol. Todos ajudaram o Robinho, e ele era ainda mais pobre do que o Neymar. E eles chegaram onde estão depois de ter conseguido ajuda de muita gente – diz Fino.

Como acontece com muitos outros jogadores, sabe-se que o talento não surge do nada. Sempre se deve a muitos fatores. No caso

de Neymar, a equação parece ter sido levada ao extremo. Que tipo de coisas já ouvimos?

Havia outros da geração dele que tinham o mesmo potencial.

Betinho só tinha olhos para ele.

Você tem que se dedicar em campo para merecer a bolsa.

Você é o novo Robinho!

É a vontade de Deus...

Sem a ajuda de outras pessoas, não existiria Neymar.

O jogo, a intuição, a inovação, a alegria de jogar e o entusiasmo são as primeiras palavras que vêm à cabeça quando se vê Neymar com uma bola. Ele adora a bola, quando a aquece e a acaricia, quando brinca antes de fazê-la rolar entre as pernas dos adversários, de jogá-la por cima da cabeça deles ou de mandá-la para cima de sua própria cabeça e da do adversário com as pernas juntas... Mas o treinamento, o desgaste semanal no calor dos trópicos ou debaixo das chuvas fortes (mais do que conhecidas em Santos) lhe despertam quase o mesmo carinho. É o que contam no Grêmio Praia Grande, é o que diz Betinho, é o que comenta o preparador físico Fernando Fernández e é o que afirma Reginaldo Fino. Alguma verdade tem que haver nisso.

Para Fino, no fim das contas, diante de tudo, Neymar pegou no batente.

– Na minha opinião, o talento de Neymar é, sem dúvida, um grande motivo para ele ter chegado ao que é hoje, mas também há um grande trabalho de treinamento por trás desse sucesso. Acredite. Ele sempre estava treinando como se fosse uma competição e disputava cada partida como se fosse uma final. Era muito dedicado e mais disciplinado do que os demais jogadores. Sempre chegava ao treino na hora certa, nunca tinha preguiça e trabalhava constantemente para melhorar, o que o diferencia, em todos os aspectos, dos outros jovens com os quais trabalhei. Muitos jogadores brasileiros jovens acham que são estrelas desde o dia em que chegam a um novo clube. Isso não aconteceu com Neymar. E é um garoto que adora futebol.

As habilidades de Neymar no futebol têm como base os campos de areia do quintal de casa, a rua, as quadras de futsal de Santos e as praias planas do litoral paulista. Ele só pisou no gramado de um

clube quando completou dez anos. Assim, pode-se dar ao futsal grande crédito por muitas das habilidades que se encontram na surtida caixa de ferramentas dele, como dizem inclusive Betinho e o próprio jogador.

Para Fino, o futsal não só serviu para desenvolver as destrezas de Neymar no futebol, como também para torná-lo mais forte emocionalmente.

– O futsal é muito importante para melhorar a técnica de qualquer jogador. Neymar jogou no Liceu São Paulo numa época em que os torneios de Santos eram muito fortes. E exigiam muito dele para que tivesse uma técnica perfeita. Ele vem disputando jogos importantes e finais de campeonatos em pavilhões cheios de espectadores desde que tinha seis anos de idade, por isso o futsal não o ajudou só na parte técnica, mas também nos planos emocional e sentimental, porque o ensinou a lidar com esse tipo de jogo desde muito cedo.

Robinho, Diego e Neymar – o trio de Fino – são todos filhos do futsal. Eles têm em comum a condição de estrelas, mas, segundo Fino, como pessoas e jogadores de futebol, não poderiam ser mais diferentes. Se enganam aqueles que, para bem ou para mal, pensam que Neymar é “só” um novo Robinho.

– Neymar é uma mistura de Diego e Robinho. É o talento de Robinho e a força de Diego. Técnica fantástica e uma força de vontade enorme. Uma empolgação tremenda em jogar futebol somada a um grande talento. Há jogadores que jogam por natureza, e assim é Neymar. Ele fará de tudo para ganhar a Bola de Ouro e ser o melhor do mundo. Estou convencido de que alcançará esse objetivo – diz Fino.

Sobre Robinho, ele diz:

– Tecnicamente, Robinho tinha muito talento. Já com cinco ou seis anos era um fantástico driblador, mas não era um jogador enérgico, com uma força de vontade grande. Com cinco ou seis anos, jogando futsal, começava a driblar lá de trás, um, dois, três, quatro adversários e, *pum*, gol. Ninguém conseguia tirar a bola dele. Cresceu e já era bom tecnicamente, mas os adversários também cresceram e aprenderam a marcá-lo melhor, e ele já não podia

driblar todos. Robinho também carece de força de vontade, por isso não teve um sucesso tão grande quanto seu talento fazia prever.

Sobre Diego, comenta:

– Eu trabalhei com Diego quando ele tinha 12 anos. Tinha uma boa técnica, era muito enérgico e tinha uma força de vontade enorme. Corria por todo o campo, marcava, subia correndo para o ataque e descia correndo para defender. Era muito aplicado na hora de treinar e dava bronca nos colegas se eles não seguiam o treinamento. Diego sempre teve problemas devido ao temperamento. Ele se irrita facilmente. Se o técnico não está da maneira como ele gosta, ele se irrita com ele. Nós também tivemos problemas com ele, nos sentamos muitas vezes e eu lhe disse: “Se você não mudar, não terá sucesso como profissional. Sim, você será um jogador profissional, não tenho nenhuma dúvida. O problema não é chegar lá, mas se desenvolver bem como profissional”.

Mas o que a fama, o dinheiro e os títulos fazem com a fome de futebol quando se tem tudo do que um jovem de 20 anos precisa? Muitas estrelas brasileiras têm uma decaída quando se aproximam dos 27 ou 28 anos. O entusiasmo costuma desvanecer. O que fazer quando já se viu tudo e já se ganhou tudo?

Ronaldo Fenômeno poderia ter conseguido ainda mais? Por que o excesso de peso da última fase de sua trajetória terminou em um reality show? O que aconteceu com o sorriso e a velocidade de Ronaldinho após oferecer shows sem igual no Barcelona? O que houve com Adriano, que disparava a bola dentro da rede como se fosse um canhão?

Reginaldo Fino, assim como muitos que se interessam por futebol, tem vários palpites sobre essas perguntas.

– Ronaldo Fenômeno sempre esteve ansioso por jogar e ter um rendimento de alto nível, mas o que tornou seu declínio inevitável foram as lesões. A operação do joelho, depois a operação do outro joelho e depois mais uma operação. E, apesar de estar recém-reincorporado aos treinamentos, fez uma Copa do Mundo fantástica em 2002, foi campeão e, depois, nomeado o melhor jogador do mundo. Então, no caso de Ronaldo, foram as lesões que fizeram que ele não pudesse manter um nível alto. Adriano era um bom jogador, mas não um fenômeno, como Ronaldo e Neymar. Era um atacante

forte e de qualidade, bom em sair das marcações dos adversários e fazer gols. Quando começou a ganhar muito dinheiro na Europa, deixou de se concentrar no futebol e relaxou com a disciplina. Começou a sair à noite e a gastar dinheiro, em vez de ser disciplinado. E, se você faz isso, seu nível cai rapidamente. Já Ronaldinho Gaúcho se parece muito com Neymar em termos de técnica e rapidez. Quando ele estava no auge, no Barcelona, era fantástico; mandava a bola por cima dos adversários duas ou três vezes, passava por eles e ninguém conseguia pará-lo. Foi eleito o melhor jogador do mundo. Para ser sincero, eu também me pergunto como ele pôde perder tudo isso tão rápido. Ele continuava jovem, com 27, 28 anos. Acho que o único jogador que perdeu a fome e que *não devia* ter perdido foi Ronaldinho Gaúcho – diz Fino, para quem os pais de Neymar são a chave para conservar a fome dele. – Acho que, se o seu pai e a sua mãe continuam ao seu lado quando você tem 27, 28 anos, você provavelmente não perderá esse prazer pelo futebol. Eles farão o que for preciso para fazê-lo continuar se esforçando. Espero que o Neymar conserve a motivação. Espero que ele nunca perca o ânimo.

Por outro lado, Fino não descarta totalmente que isso ocorra.

– Pode acontecer de um jogador que entra em cena cedo se deparar com grandes exigências e ter que renunciar a uma vida social e familiar normal. Quando tiver 27, 28 anos, ele terá levado dez anos nesse ritmo, e talvez seja essa a razão pela qual perdem o entusiasmo. Não pelo jogo, mas pela vida que se leva como jogador de futebol. Os jogadores não suportam estar presos a treinamento durante tantos anos. Um jogador que ganha um milhão de euros por mês durante dez anos e chega aos 27 pode pensar: “Não tenho que provar mais nada”.

Naquela época, Reginaldo Fino considerava se tornar representante de Neymar; e não era um pensamento distante. Mas esse não era o trabalho dele. Certamente, poderia ter ficado rico com uma entrada fria e calculista no esporte. Essa, no entanto, nunca foi a sua missão.

– O sucesso é conseguir o que se planejou. Apesar de tudo, consegui ser bem-sucedido em uma área da vida e, às vezes, me sinto orgulhoso pelo que conquistei. Contribuí para ajudar alguns

dos melhores jogadores de futebol do mundo dentro e fora do campo. Sempre tive e continuo tendo muita vontade de descobrir novos talentos. Naquela época, ninguém sabia nada de Neymar e eu disse a um homem: “Um dia sairá um jogador que se chama Neymar”. Ele me perguntou: “É tão bom quanto Robinho?”. “Não, é melhor do que Robinho!”, eu disse. Se digo hoje que um jogador é bom, me perguntam se será tão bom quanto Neymar.

Generoso como ele é, Fino revela o nome de um jogador que será melhor do que Neymar. Mas isso é outra história...

CAPÍTULO 8 – SOU MUITO FELIZ

Ele está sentado, olhando com timidez para os jornalistas que compareceram à coletiva de imprensa na Vila Belmiro. O contato visual com o público se reduz a frações de um atento segundo, antes de baixar os olhos para o tampo da mesa. O cabelo está curto, raspado com máquina, o corpo é magro como o de um menino e o aparente sorriso revela um aparelho fixo nos dentes de cima e de baixo.

Na sala está o pai, como um escudo que pode ser usado se a artilharia verbal se aproximar muito.

Os jornalistas presentes na coletiva de imprensa querem saber mais sobre ele, o garoto-maravilha de 17 anos. Saber mais sobre o que já viram no campo de futebol nas últimas semanas.

Nesse momento, Neymar não era exatamente uma novidade. Ele já era anunciado havia vários anos, mas agora todos o tinham diante dos olhos, durante um curto e intenso momento.

Uma nova estrela era exatamente o que queriam a mídia e o país. Algo sobre o que escrever, algo com que se alegrar após maus momentos com um abatido Adriano, um estatelado Ronaldo a caminho da aposentadoria e um Ronaldinho em um limbo constante entre a vertiginosa genialidade e a horrível banalidade. Alguém tinha de surgir das cinzas. Seria ele?

Neymar estreou no Santos no dia 7 de março de 2009, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, em um jogo do Campeonato Paulista, contra o Oeste. Em seguida, foi comparado a uma das estrelas da história recente do clube, o atacante Robinho, com quem realmente tem muitas coisas em comum. Até aí, tudo bem.

O primeiro gol de Neymar foi no terceiro jogo dele com o time principal, contra o Mogi Mirim, no Campeonato Paulista.

O meia Paulo Henrique Ganso fez o primeiro, o atacante Roni marcou o segundo e tudo caminhava como devia caminhar quando

um clube grande, como o Santos, enfrenta um adversário menor, como o Mogi Mirim nos campeonatos estaduais.

E, então, por fim, aconteceu: aos 27 minutos do segundo tempo, Neymar chegou quase voando à pequena área e cabeceou a bola lançada da lateral esquerda por Roni, balançando a rede do Mogi Mirim. Era o primeiro gol do novo garoto de ouro do Brasil.

Neymar pulou com o pulso fechado, flutuou no ar *como algo que já se viu antes...* E, quando voltou ao chão, levantou os indicadores e o olhar para o céu escuro.

A alegria tomou conta.

Milton Leite, veterano comentarista da Rede Globo, provavelmente percebeu que as palavras que ia dizer entrariam para a história. De maneira totalmente improvisada, ele disse:

– Gooooooooooooooooool do Santos! O que pode ser um gol histórico. Neymar, de cabeça [...]. O garoto do Santos brilha, o garoto do Santos vai conquistar rapidamente a torcida!

O público recebeu o gol com gritos compactos e compassados. – Neymar, Neymar, Neymar, Neymar, Neymar!

Na cobertura das redes de televisão após o jogo, Neymar pôde ouvir comparações de seu jogo com o de Pelé, a maior estrela de todos os tempos do Santos e da Seleção Brasileira (talvez do mundo, mas isso depende da afiliação religiosa-futebolística de cada um).

Neymar passou de Robinho a Pelé em três jogos e estava lá, sentado com uma atitude um pouco imatura, diante, pela primeira vez na vida, da presença massiva da imprensa brasileira. Estava exposto como as paredes de uma quadra de squash.



Vila Belmiro, uma catedral com seus próprios fiéis

Da sala de imprensa, saíam perguntas para Neymar. Ele se animou, participou do jogo e respondeu o melhor que pôde.

– *Você ficou surpreso com a grande cobertura da mídia e com a alegria dos torcedores depois do jogo de ontem no Pacaembu? É mais do que você esperava?*

– Sim, é mais do que eu esperava. As pessoas estavam entusiasmadas comigo, e eu estou feliz por ter esse privilégio. Sou muito feliz.

– *Neymar, você tem 17 anos. A maioria dos garotos da sua idade tem uma vida muito diferente da sua. Vão ao colégio, vão ao shopping e a festas. O que mudou na sua vida?*

– Quase tudo. Não é só isso de ir ao shopping e a festas, que não faço muito e também não tenho que fazer. Há outras coisas que tenho que escolher. Por exemplo, o colégio. Seria duro ter que ir ao colégio depois do treino da manhã e da tarde. Então, por causa do

meu trabalho de jogador de futebol, não tenho esse privilégio que têm os outros, que podem estudar.

– *Do que você mais sente falta?*

– Do que eu mais sinto falta? Sinto falta da bagunça e da diversão do colégio.

– *Você já jogou três jogos como profissional. Você sente que é capaz de decidir jogos?*

– Não, acho que não. Estou aqui para ajudar o time a ganhar jogos.

– *Você se interessava pela parte tática do jogo desde pequeno ou passou a se interessar agora, como profissional?*

– Sempre tentei fazer o que o técnico me pedia. Não só como profissional, mas também como pessoa, aspirava fazer o que o técnico me pedia... E um pouquinho mais.

– *Roni o elogiou muito e vimos que, depois do gol de ontem, seus colegas foram abraçar você. Depois você abraçou Roni. Gostaria que você nos contasse o que ele significa para você, se o ajuda muito. E uma segunda pergunta: a comemoração ao estilo Pelé foi uma homenagem? Foi espontâneo? Você vai comemorar os gols do mesmo jeito de agora em diante ou foi só uma comemoração para esse gol?*

– Sobre o Roni, eu aprendo muito com ele. Não só com as coisas sábias que me diz, mas ele também me ajuda muito fora do campo, em geral. Sou um grande admirador dele. Quando marquei o gol, queria agradecê-lo, pois foi ele quem passara a bola para mim. Sobre a comemoração, foi algo que meu pai me pediu que fizesse. Meu pai é fã do Pelé e me pediu para homenageá-lo no dia que marcasse meu primeiro gol como profissional com o Santos. Era o sonho dele e, graças a Deus, esse sonho se realizou.

– *Gostaria que você contasse algo sobre uma pessoa que teve grande importância no descobrimento do Robinho, que é o Betinho. Parece que ele tem bom olho, porque também trouxe você para o Santos. Betinho é responsável por todo mundo na Europa falar do Robinho e por você logo jogar em um grande clube europeu. Fale para a gente sobre ele.*

– Betinho foi uma pessoa muito importante para mim. Ele me abriu as portas do futebol. Desde que eu era pequeno, ele me treinou e trabalhou comigo. Não me ajudava só no futebol, mas

também financeiramente. Ele ia me buscar e me levava aos treinos. Eu só tenho a agradecer a ele.

– *Vi que, enquanto você responde às perguntas, seu pai está sentado, olhando com um ar sério e concentrado. Eu sou mãe e posso imaginar como ele se sente. O que ele diz para proteger você?*

– Ele se envolve muito. Eu gosto de usar colares e brincos, mas ele diz: “Não, você não pode usar isso”.

– *Ele sempre acompanha você? É bom ter um pai assim?*

– Sim, e ele não me acompanha só agora. Ele vai comigo a todos os jogos desde que eu era pequeno.

– *Você estreou como profissional, estreou com o time principal e agora vai jogar o seu primeiro clássico [contra o Corinthians de Ronaldo]. Em que momento você esteve mais nervoso? E o que espera desse jogo extraordinário?*

– Nervosismo eu só tive quando estreei com o time principal. Acho que vou estar mais tranquilo no clássico. É o que eu acho, mas vamos ver.

– *Como você acha que será o encontro com Ronaldo? Imagino que ele era um dos seus ídolos quando você era pequeno.*

– Para mim, é um sonho jogar contra Ronaldo. Vou ficar muito feliz em conhecê-lo. Claro que sou um fã dele.

– *Eu lembro que, aos 13 ou 14 anos, você me disse: “Quando eu tiver 16, serei profissional”. Você se tornou profissional com 17 anos. Com que idade estreará na Seleção?*

– Só Deus pode responder a isso; eu não sei.

– *Apesar de ser muito jovem, você demonstra uma grande personalidade em campo. De onde vem isso?*

– Acho que vem de casa, do meu pai e da minha mãe, e do Wagner [Ribeiro], que me ajuda muito e conversa muito comigo. Mas acho que vem principalmente de casa...

Sem dúvida, 2009 foi um bom ano de estreia para Neymar. Ele tinha boas razões para estar feliz. Chegou à final do campeonato estadual com o Santos, mas perdeu de 4 a 0 contra o Corinthians de Ronaldo.

Ainda assim, não ficou completamente sem títulos, já que ganhou o prêmio de jogador revelação do torneio.

Neymar estreou com a camisa da Seleção em março de 2008, na categoria sub-16, na Copa Internacional do Mediterrâneo. Mais tarde, nesse mesmo ano, jogou a Copa Internacional Toyota na mesma categoria, no Japão.

O primeiro torneio de grande relevância internacional chegaria um ano mais tarde, em 2009, quando Neymar representou o Brasil no campeonato mundial sub-17 da Nigéria. Uma equipe de televisão cobriu os treinos das jovens estrelas em começo de carreira na África e se concentrou, especialmente, em dois jogadores que nesse momento eram considerados os maiores talentos do futebol brasileiro: Neymar e Philippe Coutinho.

Coutinho falava como um jogador experiente que concedeu centenas de entrevistas em sua carreira, enquanto Neymar era um pouco mais tímido, reservado em suas expressões. Diante das câmeras, entre os jogadores, Neymar era o que parecia mais tímido de todos. Mas nem sempre devemos acreditar no que vemos pela televisão.

– Neymar não sabe ficar quieto. Aqui, ninguém consegue dormir à noite quando ele está de brincadeira e fazendo bagunça – diz Coutinho, com um sorriso.

Os dois talentos jogavam baralho e video game com os outros colegas de equipe quando não estavam treinando, mas sabiam que aquele mundial era algo sério e que o time tinha a grande responsabilidade de representar o futebol brasileiro dignamente na África. Neymar e Coutinho, contudo, não queriam assumir toda a responsabilidade, apesar de serem as duas estrelas e de já ganharem dinheiro no Santos e no Vasco da Gama, respectivamente.

– Cada um de nós tem um lado para resolver, e vamos dividir a responsabilidade com todos. Eu acho que a responsabilidade pelo sucesso está repartida entre o time todo – diz Coutinho.

Neymar completa:

– Não é porque somos profissionais que somos obrigados a assumir toda a responsabilidade. O time todo é responsável pelas vitórias e pelas derrotas.

O adversário dos brasileiros no primeiro jogo foi o Japão. A partida aconteceu na grande cidade de Lagos; o homem do apito era Howard Webb; e as vuvuzelas faziam tanto barulho quanto um enxame de abelhas no renovado estádio Teslim Balogun.

E, ali mesmo, Neymar e Coutinho assumiram, de fato, a responsabilidade por fazer a diferença quando necessário.

O placar marcava 1 a 1 quando Coutinho rompeu a alta zaga japonesa com um passe em profundidade para Neymar, que, de frente para o goleiro, lançou a bola para um lado enquanto foi para o outro, correu até a bola e a meteu no gol pouco antes de os zagueiros chegarem. No fim, 2 a 1 e um excelente começo para o Brasil, que, é preciso dizer, teve a sorte de ganhar depois de ficar preso pelos japoneses no campo de defesa no final do jogo.

O gol causou sensação: “Um raro momento de genialidade”, escreveu o site Fifa.com sobre a colaboração de Neymar e Coutinho no gol.

Mas, depois disso, as genialidades brasileiras foram mais ou menos. O Brasil não passou da fase de grupos depois da derrota para o México e para a Suíça (que foi a campeã do torneio) e teve de fazer as malas.

O saldo total de Neymar na temporada foi: um único gol em três jogos com a Seleção juvenil e 14 gols em 48 jogos com o Santos.

Era para estar orgulhoso, tendo apenas 17 anos. Mas Neymar só estava aquecendo os motores para chegar a algo maior.

CAPÍTULO 9 – BRASIL, IDA E VOLTA

Em sua segunda temporada como profissional, em 2010, Neymar fez um tour pelo país com o Santos, passando pelos quatro cantos do Brasil, dos pequenos campos do interior aos enormes estádios das grandes cidades.

Quando a viagem chegou ao fim, Neymar havia marcado 42 gols em 60 jogos, divididos em três torneios. Ele irrompeu na cena nacional como algo mais do que um simples talento (passou a decidir jogos) e começou a olhar com mais maturidade e autoconfiança para os jornalistas quando eles o rodeavam após as partidas. Talvez o fato de ele e o Santos terem tido uma série de sucessos ao longo do ano tenha ajudado.

Existem três torneios importantes no Brasil: o campeonato estadual, a Copa do Brasil e o Brasileirão, que é o campeonato nacional.

Ao contrário do que acontece na Europa, os torneios brasileiros são disputados dentro de um ano. Só no Natal e no Carnaval, que são festas sacras, os jogadores têm o respiro necessário em um apertado calendário.

Entre janeiro e maio, os principais clubes de cada estado competem para ver quem é o melhor da região. O Santos joga o campeonato do estado de São Paulo.

O Campeonato Paulista pode parecer um torneio menor para aqueles que não estão acostumados com esse sistema de competição, mas existem muitos motivos para levá-lo a sério. Para o público, existe a possibilidade de ver os grandes times locais se enfrentarem nos clássicos, e os clubes pequenos têm a oportunidade única de se provar diante de times muito melhores.

Para os clubes mais preparados, o torneio pode ser o primeiro passo para algo grande. A matemática é assim: se um time fica entre os dois ou três melhores do estado (os critérios variam), ele se

classifica para a Copa do Brasil e, se for campeão da copa, consegue uma vaga para a competição de maior prestígio da América do Sul, a Libertadores da América.

Em vez de lutar durante 38 rodadas no formato tradicional da primeira divisão e ficar entre os quatro primeiros para chegar à Libertadores, soa razoável apostar tudo no campeonato estadual e na Copa do Brasil, em que os adversários podem ter um nível muito mais acessível.

Em 2010, isso parecia fazer sentido para o Santos, que pegou Robinho de volta, cedido pelo Manchester City, para dar um último toque ofensivo para o time. A chegada dele ganhou destaque, como pedia o momento, com Robinho descendo de helicóptero no gramado da Vila Belmiro.

Ao sair da aeronave, ele deu um aperto de mão no mascote do Santos, uma animada orca que o acompanhou até atrás do gol, onde estavam os torcedores. Lá, Robinho fez embaixadinhas e deu toques com a bola para divertir o público, enquanto a mascote animou as massas. O ídolo voltou para casa, mas não como salvador.

Enquanto esteve fora, Robinho foi superado por Neymar, e, à medida que o Campeonato Paulista avançou, ficou claro quem era o novo chefe da Vila Belmiro. Neymar jogou 19 partidas no torneio, marcou 14 gols e foi eleito o melhor jogador do campeonato.

– O time tinha exclusivamente jogadores muito jovens, mas conseguíamos as coisas. Jogávamos com sorriso no rosto e nos divertíamos. A alegria do time nos contagiava, e acho que por isso foi tão bem – diz Neymar sobre esse torneio.

Com a vitória no campeonato estadual, o Santos se classificou para a Copa do Brasil. Um simples torneio mata-mata com 64 times e uma deliciosa fatia de Libertadores para o vencedor.

Com a classificação por meio dos resultados nos campeonatos estaduais, todo o Brasil está representado nessa Copa. A competição mostra a diversidade do país. Os clubes humildes dos estados menores têm a possibilidade de medir forças com os potentes clubes das grandes cidades. É verdade que isso tem seu encanto, como a FA Cup inglesa, mas os resultados logo aparecem. Por exemplo, o Santos ganhou de 10 a 0 do Naviraiense, um time pequeno do Mato Grosso do Sul, com um estádio para seis mil pessoas. Ali, há mais

tradição em criação de gado do que em futebol. Os jogadores do Naviraiense viajaram mais de mil quilômetros para serem massacrados pelo Santos na Vila Belmiro. Os goleadores foram Neymar (2), André (3), Madson (2), Ganso, Robinho e Marquinhos, todos relativamente jovens, o que contribuiu para o apelido “meninos da Vila”.

Na segunda rodada, o Santos viajou três mil quilômetros ao norte para enfrentar o pequeno clube Remo, de Belém, e ganhou de 4 a 0, com Neymar e André dividindo os gols. Neymar mostrou seu lado mais generoso no segundo gol do time. Ele passou por toda a defesa do Remo e, em vez de chutar para o gol, mandou a bola para André.

– Vou pedir 10% do salário dele por esse passe – diz Neymar depois do jogo, com um grande sorriso.

O Santos chegou à semifinal após ganhar de forma convincente do Guarani, time de Campinas. Mas aí a coisa ficou séria diante do grande Atlético Mineiro, de Minas Gerais.

O Atlético ganhou o primeiro Campeonato Brasileiro oficial em 1971 e, desde então, nunca mais havia alcançado a primeira posição do torneio nacional. Os mineiros ganharam o primeiro jogo por 3 a 2 em casa, no imponente Mineirão. O canhão Diego Tardelli fez os três gols do time da casa, enquanto Robinho e Edu Dracena marcaram os gols do Santos.

No jogo de volta, Neymar entrou em campo. De verdade. Marcou 2 a 0, com um dos gols mais simples da sua carreira. Mas gols em jogos importantes são, de fato, o que aspira um grande jogador, e como esses gols são não importa tanto. A beleza é um adicional. O jogo terminou em 3 a 1, e o Santos se classificou para a final.

E ganharia a partida. Os meninos da Vila acabaram vencendo a Copa do Brasil com um placar final de 3 a 2 contra o Vitória, do Espírito Santo.

Neymar monopolizou negativamente o foco de atenção do jogo de ida, já que perdeu um pênalti da maneira mais vergonhosa possível. Ele tentou fazer a chamada “cavadinha”; o goleiro ficou parado tranquilamente e agarrou a bola.

– Eu supus que Neymar bateria assim – diz o goleiro do Vitória, com um ligeiro ar de chacota, após o jogo.

Foi um pênalti, a chamada cavadinha, que teria significado uma visita à sala do diretor quando frequentava o Liceu São Paulo, e agora novamente outro pênalti o deixara na lista negra do técnico Dorival Júnior. E ela teria consequências tempos depois tanto para Dorival como para Neymar. Que *cavadinha* infeliz!

O gráfico do rendimento de Neymar na Copa do Brasil é, no entanto (de uma perspectiva amplíssima), bastante conhecido. Ele foi o artilheiro da competição com 11 gols (Ganso foi eleito o melhor jogador). Nas 21 edições anteriores da Copa, o Santos nunca havia ganhado. Neymar ajudou a fazer história.

Para completar, o trio formado por Robinho, Neymar e Ganso ficou tão popular por causa do jogo na Copa do Brasil que a Seara, empresa de alimentos, os escolheu para rodar um comercial no qual, ao som de “Single ladies”, de Beyoncé, dançam animados como três garotos em uma festa da escola. Não há nenhuma mensagem evidente no anúncio, além da alegria de viver e da referência às conhecidas comemorações dos gols dos jogadores com diferentes coreografias.

Ganso e Neymar conquistaram o coração do povo brasileiro, com seus muitos gols e suas vitórias pelo Santos. E, ao escutarmos a opinião da torcida, sabemos que eles mereceram um espaço na Copa do Mundo da África do Sul.

Mas será que o técnico iria concordar?

CAPÍTULO 10 – UM GAROTO MALCRIADO

Quando era técnico da Seleção Brasileira, Dunga não se deixava levar pelo clamor popular. Era pragmático e, até aquele momento, os resultados lhe davam razão. Como treinador da Seleção, já ganhara a Copa América e a Copa das Confederações e tinha, portanto, um currículo razoável.

Dunga preferia as virtudes físicas e defensivas do time de 1994, quando ele mesmo, como capitão, guiou a Seleção campeã na busca do quarto título mundial para o Brasil. Jogo bonito não era a especialidade de Dunga e, assim, ele ignorou todo e qualquer pedido que envolvia incluir Neymar e Ganso no grupo. Em troca, apostou em jogadores que corriam bastante, como Felipe Melo e Ramires. O problema para a torcida brasileira é que tudo parecia um pouco entediante. Uma Copa do Mundo sem os grandes talentos e as grandes estrelas era, evidentemente, difícil de digerir.

Nas ruas e nos bares das cidades, as pessoas chamavam Dunga de burro. Foi até criado um grupo contra ele no Facebook, e era nítida a indignação nos jornais, na internet e nos grafites nas paredes das cidades. Catorze mil fãs de Neymar participaram de um abaixo-assinado que exigia a presença do garoto do Santos na Copa do Mundo.

Alguns usaram a criatividade, colocando nas ruas um anúncio gigantesco que dizia: “Faça como o Dunga, não use craque”, em uma brincadeira com os dois sentidos da palavra.

– Quem eu deveria pintar, então? Dunga não coloca nenhuma estrela no time – disse então o grafiteiro Duim, que ilustrou o ídolo Zico numa parede perto do Maracanã, no Rio de Janeiro. Ele não estava muito otimista.

– Queremos ver bons resultados antes de acreditar neles. Não costuma ser assim – disse, ainda pintando.

Em outra parede do Rio, podíamos ver um aflito Ronaldinho na companhia de um ganso enquanto o ônibus que leva os jogadores que vão para a África passa por eles. O ganso era uma clara referência a Paulo Henrique Ganso.

Dunga também não mostrava nenhuma benevolência com Ronaldo, que tivera uma temporada surpreendentemente boa no Corinthians após a volta ao futebol brasileiro. Além disso, perdera totalmente a confiança em Adriano.

Gérson, da Seleção campeã da Copa do Mundo de 1970, lançou duras críticas à ausência da alma ofensiva do futebol brasileiro. O homem soltou o verbo:

– Não vamos à Copa do Mundo com o melhor técnico. Ele nem sequer é técnico, simplesmente foi colocado no banquinho. Tivemos problemas na fase de classificação e, ainda que ganhemos da Argentina, a verdade é que podemos ter grandes problemas. A teimosia de Dunga em não levar Ronaldinho faz que todas as nossas esperanças dependam de Kaká.

Em 2006, na Alemanha, o Brasil se apresentara com uma constelação. Na escalação, pelo menos, apareciam os cinco fantásticos: Ronaldo, Ronaldinho, Kaká, Adriano e Robinho. Eram chamados de “quinteto mágico”. Mas as estrelas falharam, e a magia se dissipou num gemido furioso de milhões de brasileiros quando a Seleção foi eliminada pela França nas quartas de final. Nos subúrbios do Rio de Janeiro, viam-se pessoas ateando fogo na bandeira brasileira.

Quatro anos depois daquele quinteto falido, só sobravam Kaká e Robinho.



O grafiteiro Duim pintando Zico e Pelé no Rio de Janeiro

Mas, mas, mas... A fórmula de Dunga se mostrava tão eficaz quanto a fórmula de Carlos Alberto Parreira em 2006. E funcionou tão mal quanto. O ritmo até que ficou razoável no caminho, mas tudo acabou com outra derrota nas quartas de final, dessa vez para a Holanda.

Gérson tinha razão. Muitas coisas dependiam de Kaká, que não mostrou sua melhor versão no torneio. Dunga foi despedido e só voltaria a repetir a experiência como técnico três anos depois, no Internacional de Porto Alegre.

Foi certo deixar as velhas estrelas em casa? Foi um erro não dar a Neymar a oportunidade de demonstrar o valor dele?

É impossível falar do que já passou. Mas, quando o treinador do Corinthians, Mano Menezes, assumiu o posto de técnico da Seleção, não hesitou em convocar Neymar. A primeira escolha da CBF para o posto, Muricy Ramalho, não pôde romper o contrato que tinha com

o Fluminense. Então, quem se sentou no prestigioso banquinho foi o segundo da lista, Mano Menezes.

– Tenho certeza de que o trabalho do Mano será um sucesso nessa Copa do Mundo de 2014 – disse o então presidente da CBF, Ricardo Teixeira, na apresentação do novo técnico.

Neymar já havia estado nas diversas subcategorias da Seleção, mas no dia 10 de agosto de 2010 entrou para valer com os pesos-pesados. Naquela ocasião, mandou um tchauzinho para Dunga quando, após apenas 28 minutos de jogo, marcou o seu primeiro gol com a canarinha em sua estreia contra os Estados Unidos. Com isso, ele entrou para o seleto clube de grandes jogadores brasileiros que marcaram gol no dia da estreia na Seleção. Um clube ao qual pertencem, entre outros, Pelé, Zagallo, Rivaldo e Pato.

Em setembro de 2010, houve um episódio que talvez explique a ausência de Neymar na Copa do Mundo. Ele sentiu na pele como o futebol pode ser uma gangorra quando o orgulho é tão grande que fica difícil tomar a decisão certa.

Dorival Júnior tinha optado por não esquecer a infeliz cavadinha da Copa do Brasil (quando Neymar telegrafou ao goleiro suas intenções) e então não lhe permitiu chutar um pênalti em um jogo contra o Atlético de Goiás na rodada 23 da Série A.

Neymar reagiu ficando de costas enquanto Marcel batia o pênalti e, depois, lançou insultos, aos gritos, contra o treinador. A discussão continuou durante todo o jogo, enquanto os espectadores e os telespectadores assistiam incrédulos ao colérico bate-boca lateral acima e lateral abaixo.

Dorival não tolerou a reação de Neymar e o afastou do time por 15 dias, declarando que o jogador poderia voltar quando tivesse aprendido a se comportar. Ele agiu como um pai que castiga o filho, o proibindo de sair de casa.

– Não gosto de castigar ninguém. Qualquer treinador gostaria de ter Neymar no time, mas houve um grande problema aqui, ele se comportou como um garoto malcriado; estou fazendo isso por culpa dele – disse Dorival Júnior, que terminou sendo despedido por ter ameaçado deixar Neymar fora do clássico contra o Corinthians.

Esse desfecho, com o técnico saindo como o grande derrotado, não foi bem recebido por todos. O técnico que cumpriu seu dever

diante da teimosa e orgulhosa estrela.

– O que esse moleque fez é inaceitável. É preciso fazer alguma coisa para que ele não se transforme em um monstro. Dorival estava no direito dele de repreender Neymar. Neymar não é um homem nem um grande jogador de futebol. Estou muito decepcionado por esse episódio – diz René Simões, técnico do Atlético de Goiás.

Luis Álvaro, presidente do Santos, comentou o ocorrido durante entrevista para este livro:

– Neymar se comportou como uma criança que quer que o pai compre um sorvete e não consegue. No dia seguinte a esse episódio, fui vê-lo em sua casa. Ele havia chorado e estava muito envergonhado pelo que tinha acontecido, totalmente arrependido da birra infantil. Eu disse algo que ele levou muito a sério. “Você é um jogador com muitíssimo talento. Você vai ganhar muito dinheiro jogando, mas vai ganhar muito mais dinheiro sendo um mito. Um jogador de futebol tem data de validade. Quando você tiver 35, 38 anos, deixará de ganhar dinheiro como jogador.” Mitos como Pelé, Beckenbauer, Zidane e Cruyff vão continuar ganhando dinheiro pelo resto da vida. O que Neymar precisava fazer era pensar em seu comportamento, deixando de fazer ceninhas que destruiriam a imagem dele. E ele entendeu o que eu disse.

Neymar baixou a cabeça. Estava envergonhado quando se desculpou por toda a confusão em uma coletiva de imprensa.

– Estou aqui para pedir desculpas, não me comportei corretamente. Quero pedir desculpas ao Dorival, ao capitão Edu, aos colegas de equipe. Peço desculpas aos meninos que admiram o Neymar. Perdoem-me – diz Neymar, revelando que seus pais também não ficaram contentes com o seu comportamento. – Minha mãe me disse que esse não era o filho que ela havia criado e que queria o antigo Neymar de volta.

E assim foi. O antigo Neymar voltou e, com dignidade, retomou a relação com Dorival Júnior.

Ainda em 2010, após um jogo contra o novo time do treinador, o Atlético Mineiro, Neymar abriu espaço entre um grupo de jornalistas e deu um forte abraço em Dorival, que lhe correspondeu sem o menor sinal de rancor.

O monstro voltava a ser manso.

Hoje, não há nenhum resquício de desentendimento entre Neymar e Dorival Júnior. O treinador, inclusive, proferiu uma das frases mais bonitas que já foram ditas sobre Neymar:

– Com toda honestidade, a meu ver, Neymar só está abaixo de Messi. É melhor que Cristiano Ronaldo em todos os aspectos. É muito mais mordaz, mais decisivo, um gênio maior.

CAPÍTULO 11 – A BATALHA DA AMÉRICA

A primeira grande prova para Neymar e para o novo técnico da Seleção, Mano Menezes, chegou em 2011, quando o Brasil teve que recuperar na Copa América a honra perdida na Copa do Mundo.

A Copa da América é o torneio continental mais antigo do mundo. Os participantes são países da Conmebol, a Confederação Sul-Americana de Futebol, com o acréscimo de países convidados da América Central e da América do Norte, como a Costa Rica, o México e os Estados Unidos.

O campeonato foi promovido 43 vezes até hoje, com sete ganhadores distintos. O Uruguai foi campeão 14 vezes. A título de comparação, o Brasil ganhou oito vezes, e a Argentina, também 14. O rendimento do Uruguai é digno de destaque, pois é um país pequeno em comparação à grandiosidade territorial e às aglomerações populacionais da Argentina e do Brasil. Mas o Uruguai de repente, e de uma maneira surpreendente, foi capaz de tirar os vizinhos para dançar tango ou samba.

Na América do Sul, a primeira partida de futebol oficial aconteceu em 1867 entre os trabalhadores britânicos da estrada de ferro, e supostamente o primeiro clube organizado foi o Gimnasia y Esgrima de La Plata, fundado em 1887. Menos de 20 anos depois, o futebol tinha se difundido tanto pelo continente que já se decidira organizar um torneio com os melhores times.

A primeira edição da Copa América ocorreu em 1916, sob o nome de Campeonato Sul-Americano. Os países participantes foram: Argentina, como país anfitrião, Brasil, Chile e Uruguai. Ganhou o Uruguai, e a Celeste voltaria a ganhar um ano depois, em Montevideu, antes que outros países se unissem à festa.

Na edição de 2011, o Brasil não podia, de modo nenhum, dizer que era o favorito, embora tivesse ganhado a edição anterior, de 2007.

O Uruguai exibiu um recente quarto lugar na Copa do Mundo da África do Sul, razão para ser o favorito junto com a Argentina, que, por jogar em casa, ganhava naturalmente o direito de ser respeitada. O Brasil? O time não impressionou nem um pouco com Mano Menezes, que até então vinha apostando em jogadores atuantes no Campeonato Brasileiro daquele ano.

O Brasil caiu no grupo da Venezuela, do Paraguai e do Equador e, em teoria, não deveria ter grandes problemas. Mas, assombrosamente, a Seleção cambaleia, ficando em 0 a 0 contra a Venezuela e 2 a 2 contra o Paraguai. O jogo contra o Equador foi tudo menos convincente, até que, por fim, o time arregaçou as mangas e bateu os equatorianos por 4 a 2, graças a dois gols de Neymar e outros dois de Pato.

Nas quartas de final, a Seleção voltou a encontrar o Paraguai e, de um modo quase cômico, Elano, Thiago Silva, André Santos e Fred perderam pênaltis na decisão. Todo o continente, com exceção do Brasil, morreu de rir. A péssima rodada de pênaltis deu a volta ao mundo e, vista de maneira objetiva, foi uma das coisas mais engraçadas do gênero.

A Argentina, porém, não foi muito melhor, mas no caso dela só Carlos Tévez se embaralhou na marca dos 11 metros. Os anfitriões foram mandados “para casa” pelo posterior campeão, o Uruguai. Com o 15º título, o Uruguai é o país que mais vezes ganhou a Copa América.

– Somos três milhões de pessoas. Não é nada. Menos gente do que tem em um bairro de Buenos Aires ou de São Paulo. Mas todos os uruguaios querem ser jogadores de futebol. É o nosso destino como nação – diz o escritor uruguaio Eduardo Galeano, que, entre outros livros, escreveu o aclamado *Futebol ao sol e à sombra*.

Surgiram muitas teorias sobre a capacidade do Uruguai de render além de suas possibilidades em competições de futebol como a Copa América e a Copa do Mundo.

O técnico da seleção uruguaia campeã de 2011, Óscar Tabárez, acha que isso se deve a *garra charrúa* – expressão que foi utilizada

pela população indígena do Uruguai quando lutavam contra os colonizadores espanhóis. Tabárez diz que, no futebol, isso explica por que os jogadores não se rendem nunca, “mostrando uma forma especial de rebeldia e temperamento na maneira como jogam”. Com esse espírito, jogadores como Álvaro Pereira, Álvaro González e Egidio Ríos dão o sangue pelo Uruguai no campo de batalha, enquanto Diego Forlán, Edinson Cavani e Luís Suárez tentam acrescentar uma pitada de beleza à partida.

Bem que os *hermanos* brasileiros de 2011 poderiam ter aprendido um pouco desse espírito rebelde.

Certamente, o torneio pôs muito em dúvida a capacidade de Mano Menezes para treinar. E Neymar continuou não parecendo o homem que poderia elevar o Brasil ao nível dos antigos ídolos de muito peso e compromisso.

No entanto, até mesmo Pelé já teve que pisar em ovos. Mas a velha lenda fazia de tudo para que Neymar não lhe roubasse muito o protagonismo no Santos.

CAPÍTULO 12 – OS MOICANOS

Before anyone did anything, Elvis did everything. [Antes que alguém fizesse alguma coisa, Elvis fez tudo.] Essa é uma das frases mais populares sobre Elvis Presley, o rei do rock and roll. Transpondo-a para o mundo do futebol, poderíamos dizer: *Antes que alguém fizesse alguma coisa, Pelé fez tudo.*

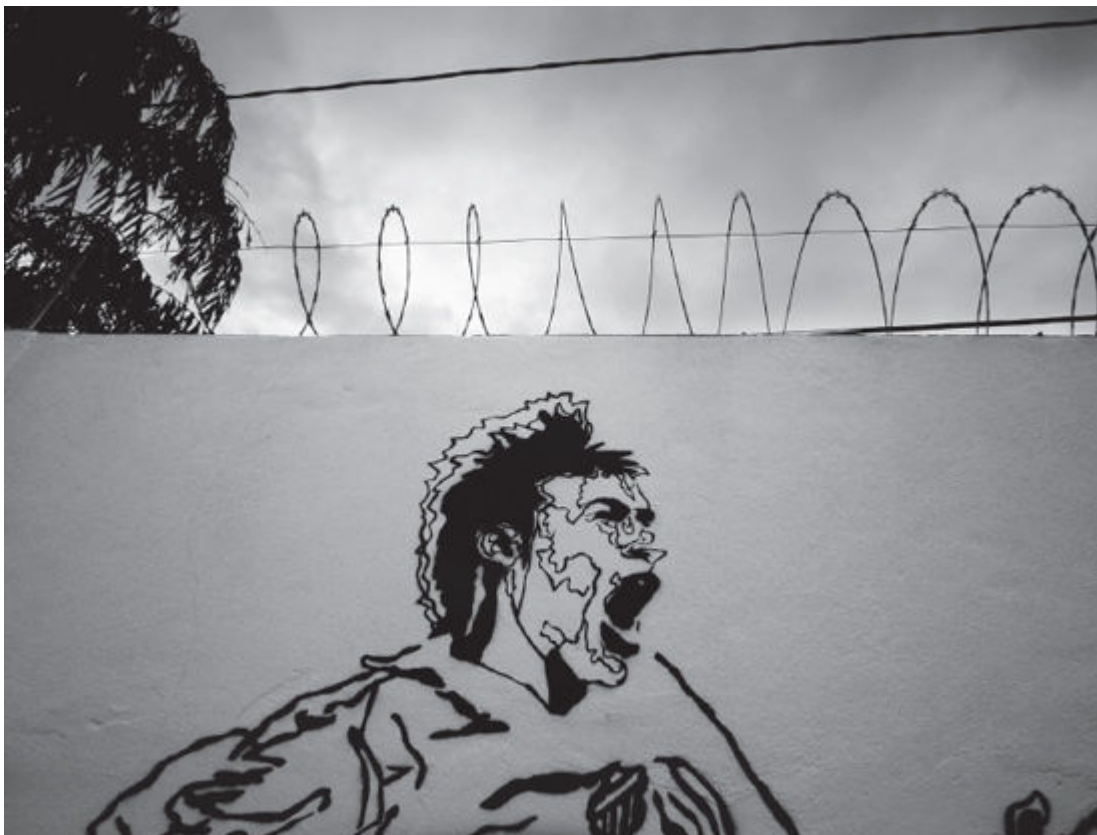
O Rei Pelé é totalmente consciente da sua condição de ícone absoluto do futebol e costuma passar pelo centro esportivo do Santos para animar os jogadores antes de uma partida importante. E também para aproveitar a ocasião para falar de si mesmo e de suas façanhas no clube. Mas não podemos reprovar isso em um homem com a história dele.

Em junho de 2011, Pelé apareceu no último treino do Santos antes da final da Copa Libertadores contra o Peñarol, o mesmo time que o Rei derrotou da primeira vez que seu clube ganhou o torneio, em 1962.

Ele só queria fazer Neymar e os outros jovens brasileiros verem que o popular penteado moicano que o craque usa é coisa do século passado. Precisamente, foi de Pelé o primeiro moicano.

– Eu inventei esse penteado em 1958. Agora me copiam – diz Pelé, tirando sarro de Neymar. Ele leva uma foto para provar o que afirma. E, de fato, em uma fotografia em preto e branco, vê-se um jovem magro com um penteado moicano junto com outra lenda, Garrincha. Ele entregou a foto a Neymar e lhe deu tapinhas carinhosos na cabeça.

Sem importar quem foi o primeiro, o penteado de Neymar virou moda e é até hoje imitado por milhares de garotos de todo o país. Os jovens brasileiros são vítimas da *neymarmania*. Os grandes eventos do futebol de São Paulo pareciam mais uma conferência sobre as velhas raízes negras norte-americanas.



Neymar na parede do CT Pelé

O look moicano em Neymar era feito pelo cabeleireiro e cantor Cosme Salles.

– Neymar queria ficar diferente do resto. Hoje, faço de dez a 12 moicanos por dia – contou Cosme, com um grande sorriso, quando a moda estava no auge.

O antigo cabeleireiro de Pelé, Didi, cujo salão fica bem ao lado da Vila Belmiro, também tem uma grande demanda pelo corte de cabelo que ele mesmo contribuiu para tornar popular há algumas décadas.

Com tantas imitações, Neymar já não se diferenciava da multidão e, talvez por isso, a mudança de penteados sofisticados tenha ficado mais frequente. Enquanto jogava no Santos, visitava o cabeleireiro uma vez por semana, para que seu look estivesse impecável toda vez que entrava em campo.

Neymar era, sem dúvida, o jogador do elenco do Santos que mais cuidava da própria imagem. Seu então treinador, Muricy Ramalho, disse uma vez (piscando um olho, é preciso deixar claro) que o time sempre entrava em campo atrasado porque Neymar passava muito tempo na frente do espelho se penteando.

– Mas Neymar não faz isso por vaidade. Faz porque quer dar um show para o público. Quando entra em campo, é para mostrar a sua arte – diz Muricy.

CAPÍTULO 13 – A MÁSCARA

Em Santos, Pelé tem um museu, está presente nos anúncios de uma rede de farmácias, nas pinturas dos muros da cidade e em muitos outros lugares. Pelé preenche por completo o clube e a cidade. Porém, quando Neymar e o Santos trocam a Copa do Brasil pela grande Copa Libertadores, o novo craque dá um pequeno passo em direção à lenda. Foi em 2011 que, como jogador do Santos, Neymar começou a alcançar o ídolo e mito Pelé.

Em 1962 e 1963, Pelé contribuiu para ganhar a Libertadores. E se passariam quase 50 anos até que o Santos voltasse a levantar a taça da Copa.

No entanto, houve um contratempo no meio-tempo: em um jogo da fase de grupos da Libertadores contra o time chileno Colo-Colo, Neymar perdeu a inocência. Quando somos jovens, nem sempre pensamos nas consequências dos nossos atos. Agimos instintiva e ingenuamente, e Neymar, acima de tudo, sempre quer proporcionar ao público um bom espetáculo, expressar-se por meio do futebol.

Enquanto os espectadores estavam meio assombrados e extasiados depois de Neymar ter passado por três ou quatro jogadores do Colo-Colo antes de mandar a bola para o gol diante da saída do goleiro, o craque colocou uma máscara, que estava atrás do gol, exibindo uma foto de seu próprio rosto. Um feito espetacular implicava uma comemoração igualmente espetacular.

Mas Neymar entrou em um estado de total assombro quando viu o árbitro uruguaio Roberto Silvera tirar do bolso o cartão amarelo, o segundo do jogo para Neymar, expulsando-o, conseqüentemente, por algo que parecia uma brincadeira ou uma comemoração bem-humorada. O fato de a máscara voltar ao rosto de Neymar deu à cena um tom ainda mais tragicômico diante da reação imediata do árbitro.

O mais irônico é que tinha sido um dos patrocinadores de Neymar que havia distribuído as máscaras entre os torcedores antes do jogo.

– Não prejudico ninguém colocando uma máscara – disse Neymar, assustado e arrasado, após o jogo.

E ele não estava sozinho nessa argumentação. Como escreveu Luís Carlos Quartarollo, blogueiro da Jovem Pan, a maior emissora de rádio do Brasil: “O gol é o orgasmo do futebol, o momento de máxima felicidade, e o gol de Neymar foi as duas coisas juntas. O árbitro nunca deve ter tido um orgasmo na vida dele”.

O vento da imprensa soprava a favor de Neymar, e foi o árbitro que virou motivo de piada depois do jogo. “São as regras tontas do futebol tirando suas máscaras”, diz a imprensa. No Santos, Neymar também recebeu apoio.

– A expulsão foi muito rigorosa – disse o presidente Luis Álvaro Ribeiro, e o técnico Muricy Ramalho também achou que o árbitro exagerou.

O empresário de Neymar, Eduardo Musa, logo se apressou para minimizar os danos.

– Em mais de dois anos jogando como profissional, Neymar só foi expulso duas vezes. Tudo o que Neymar faz é visto com uma lupa. Ele só queria comemorar um gol usando uma máscara com o próprio rosto. Não foi uma mensagem política nem religiosa.

A boa notícia é que Neymar acabou eleito o melhor jogador do torneio e marcou o primeiro gol da final contra o Peñarol no jogo de volta, em casa. Esse jogo terminou 2 a 1, após o empate por 0 a 0 do jogo de ida.

– É o dia mais feliz da minha vida. Eu fiz história! – exclamou Neymar, emocionado, após o jogo.

E Pelé? Ele recebeu um pouco de atenção quando deu voltas exultante de alegria e abraçou os jogadores com lágrimas nos olhos.

Se os jovens não sabem quem é Pelé, é claro que a culpa não é dele.

CAPÍTULO 14 – O MOVIMENTO PERFEITO

Com a vitória na Libertadores em 2011, Neymar conquistou a América do Sul. Ele, inclusive, se tornou rei. O prêmio para o melhor jogador da América do Sul, o “Rei da América”, é concedido pelo jornal uruguaio *El País*, e os premiados são jogadores que representam clubes do continente sul-americano. Jogadores como Pelé, Diego Maradona, Zico e Romário, bem como outros mais recentes, como Carlos Tévez, Juan Sebastián Verón e D’Alessandro, já foram premiados com essa bela homenagem.

Os jornalistas que assistiam à entrega dos prêmios queriam saber se Neymar estava pensando em ir para a Europa, como se tudo já não fosse suficientemente rápido. Mas ele respondeu como em outras tantas vezes:

– Tenho contrato com o Santos até 2014, quando espero ganhar a Copa do Mundo com a Seleção Brasileira. Depois disso, quem sabe?

Nesse momento da sua carreira, ele dissipou com veemência qualquer rumor e conjectura sobre uma ida para o futebol europeu.

Porém, mais glórias estavam reservadas para Neymar em seu fantástico ano de 2011. Em um jogo da Série A, no dia 27 de julho, ele deixou o público e os telespectadores boquiabertos.

Há gols que não cansamos de rever. Gols que ficarão nos livros de história, sequências que se reproduzem na memória ou que voltamos a ver várias vezes no YouTube: o gol mítico de Maradona contra a Inglaterra na Copa do Mundo de 1986, a imitação desse gol feita por Messi contra o Getafe 20 anos depois, o gol de cabeça de Pelé contra a Itália na Copa do Mundo de 1970... Sim, podem escolher o seu preferido.

Quando Neymar marcou 3 a 0 contra o Flamengo na Vila Belmiro, não havia dúvidas de que ele marcara um gol único. Em poucos segundos, foi como se ele tivesse reinventado o futebol. O último drible foi uma inovação, um descobrimento que não necessita ser patenteado porque é quase impossível plagiar. O jogo terminou com o Flamengo ganhando de virada de 5 a 4, com três gols de Ronaldinho. Mas as pessoas vão se lembrar do gol de Neymar. Para sempre.

Esse gol ganhou o Prêmio Puskás da Fifa como o gol do ano em 2011, competindo com Lionel Messi e Wayne Rooney. Um dos critérios para a escolha é que o gol tem de ser bonito. Neymar pôs esse critério no chinelo.

– Estou feliz de ganhar o prêmio concorrendo com dois grandes jogadores que admiro. Acho que é o melhor gol que já fiz. Peguei a bola na lateral esquerda, driblei dois adversários e dei o passe a um colega. Fizemos uma tabela, eu me liberei de outros dois adversários e fiz o gol. Foi um movimento perfeito – declarou Neymar na entrega do prêmio.

O movimento perfeito.

É o movimento que ele faz diante do último zagueiro. Aí passa de invenção publicitária para algo concreto. O jogador mais promissor de todo o mundo. Alguma vez se viu Pelé se movimentar com essa perfeição? Pode ser discutível, e de fato é. Certo dia, pediram a Pepe, outra lenda do Santos, que fizesse uma comparação entre Pelé e Neymar.

– Não gosto de fazer comparações com Pelé. Pelé foi único, o único jogador completo que vi, e joguei muito com ele – diz Pepe, revelando sua preferência.

Apesar do título de “Rei da América” e de ter marcado o gol mais bonito do mundo, o fim da temporada revelou que ainda faltava um pequeno degrau para o ápice de Neymar.

Em dezembro de 2011, após ganhar a Copa Libertadores, o Santos se classificou para o Mundial de Clubes do Japão, ao qual vão os melhores times dos cinco continentes para decidir qual é o melhor do mundo.



Neymar ganhou por duas vezes o prêmio de “Rei da América”, concedido ao melhor jogador da América do Sul

Lá, Neymar mediria forças pela primeira vez com o time do qual todo o mundo falava e com o jogador a quem todos admiravam: o FC Barcelona e Lionel Messi.

Com um chute lançado da meia-lua da área na semifinal contra os japoneses do Kashiwa Reysol, Neymar chegou com confiança à final contra o Barcelona. Os fãs japoneses o adoravam, e era possível vê-los usando chapéus com penteados ao estilo Neymar.

– Eu vim ao Japão pela primeira vez com a Seleção juvenil e agora há muita gente que me conhece. Não esperava isso – disse Neymar em uma coletiva de imprensa antes da final, quando também falou de tudo que o esperava, especialmente do

enfrentamento com Lionel Messi e do desafio de encarar o zagueiro Carles Puyol.

– Messi me inspira. E não só ele, também Ronaldinho, Ronaldo e Robinho. Mas é impressionante o que Messi faz. É o número um para mim e eu imito alguns dos movimentos dele. Puyol é uma estrela. Eu o vi em vídeos e será uma honra jogar contra ele. É um grande capitão, mas vou tentar lhe criar problemas. Tenho vontade de lhe dar um aperto de mão e espero trocar de camisa com ele – disse Neymar, que estava vivendo um dos seus grandes sonhos com apenas 19 anos. – A final não é importante só para mim, mas também para meus colegas. É uma nova etapa que se abre na história do clube. E eu não estou nervoso, estou tranquilo. Vim jogar essa final. O sonho de participar dessa partida contra o melhor time do mundo se realizou. Agora o sonho é ganhar esse título.

No começo do jogo, Neymar teve algumas chances de colocar o Barcelona e Messi sob pressão e fazer do sonho realidade, mas desperdiçou as oportunidades e, quando o Barcelona dominou a partida, o Santos foi humilhado com um 4 a 0. O Barcelona ofuscou o Santos, e Messi ofuscou Neymar. Não há ninguém no mundo que possa negar isso, e tampouco negou isso Neymar, que, com uma expressão ligeiramente esgotada, atendeu aos jornalistas.

– Não sei se o Barcelona é invencível, mas é o melhor time do mundo, e hoje nos ensinou como se joga um bom futebol. Foram muito superiores, os jogadores são fantásticos. Mas viemos ao Japão após muitos jogos, muitos desafios, muitos adversários. Somos o segundo melhor time do mundo, então eu sinto que hoje nós também ganhamos alguma coisa – disse ele, após a lição.

Um dia, foram os brasileiros que ensinaram o mundo a jogar futebol.

CAPÍTULO 15 – AS SOMBRAS DOS DINOSSAUROS

O Estádio do Pacaembu fica no fundo de um vale e, para os padrões de São Paulo, em uma pequena área verde na enorme selva de pedras. A praça em frente ao estádio se chama Charles Miller. Se, no Brasil, o futebol é uma religião, a praça tende a ser um solo santo. E pode-se dizer que o primeiro profeta esportivo do Brasil é Charles Miller, considerado o pai do futebol brasileiro.

No calendário do futebol brasileiro, 1894 é o ano zero. Nesse ano, Charles Miller, um funcionário da estrada de ferro de São Paulo, voltou para casa após uma temporada de estudos em Southampton, na Inglaterra, e chegou ao porto de Santos com duas bolas de couro, um monte de camisas de time e um conjunto das regras do futebol na mala.

De volta a São Paulo, no início do século seguinte, Miller fundou o São Paulo Athletic Club e a Liga Paulista, a primeira liga de futebol do Brasil. Ele jogou no time como atacante e contribuiu para a conquista dos três primeiros campeonatos, em 1902, 1903 e 1904.

É um bom jogador. Inventou um drible que ficou conhecido como chaleira, o qual consiste em passar a bola por cima da cabeça, chutando-a com o calcanhar. Um drible que Neymar continua fazendo ainda hoje e que é um dos mais humilhantes que se pode dar em um zagueiro. Também é muito comum no futsal.

Foi Charles Miller quem batizou o Corinthians, por causa de um time inglês de mesmo nome – o Corinthians, muitos anos depois, seria o campeão do mundo, com milhões de torcedores. Em 2012, o time se consagrou campeão do mundo após ganhar de 1 a 0 do Chelsea no Mundial de Clubes.

É assim que Charles Miller continua jogando, em espírito, no futebol brasileiro.

Durante muitas décadas, o futebol ficou reservado quase exclusivamente à elite branca, mas, conforme o jogo ganhou popularidade, atletas de ascendência negra foram incorporados a clubes de todo o Brasil.

Na Seleção Brasileira, o primeiro foi Arthur Friedenreich, que na verdade era conhecido como rei do futebol muito antes de Pelé. Seus admiradores fanáticos defendem que ele marcou mais gols do que o Rei. Na época, por causa da cor de sua pele, Friedenreich foi excluído de atividades sociais, como festas; inclusive lhe negaram acesso a piscinas e quadras de tênis. Os primeiros jogadores negros só começaram a se destacar no começo da década de 1920.

A entrada do Brasil no cenário das Copas do Mundo foi discreta, sem dar absolutamente nenhuma pista de que o país iria definir o futuro do futebol. Na primeira Copa do Mundo, em 1930, uma série de países europeus renunciou à competição e, com a elite dos jogadores sul-americanos no time, o Brasil vislumbrou uma boa oportunidade de levar o título para casa, esperando conquistá-lo em seu pequeno vizinho Uruguai. Mas isso não aconteceu. Surpreendentemente, o Brasil foi derrotado pela Iugoslávia no primeiro jogo, por 2 a 1. O único gol do Brasil foi marcado pelo atacante do Vasco da Gama Fausto dos Santos, “A Maravilha Negra”. O Uruguai acabou ganhando o torneio e, como se sabe, não seria a única vez que Davi venceria Golias.

Nos clubes, a incorporação de jogadores de ascendência negra também foi lenta, mas não foi nenhuma coincidência o fato de justamente o Vasco da Gama ter contratado um excelente atacante como “A Maravilha Negra”. O time do Rio de Janeiro, fundado por portugueses, foi o primeiro grande clube a aceitar jogadores negros no time. Na primeira temporada do Vasco na melhor liga do Brasil, o time ganhou o campeonato com um elenco de negros, brancos e mulatos. Era uma equipe que refletia a diversidade do país. Um clube pequeno do Rio, o Bangu, já havia rompido a barreira em 1905, sem que isso, infelizmente, tivesse boa repercussão. O último a admitir jogadores de ascendência negra foi o clube de ricos aristocratas Fluminense, que até os anos 1950 não aceitou nenhum.

Os jogadores de ascendência negra faziam o que podiam para se autopromover. Na Copa do Mundo de 1934, outro jogador negro se

destacou. “O Diamante Negro”, Leônidas da Silva, famoso por ter inventado a célebre “bicicleta”, marcou o único gol do Brasil no primeiro jogo, contra a Espanha. Esse jogo também foi o último, já que o Brasil perdeu de 3 a 1. Mas na Seleção havia Waldemar de Brito, que, em 1955, apresentou ao Santos um rapaz negro chamado Edson Arantes do Nascimento, que mais tarde ficaria conhecido como Pelé. Há alguns anos, ao apresentar Betinho, o mentor de Robinho e Neymar, na TV Bandeirantes, Milton Neves o chamou de “o novo Waldemar de Brito”.

Os brasileiros são fantásticos para recordar sua história no futebol. A história do futebol também é a história do país. Após duas infelizes participações em Copa do Mundo, o Brasil começou a se aproximar seriamente da elite mundial, em 1938, na Copa do Mundo da França. Levou o bronze graças, entre outras coisas, aos oito gols de Leônidas da Silva, que se transformou em um grande ídolo nacional. Foi então atingido por uma fama que se transmite às grandes estrelas desde aquela época até hoje, com Neymar. “O Diamante Negro” foi um dos primeiros craques que abraçaram o futebol com sua popularidade.

O Brasil foi o anfitrião da primeira Copa do Mundo após a Segunda Guerra Mundial, em 1950. Depois das rodadas eliminatórias, o time chegou à final, com grandes vitórias sobre a Suécia (7 a 1) e a Espanha (6 a 1). O jogo decisivo, no qual graças às regras de então o Brasil só precisava de um empate para ser campeão do mundo, foi contra o Uruguai. O pequeno país chocou o mundo inteiro ganhando de 2 a 1. O dia 16 de junho de 1950 se tornou o dia da desgraça nacional. Diante de quase 200 mil espectadores no Maracanã (a Fifa estima 173.850; outras fontes, 199.854), o Brasil perdeu de maneira inacreditável, e a derrota ganhou o nome de “Maracanaço”.

Talvez tenham sido as frustrações acumuladas que fizeram que a Copa do Mundo de 1954, na Suíça, representasse uma mancha no futebol nacional brasileiro. O Brasil foi eliminado nas quartas de final pela Hungria, no que se conhece como “Batalha de Berna”. Na capital suíça, 60 mil espectadores foram testemunha de um dos jogos mais acirrados das Copas do Mundo: uma disputa sangrenta tanto ao longo do jogo quanto após o apito final, quando os

brasileiros invadiram o vestiário dos húngaros e bateram nos adversários.

– Eu achava que ia ser o melhor jogo da história. Estava no topo do mundo. Não sei se a religião ou a política tiveram alguma coisa a ver, mas os jogadores se comportaram como animais. Foi um escândalo, um jogo horrível – comenta Arthur Ellis, árbitro do jogo, sobre o ocorrido.

A Hungria tinha aquele que, provavelmente, era o melhor jogador do mundo na época: Ferenc Puskás. Ele tinha uma fome de gols incrível. Marcou um total de 616 na carreira. Só no Real Madrid, de 1958 a 1966, fez 242 gols em 262 jogos. Pode-se dizer que é mais do que merecido o fato de terem colocado o nome dele em um prêmio para o melhor gol.

Na Copa do Mundo de 1958, o Brasil enfrentou a Suécia mais preparado do que nunca. O novo presidente da Confederação Brasileira de Futebol era João Havelange, que colocou novas regras para os times da Seleção, além de um novo treinador, Vicente Feola. Os jogadores receberam uma lista com 40 coisas que estavam absolutamente proibidas durante a fase final. Eles não podiam fumar com o uniforme oficial nem falar com a imprensa fora dos compromissos acordados. Também não podiam usar chapéu. Nem guarda-chuva!

O Brasil também era o único time que levava um psicólogo, porque as más lembranças de 1950 e 1954 ainda pairavam como um fantasma sobre a Seleção. E um dentista, já que muitos jogadores eram de origem humilde e seus problemas dentários podiam diminuir o rendimento em campo. Inclusive, um ano antes da Copa, representantes foram enviados à Europa a fim de se prepararem para o estilo de jogo dos diferentes países. Pensaram em tudo. E funcionou.

O Brasil ganhou com uma vitória de 5 a 2 sobre a Suécia no último e decisivo jogo. Pelé, com apenas 17 anos, contribuiu para revolucionar o futebol moderno ao lado do fenomenal driblador Garrincha. E o restante do incrível e ofensivo time também era forte – Gilmar no gol; Djalma Santos (um dos melhores laterais direito da história e três vezes convocado para a Seleção Fifa, em 1954, 1958 e 1962), Bellini, Orlando e Nilson Santos na defesa; Didi (um dos

briguentos de Berna) e Zito no meio-campo; e Zagallo e Vavá, mais as duas novas estrelas mundiais, na frente. Escalação 4-2-4 e baile em terras suecas.

De maneira geral, quatro anos depois, na Copa do Mundo do Chile, o elenco brasileiro estava intacto, exceto por algumas alterações e, naturalmente, uma média de idade mais alta; Feola também tinha deixado o cargo devido a um problema cardíaco. Após uma inesperada lesão de Pelé no torneio, Garrincha subiu ainda mais o nível e se transformou em um dos visíveis responsáveis pelo triunfo.

“De que planeta é Garrincha?”, perguntava o jornal chileno *El Mercurio* após os dois gols dele na vitória de 4 a 2 na semifinal contra o Chile.

De acordo com a lenda, Garrincha, o favorito do povo, que nunca se interessou muito pela tática, perguntou a seus companheiros de time antes da final: “Contra quem a gente joga?”.

Pode até ser que ele não controlasse muito o calendário dos jogos, mas, naquele momento, ele dominava o futebol mais do que qualquer outra pessoa. O Brasil ganhou a final contra a Tchecoslováquia por 3 a 1, liderado por um febril Garrincha.

A Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, foi decepcionante para uma Seleção Brasileira de idade avançada, mas quatro anos depois, no México, o Brasil chegou ao apogeu do futebol como fenômeno. Mário Zagallo, uma lenda com duas vitórias mundiais como jogador (1958 e 1962), era o treinador perfeito para controlar alguns jogadores em sua melhor época e o ego de Pelé em sua quarta Copa do Mundo. É possível que os ingleses tenham inventado o futebol, mas foram os brasileiros que o embelezaram.

A Copa do Mundo de 1970 foi considerada o torneio em que o futebol recuperou a sua alma. Jogava-se um futebol de ataque, e ninguém fazia isso melhor do que o Brasil. A Seleção ganhou a final contra a Itália de forma convincente – 4 a 1, com gols de Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto Torres. Com jogadores como Tostão, Rivelino e outros, eles criaram o futebol-samba, o qual se transformou no modelo para as futuras gerações de jogadores brasileiros.

O time de 1970 é conhecido como a melhor Seleção que o mundo já viu. Pelé normalmente é considerado o melhor jogador da história, com três Copas do Mundo. E, com essas três vitórias, a taça Jules Rimet se tornou propriedade do Brasil, embora tenha sido roubada em 1983 e até hoje não tenha aparecido...

Após o torneio, Pelé deixou a Seleção Brasileira aos 29 anos de idade, e os 24 anos seguintes foram uma seca de títulos no cenário internacional. Grandes jogadores como Zico, Roberto Dinamite, Júnior, Sócrates e Falcão nunca conseguiram ser campeões do mundo. Técnicos como Cláudio Coutinho e Telê Santana (apesar de um jogo primoroso em 1982) nunca souberam o que é ser aclamado por uma nação.

– Claro que eu gostaria de ter ganhado a Copa do Mundo, mas tive a chance de jogar três fases finais, então não posso me queixar perante Deus, porque Ele me deu a oportunidade. Talvez eu não tenha sabido aproveitar – diz Zico.

Nos anos 1980, a economia brasileira estava doente, e os melhores jogadores do país iam para o exterior, porque os grandes clubes do Brasil não tinham como mantê-los. Os torcedores também começaram a desaparecer; os jogos aconteciam diante de arquibancadas quase vazias, e quem ia frequentemente brigava entre si.

No início dos anos 1990, o futebol brasileiro encontrava-se em um estado questionável. O esporte que contribuía para definir a história do país e a alma do povo não era o mesmo de antes.

No ano do nascimento de Neymar, 1992, os campeões da Copa América e os vice-campeões da Copa do Mundo eram os arquirrivais do Brasil, os argentinos. Como se não bastasse, eles tinham um mágico jogador corpulento no centro do campo, um mago que os brasileiros desprezavam e que, ao mesmo tempo, gostariam que fosse seu conterrâneo: Diego Armando Maradona.

Mas uma geração de ouro de grandes jogadores de futebol reestabeleceria o prestígio dos anos 1950, 1960 e 1970. Em 1994, o triunfo na Copa do Mundo se baseou no estilo disciplinado e não brasileiro do treinador Carlos Alberto Parreira, sem deixar de lado jogadores impressionantes como Romário, praticamente a única referência aos velhos tempos do futebol-samba. Na escalação ideal

figuravam quatro brasileiros, três deles de estilo defensivo: dois zagueiros, Jorginho e Márcio Santos, o volante Dunga e, naturalmente, Romário no ataque.

Em 1998, Mário Zagallo, com 67 anos, voltou ao banco da Seleção. E levou para a França um elenco fantástico. Entre outros, atletas ilustres como Ronaldo, Rivaldo, Roberto Carlos e Bebeto. No entanto, o time falhou na final e perdeu de 3 a 0 dos anfitriões franceses, que apresentaram ao mundo um incontornável Zinedine Zidane.

Em 2002, a Seleção ganhou o quinto campeonato do mundo usando virtudes técnicas clássicas; o técnico Luiz Felipe Scolari foi abençoado com uma geração de ouro de jogadores, como Ronaldo, Rivaldo, Roberto Carlos, Ronaldinho, Denílson e até mesmo um jovem Kaká.

A fase final de 2002 deixou uma grande marca em Neymar.

– Essa foi a Copa do Mundo que mais me marcou. Do que mais me lembro é a final. Nós nos levantamos cedo para ver o Brasil jogar. Meu pai colocou o despertador, ligou a televisão, me acordou e perguntou se eu queria ver o jogo. Claro que sim! Fizemos pipoca e assistimos juntos. Depois eu fiz o mesmo corte de cabelo do Ronaldo – diz Neymar em uma entrevista para o *Lance!Net*.

O extravagante corte de cabelo de Ronaldo era, basicamente, um tufo de cabelo bem em cima da testa.

Essa Copa do Mundo fez Neymar pensar seriamente no que seria dali a dez anos.

– Era impossível não pensar em como seria jogar a final de uma Copa do Mundo.

Os campeonatos de 2006 e 2010 não foram grandes Copas do Mundo para o Brasil, com duas eliminações nas quartas de final.

Entre 1994 e 2007, os jogadores brasileiros ganharam a Bola de Ouro, o maior prêmio do futebol, seis vezes. Mas, depois disso, a produção de grandes estrelas, de grandes craques, parou. Enquanto isso, a Espanha conquistou o mundo, e o português Cristiano Ronaldo e o argentino Lionel Messi adquiriram o papel de maiores e mais talentosos jogadores de futebol do planeta. Aqueles que os brasileiros gostariam que fossem seus.

Poucos países contam com uma galeria de futebol tão diversificada quanto o Brasil, que pode até ser chamado de “Jurassic Park” do futebol. Aqui jogaram dinossauros do futebol. Os melhores. Os que nunca serão esquecidos. Aqui cresceram muitos dos grandes jogadores da história desse esporte.

No estado de São Paulo encontra-se a maior concentração de bases da história do futebol, que contribuem para enaltecer o futebol brasileiro e difundi-lo pelo mundo: Pelé (Bauru), Rivaldo (Mogi-Mirim), Rivelino, Sócrates e Kaká (São Paulo) e Neymar (Mogi das Cruzes), para citar apenas alguns. No sul, em Porto Alegre, podemos falar de Ronaldinho. No Rio de Janeiro, encontram-se as histórias de Garrincha (na pequena cidade de Magé), Leônidas da Silva, Didi, Zico, Romário e Ronaldo.

Neymar e sua geração podem sentir o passado como chumbo sobre seus ombros, mas, ao mesmo tempo, pegam carona nas costas experientes das lendas do futebol. Eles nivelaram o caminho, podem servir de inspiração.

Se Neymar conseguir criar algo grande, também será um deles.

CAPÍTULO 16 – A HERANÇA DO FENÔMENO

– Vocês vão ter que me desculpar! Meu último jogo com a Seleção, três chances de gol e não faço nenhum...

Ronaldo Luís Nazário de Lima estava em um pequeno palco, como se fosse um presidente da República, no Estádio do Pacaembu, falando para 35 mil espectadores. E sua voz se embarga.

– Queria agradecê-los por tudo o que vocês fizeram por mim durante toda a minha carreira. Quando fiquei triste, vocês choraram. Quando fiquei feliz, vocês sorriram. Até breve, mas dessa vez fora dos campos.

Fazia tempo que Ronaldo conseguira muito mais do que 15 minutos de fama, mas em junho de 2011 ele tinha mais 15 em um jogo de despedida da Seleção, para mostrar quanto significou para o futebol brasileiro nos últimos anos. Com duas Copas do Mundo, em 1994 (embora não tenha jogado nem um minuto) e 2002, e três títulos de melhor jogador do mundo, Ronaldo não tem nada pelo que se desculpar.

Ao lado de Neymar e Robinho, o Fenômeno entrou bastante bem no jogo contra os frágeis adversários da Romênia e, como ele mesmo reconhece, poderia ter marcado vários gols nas muitas chances perdidas. Mas seu instinto matador se aposentou, e Ronaldo estava em uma forma física não adequada para o uniforme da Seleção Brasileira. Nem literal nem figuradamente. E a bola já não era sua melhor amiga. Ela se negava a entrar no gol quando ele chutava. O público cantou e aplaudiu Ronaldo ao longo do jogo; não poderia fazer outra coisa na ocasião. Mas ele também ouvia gargalhadas quando ficava parado como uma estátua viva do centro de São Paulo enquanto a bola estava rolando. A tolerância da torcida tem limite.

– Só quero a bola no pé... – disse Ronaldo antes do jogo, com um grande sorriso e certa ironia.



Ronaldo se despede

Após o jogo, Ronaldo deu uma volta olímpica no campo com a bandeira do Brasil ao som de “Sou Ronaldo”, de Marcelo D2. E acabou. 34 anos de idade. Era hora de passar o bastão. Novas histórias seriam escritas, novos ídolos receberiam aplausos, e Ronaldo não duvida de quem pode preencher o buraco deixado por ele. Após a homenagem, lançou palavras carinhosas para Neymar.

– Neymar tem um talento espetacular e a chance de se desenvolver física e tecnicamente. Eu o vejo como o homem do futuro da Seleção Brasileira.

Ronaldo só tem razões para falar bem de Neymar.

A mãe de Ronaldo não se entusiasmou com a ideia que Fernando Carvalho lhe propôs em meados dos anos 1980, dizendo que o filho dela deveria apostar no futebol, pois ele havia visto no menino magrinho com dentes tortos o maior talento da história.

– Ela não queria que ele jogasse futebol. Não podia arcar com os custos do material esportivo, e ele tinha que estudar – diz Fernando Carvalho, o homem que soube ver o fenômeno Ronaldo.

Fernando ajudou Ronaldo a treinar no time de futsal Social Ramos e, depois, no Valqueire.

Ronaldo também não teve regalias em casa. Lutou para sair da favela com a ajuda de outras pessoas. O treinador de juvenis no São Cristóvão, Roberto Gaglianone, é outra figura do futebol carioca que viu luz em Ronaldo.

– Eu me lembro do Natal de 1991. Ronaldo estava aqui na minha casa sonhando com o futuro. O maior desejo dele era um par de chuteiras da Nike – conta Roberto.

Ronaldo estreou como profissional no Cruzeiro aos 16 anos e, em suas duas primeiras temporadas, marcou o incrível número de 56 gols em 58 jogos. Naquela época não se conseguia conservar um talento como ele por muito tempo e, com 17 anos, foi contratado pelo grande clube holandês PSV Eindhoven. Estava por conta em um país estrangeiro.

Com ele foi outro grande talento brasileiro, Alexandre Calango.

– Ronaldo entrou direto no time principal, enquanto eu achei difícil me acostumar com o frio e com o idioma e voltei para casa – conta Calango.

Ronaldo aguentou o frio e superou o choque cultural. O restante da carreira dele é bem conhecido – artilheiro no PSV, no Barcelona,

no Inter, no Real Madrid e na Seleção. Campeão do mundo, o melhor do mundo.

Ele começou a ganhar muitíssimo dinheiro sendo garoto-propaganda de marcas como Brahma e Nike, a mesma das chuteiras que, quando criança, ele sonhava usar um dia. Foi também o pilar publicitário da marca de refrigerantes Guaraná Antártica.

Depois da homenagem no jogo de despedida, Ronaldo foi correndo para o vestiário e começou sua vida de empresário, dono da 9ine Sports & Entertainment, uma agência de comunicação que assessora esportistas e outros profissionais em temas ligados a estratégia de marcas e patrocínio.

Não é preciso ser especialista em estratégia de marcas para calcular as inúmeras oportunidades que Neymar tem de ganhar dinheiro graças a seu nome e seu rosto. Em abril de 2011, Ronaldo fechou um acordo de direitos de imagem com Neymar. No ano seguinte, Neymar chegou a um acordo de direitos internacionais com a IMX Talent, de Eike Batista, então um dos homens mais ricos do Brasil.

Os resultados do acordo com Ronaldo foram vistos depois que Neymar assinou o contrato com o Santos, que, em teoria, se estenderia até a Copa do Mundo de 2014. Neymar protagonizou um comercial do antigo patrocinador de Ronaldo, o Guaraná Antártica.

Na propaganda, ele está numa praia ensolarada e lhe perguntam por que ele não vai para a Europa. “Europa?”, pergunta Neymar, surpreendido, pensando em todos os pesadelos possíveis para um brasileiro num continente em que está sempre nevando e no qual, aparentemente, só se come *fish and chips*. Depois, faz um aceno aos europeus e manda a mensagem: “Agora não”. Em total conformidade com o tempo.

CAPÍTULO 17 – O BOLÍVAR DO FUTEBO

Ele fala sério.

– Eu sou a pessoa que escreveu um novo capítulo do futebol brasileiro. Deixei os europeus fora do jogo com o Neymar; sou como Simón Bolívar – diz o presidente do Santos, Luis Álvaro Ribeiro.

Ele solta essa bomba em seu escritório no estádio do Santos, na Vila Belmiro, um pouco depois de ser reeleito presidente do clube, em dezembro de 2011. Está com um excelente humor e exala autoconfiança. Como um general que ganhou uma grande batalha. O que, nesse caso, é uma metáfora bem adequada, pois ao falar de Bolívar ele se refere ao grande herói sul-americano que lutou contra o poder espanhol no início do século XIX e libertou uma série de territórios hispânicos.

Um de seus primeiros atos como presidente reeleito é fazer que Neymar coloque sua assinatura em um contrato com duração até a Copa do Mundo de 2014. Um triunfo enorme para o carismático presidente e uma grande decepção para os clubes europeus, que estavam cortejando o craque havia anos.

Mas o mundo parece notavelmente diferente um ano e meio depois, quando Neymar assina um contrato de cinco anos com o Barcelona. Com essa entrevista dá para entender o que havia em jogo para o Santos e, especialmente, para o presidente do clube. É fácil falar depois que tudo já passou e conhecendo os bastidores da batalha por Neymar.

No período em que a entrevista foi realizada, havia muita verdade no boato sobre a contratação do jogador. Mas o Santos mostrou uma enorme autoconfiança. O jornal catalão *Sport* dizia regularmente que Neymar estava a ponto de ser contratado pelo Barcelona. Neymar ficou perplexo.

– Acho que daqui a pouco terão me vendido umas 30 vezes!

Para o presidente do Santos, a história tinha pouco mistério. Ele a põe abaixo com uma metralhadora carregada de sarcasmo cortante nas revistas.

– O povo catalão é muito criativo. De lá vêm grandes artistas como Gaudí, Miró e Dalí. O problema é que entre a fantasia e a realidade existe um oceano.

O jornal *Marca* também utilizou um sem-fim de páginas para dizer que Neymar estava a ponto de ser contratado pelo Real Madrid. Segundo o jornal, o jogador estava, inclusive, passando por exames médicos em São Paulo antes que se pudesse tornar público que o clube o havia contratado por 60 milhões de euros. O Santos negava que a notícia fosse verdadeira.

– Neymar joga no clube que ama e no qual cresceu; vive ao lado da avó e dos pais. Por que mudar isso para ir para o Real Madrid, com um técnico tão temperamental como José Mourinho? Lá corre o risco de que o mandem para o cabeleireiro ou que o obriguem a jogar na defesa. Aqui ele joga como quer – diz Luis Álvaro Ribeiro.

O presidente se senta à ponta de uma mesa em forma de elipse, numa sala de reuniões em seu escritório, e explica seu ponto de vista sobre manter Neymar no time para depois, por assim dizer, sair em disparada e encher os cofres do clube.

– O fato é que havia uma incongruência entre a velha lembrança que os jornalistas espanhóis tinham do Santos de Pelé e o Santos de hoje, que tem um presidente que pode recusar as grandes ofertas que fazem por Neymar – diz, irradiando uma calma inabalável e com autoridade na voz. – Certa vez, eu lhes disse o seguinte: “Vocês querem rever o Tratado de Tordesilhas? Acham que continuamos sendo uma colônia? Já se deram conta de que o mundo mudou, de que ultrapassamos a Inglaterra e somos a sexta economia mundial? Agora fazemos parte dos grandes jogadores. Somos um dos países do Bric (Brasil, Rússia, Índia e China). Nossa dívida histórica com o Fundo Monetário Internacional é passado, e hoje nós emprestamos dinheiro a vocês. A União Europeia nos chama para ajudar a salvar a Itália e a Grécia, algo impensável 20 anos atrás. Vocês não ficaram sabendo do que está acontecendo? Não leram os jornais? Não souberam? Não souberam que o mundo está mudando?”



Luis Álvaro Ribeiro em seu escritório da Vila Belmiro

A intenção de Luis Álvaro é que o Brasil reconheça o seu novo papel na sociedade mundial e que deixe de ficar à mercê dos interesses europeus, levante a cabeça e mostre mais orgulho.

– Concordo muito com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que disse: “Em vez de exportar ferro, exportemos produtos prontos”. Eu decidi pôr essa ideia em prática no mundo do futebol, e o fato é que o Brasil tradicionalmente tem sido exportador de jovens promessas – diz, indo além. – O Brasil está exportando matérias-primas há décadas. Então, em vez de exportar matérias-primas para a produção de aço na China e na Dinamarca, talvez seja a hora de produzir o aço no Brasil e exportar carros, geladeiras ou, pelo menos, placas de aço, porque isso gera postos de trabalho e rendimento para os cofres nacionais, o que contribui para o desenvolvimento econômico do país. Todo o mundo vê que a nossa economia cresce. A importância geoeconômica do Brasil cresce. E no futebol, que é o grande amor de todos os brasileiros, não podemos continuar agindo como se fôssemos um país “exportador de café” do

começo do século passado. É hora de mudar as coisas. E mudamos demonstrando aos clubes europeus que queriam levar o Neymar.

Na parede atrás de Luis Álvaro Ribeiro está pendurada uma foto de seu avô, Luis Álvaro, um médico fanático por futebol, que comprou terras, pôs em andamento a primeira obra da Vila Belmiro e foi o homem por trás do primeiro departamento médico de um clube de futebol brasileiro. Infelizmente, ele morreu em 1916, um dia antes da inauguração do estádio, que foi adiada por esse motivo.

– Quero dizer que a Vila Belmiro é, para um santista, o mesmo que Roma é para um católico, Meca é para um mulçumano ou Jerusalém é para um judeu. Este lugar tem um grande caráter simbólico e mítico. Aqui jogou Pelé!

Luis Álvaro Ribeiro alcançou sucesso por meio de sua empresa de marketing, como empresário do setor imobiliário e como diretor do Banco Central do Brasil.

Nascido em 1942, tem idade suficiente para ter visto Pelé, Pagão e Coutinho darem os primeiros passos no Santos. Viveu uma época na qual o Peixe (o apelido do Santos) nadava contra a corrente, mas aqui e agora pode encerrar em si todas os sonhos e torná-los realidade. Seu coração resistente bate por esse clube. Quando ele se apresentou como candidato à presidência do Santos pela primeira vez, em 2003, foi uma loucura.

– Meu médico e minha família me chamavam de louco, porque naquele ano eu havia tido quatro paradas cardíacas e um enfarte. Mas meu amor pelo Santos falou mais alto e, dois meses depois de ter olhado nos olhos da morte, eu me apresentei.

Esse amor não foi correspondido num primeiro momento. O empresário Marcelo Teixeira conseguiu mais votos. Mas, em 2009, Luis Álvaro saiu vitorioso do jogo pela presidência. Para ele, a assinatura de Neymar no contrato até 2014 era a soma da sua experiência e da sua visão.

– Tenho 69 anos, fui diretor do Banco Central do Brasil. Fui um dos negociadores da dívida externa do Brasil, participei de reuniões com o Banco Mundial. Acho que não sou uma pessoa fácil de superar em uma discussão. Era uma luta entre Davi e Golias. Golias tinha um cheque. Eu não tinha nenhum cheque, só os meus argumentos e a minha persuasão. E, na minha cabeça, por Neymar,

pelo futebol brasileiro e pelo Santos, era importante que ele ficasse até a Copa do Mundo de 2014. Era um assunto no qual, aos meus olhos, havia interesses nacionais envolvidos.

A opinião que o resto do mundo tem sobre o Brasil continua caracterizada pelo que o presidente chama *mentalidade feudal*, e ele a sentiu na pele na batalha por Neymar.

– Na América do Sul, há uma mentalidade de proprietários por parte dos países ibéricos. Uma mentalidade de donos diante dos países que descobriram e possuíram no passado. A população indígena original era uma “matéria-prima”, que podia ser usada como mão de obra, como escravos, como caçadores ou trabalhadores florestais; depois a madeira era exportada para a Europa. Tivemos um estranho e exagerado respeito pelos nossos ex-colonizadores. Os brasileiros acreditavam que tudo o que era do Brasil era pior do que o que vinha da Europa. No que se refere a algumas coisas, isso é certo, sem dúvida. O uísque escocês é insuperável, o vinho francês também. Mas não é só isso; o sabonete, a roupa, os sapatos, os materiais de construção eram sempre europeus, o ferro para a construção das casas vinha da Inglaterra. O processo de industrialização nasceu um pouco antes da Segunda Guerra Mundial, com a instalação das primeiras siderúrgicas, que obtivemos em troca do nosso apoio aos norte-americanos na guerra. Depois da guerra, nos anos 1950, começamos a produzir nossos próprios carros e, pouco depois, se construiu um sentimento de libertação de nossa condenação histórica de ser colônia. Por fim, depois de algumas décadas, esse sentimento de independência está claro na consciência dos brasileiros, mas não na dos portugueses e espanhóis, que continuam vendo o Brasil como um menino que ainda está aprendendo a andar – diz o presidente.

Ele ainda revela alguns detalhes da mesa de negociação:

– Havia certo ar de arrogância. Lembro que o presidente do Real Madrid insistia que a quantia da cláusula de rescisão, que era a mesma quantia que eles ofereceram, era o seu valor de mercado. Mas eu disse que não. Eu disse que ele não sabia o que é valor de mercado. O valor de mercado é quando há uma parte interessada em vender e uma parte interessada em comprar. Isso é um mercado! Se uma parte não quer vender e a outra quer comprar, isso não é

mercado. Foi arrogante da parte dele pensar que só o Real Madrid tinha recursos para comprar o Neymar. O Chelsea também estava disposto a pagar a cláusula de rescisão de 35 milhões de euros. Também havíamos mantido conversações com um grande time italiano muito rico e com o presidente do Barcelona, o Sandro Rosell. Recusamos todas as propostas. Do ponto de vista jurídico, claro que é difícil conservar o jogador se um clube quer pagar a cláusula de rescisão e o jogador quer ir.

Ao longo de 2011, Luis Álvaro Ribeiro se fez inúmeras perguntas. Ele percebeu que precisava de um plano para convencer Neymar, e obviamente o pai dele, de que o melhor para o jogador e para o Brasil era ele ficar em casa.

CAPÍTULO 18 – UM TELEFONEMA DE PELÉ

Uma coisa é Luis Álvaro Ribeiro achar que a assinatura de Neymar canoniza sua imagem como o Bolívar do futebol, marcando, com o contrato, uma rebelião contra a mentalidade escravocrata brasileira. Outra coisa é vender essa ideia para um garoto de 19 anos que, muito provavelmente, está mais interessado em viver bem do que em acabar com o antigo poder colonial europeu.

O presidente também sabe muito bem que a sua ideia pouco pode contribuir para quebrar essa mentalidade de senhor feudal se o jogador quiser outra coisa. Ele pode acabar tachado de hipócrita, por isso seu plano precisa ser bem pensado e ousado.

– Tomei uma atitude arriscada. Disse para Neymar escolher livremente, porque estas são as minhas convicções ideológicas, de que os jogadores de futebol não são produtos nem objetos, e sim pessoas. Então o jogador sempre pode falar livremente com quem quiser – diz Luis Álvaro. – Eu estava convencido de que tinha argumentos, não materiais, mas argumentos fortes, que podiam fazer que Neymar ficasse mais tempo. A pressão era brutal, porque os valores eram muito altos. Os intermediários podiam ganhar uma fortuna, o pai dele tinha a chance de ter um cheque de 20 milhões de euros nas mãos como adiantamento. Eu não podia competir com esses números.

Em troca, o presidente fez o que melhor sabia fazer. Ele se propôs a contar uma bela história para Neymar e o pai dele.

– Eu estava trabalhando a ideia de que um simples garoto inteligente e feliz podia desfrutar mais três anos as maravilhosas condições que já conhecia. Aos 22 anos ele conseguiria um contrato e uma experiência na Europa, que podiam ou não dar certo, mas,

nesse meio-tempo, poderia ser feliz e ganhar muito dinheiro aqui no Brasil, além de construir um nome e se tornar um mito.

Há anos o Santos é um lugar atraente onde se jogar. Não só pela história do clube, mas porque ele pertence a uma cidade com uma localização interessante. A topografia de Santos lembra muito a do Rio de Janeiro, rodeada de praias e de uma cadeia montanhosa. É uma cidade relativamente grande, que abriga 1,5 milhão de pessoas, contando os arredores. Ao mesmo tempo, Santos possui o porto mais movimentado da América do Sul, que atrai empresas do mundo inteiro. Se, além disso, você pode viver de esporte, como Neymar, precisa acontecer algo extraordinário para deixá-lo tentado a sair de uma cidade como Santos.

Em dois meses, o Santos criou um plano de carreira para Neymar, para que ele se tornasse uma parte da cidade e do clube. Um plano que iria administrar o enorme potencial dele.

– Era um plano único. Pensamos em administrar sua imagem de um ponto de vista econômico e, ao mesmo tempo, criar uma identidade reconhecível. Achamos que seriam necessários um psicólogo e um fonoaudiólogo (Neymar tinha que aprender a falar com a imprensa). Ele tinha dificuldades para se expressar, ele murmurava. Precisava de ajuda com o marketing. Conselho sobre o que dizer ou não dizer. Precisava de um assistente profissional de primeiríssimo nível, que administrasse seus rendimentos para que ele não repetisse a típica história do jogador de futebol brasileiro, que ganha muito dinheiro e usa tudo em projetos que dão prejuízo; então, quando a carreira termina, não tem dinheiro para se manter e se vê obrigado a viver das lembranças dos torcedores em sua época de grandeza.

O clube desenvolveu um programa de formação, um processo de treinamento para Neymar, o pai, a mãe e a irmã aprenderem a administrar os rendimentos que choveriam para ele. De volta ao Santos, seria então necessário convencer Neymar de que seu futuro estava ali.

– Em resposta às grandes ofertas, nós nos reunimos com o pai de Neymar. Foi como uma peça teatral de marketing. Nós nos sentamos ao redor de uma grande mesa em um espaço nobre na sede de um grande banco. Deixamos uma cadeira vazia e o pai de Neymar

perguntou: “Por que a cadeira está vazia?”. E eu respondi: “A cadeira está reservada para o maior ídolo do país. E está vazia desde que Ayrton Senna morreu. Não houve nenhum ídolo nacional desde então, e agora a cadeira está preparada para Neymar”.

O futebol e a Fórmula 1 têm um fascinante destino comum no Brasil. Ayrton Senna se transformou em ídolo nacional quase de um dia para o outro. Dois dias depois de a França ganhar do Brasil na Copa do Mundo do México, em 1986, Senna venceu o Grande Prêmio de Detroit. Ele pegou uma bandeira brasileira e deu uma volta com ela erguida. Essa volta foi um bálsamo para um Brasil em crise econômica e no futebol, e Senna repetiu a cena até a sua morte toda vez que ganhava um Grande Prêmio.

Naqueles dias em que o país se envergonhava do futebol, Senna ergueu a bandeira brasileira e se elevou de piloto a ícone que poderia unir as massas, tanto quanto um jogador de futebol poderia fazer. Oito anos depois, o Brasil estava a caminho da quarta conquista da Copa do Mundo, após 24 anos de dolorosa seca, assim como Ayrton Senna estava em busca do seu quarto título mundial. Mas a curva Tamburello do circuito de Imola, em San Marino, acabou tragicamente com a vida do querido piloto.

A morte de Senna impactou e paralisou o povo brasileiro. Quando seu caixão chegou ao Brasil, mais de 200 mil pessoas foram ao centro de São Paulo para estar junto dele. As cenas eram comoventes. Sua morte era incompreensível. A luz que inspirava o povo se apagou em uma hora muito triste para o país.

– O povo brasileiro precisa de comida, educação, saúde e um pouco de alegria. Agora a alegria se foi – disse uma fã aos prantos, que estava lá para prestar condolências a Senna.

A morte dele foi uma tragédia nacional, que fez que o governo decretasse três dias de luto.

Quando a Seleção Brasileira ganhou a final da Copa do Mundo nos Estados Unidos, contra a Itália, o capitão do time, Cláudio Taffarel, disse:

– Do mais profundo dos nossos corações, dedicamos a vitória ao nosso amigo Ayrton Senna.

Hoje, Senna está vivo em estradas, estátuas e placas comemorativas que se encontram, entre outros lugares, no centro

esportivo do seu time de coração, o Corinthians, e na Fundação Ayrton Senna, que já doou milhões para crianças pobres do Brasil.

– Os ricos não podem se isolar numa ilha, rodeados de um mar de pobreza. Todos nós precisamos ter a oportunidade de viver bem – disse, certa vez, Ayrton Senna.

Uma cadeira vazia com uma enorme herança para Neymar. Uma pressão de dimensões incalculáveis. Luis Álvaro lançava a ideia de outro ícone nacional para convencer o pai de Neymar de que seu filho tinha de ficar no Santos.

– Faço outra manobra de convicção. Acerto com Pelé para que ele ligue em uma hora combinada. Durante a reunião, os participantes mantêm os celulares desligados. Olho o relógio e às 11 horas ligo o meu telefone discretamente. Às 11h13, Pelé liga. Eu finjo surpresa e atendo. A reunião é interrompida. Eu digo: “Sim, ele está aqui comigo. Um momento, passo para ele”. Passo o telefone ao pai de Neymar. Pelé e o pai de Neymar conversam durante dez minutos. Pelé lhe diz, com toda a experiência, que é importante que Neymar fique no Santos.

Luis Álvaro ligara para Pelé recorrendo a um fator psicológico que fez que a reunião terminasse bem. Fez que Neymar ficasse no Santos. Por sua vez, os rendimentos do garoto aumentariam consideravelmente por meio de acordos publicitários.

– Neymar tem um brilho excepcional. É capaz de vender produtos como garoto-propaganda. Isso pode gerar muito dinheiro. Nós nos baseamos na experiência que tivemos quando trouxemos Robinho de volta para o Santos. Robinho jogava na Inglaterra e não era feliz, queria ir para a Copa do Mundo da África do Sul e vimos a chance de trazê-lo de volta para casa. Não tínhamos recursos para pagar o mesmo salário que ele ganhava na Europa, mas ele estava disposto a colaborar com várias empresas. O Santos pagava 20% do que ele ganhava. Os outros 80% eram de acordos publicitários que negociamos para ele. E pensamos que, com Neymar, podíamos repetir e ampliar essa jogada. Foi o que aconteceu. Neymar passou a ser como Pelé. Um fenômeno criado aqui no Santos.

Luis Álvaro acha que fez um favor ao Santos e ao Brasil retendo Neymar. Quando o contrato terminasse, o clube não receberia nada

em troca. Mas, até lá, a presença de Neymar geraria grandes lucros para o Santos. Assim parece ter sido o cálculo em 2012.

– Consigo os melhores acordos televisivos, consigo maiores rendimentos do estádio. O valor da camisa do Santos e do clube aumenta com a presença de Neymar. No curto prazo, seria extraordinário se entrassem milhões de euros no caixa, porque herdamos um clube endividado. Podíamos liquidar a dívida e usar o resto para produzir novos Neymar. Mas encontrei uma solução e tinha uma visão de médio prazo, e com Neymar no Brasil as pessoas acreditariam que podemos organizar uma Copa do Mundo em 2014 e vencê-la. A Copa do Mundo é a chance para que os brasileiros recuperem definitivamente sua autoestima – opina o presidente do Santos.

Talvez “autoestima” seja a palavra-chave para Luis Álvaro no apogeu da sua carreira, antes que as sombras da realidade enegressem os sonhos. Neymar era brasileiro, jogava no Brasil, vivia no Brasil, assim como o povo. Ele se transformara na imagem que reconhecemos de um brasileiro porque estava rodeado de costumes nacionais. Os jovens do Brasil não precisavam olhar além do Santos para encontrar um ídolo a quem adorar e admirar. Neymar lhes ensinara que é possível ser alguém aqui.

– Em minha opinião, Neymar é um fenômeno incrível. É um jogador de futebol excepcional e uma pessoa com uma capacidade comunicativa incrível, vista raras vezes hoje em dia no mundo do futebol. É um homem do *show business*. Ele se expressa de uma maneira que encanta a juventude. Outro dia eu fiz uma pesquisa informal na praia. Perguntei a um grupo de garotas quem elas achavam que era o jogador mais bonito do mundo: Beckham ou Neymar. As meninas com mais de 20 anos responderam unanimemente “Beckham”, e as com menos de 20, “Neymar”. Acontece que é uma revolução estética. Uma pessoa que envolve tantos aspectos é muito valiosa. É alguém que você precisa conservar pelo maior tempo possível – diz Luis Álvaro. – Foi um esforço heroico manter esse garoto aqui.

Apenas um ano e meio depois, a realidade seria outra; a visão (ou o sonho, se preferirem) não se estendeu até 2014. O maior tempo possível foram apenas 18 meses.

Neymar se tornou jogador do Barcelona em 2013, numa Espanha devastada pela crise e que, durante anos, recebera vários bofetões verbais de Luis Álvaro Ribeiro. Ele nunca foi sério na hora da vingança. O presidente do Santos teve de reconhecer que o capitalismo é mais forte do que o bolivarismo. Que as grandes ideias não se mantêm ilesas por muito tempo. Que o dinheiro pesa mais do que os princípios. Que não se pode evitar o livre-arbítrio nem com os argumentos mais fortes. Que, ao que parece, o sonho de Neymar e o dele não eram o mesmo.

CAPÍTULO 19 – MAIORES DO QUE NEYMAR

Se você realmente gosta de futebol, não há amor maior no mundo do que o amor por um time. Essa é a mensagem da música da torcida, dos fãs, quando cantam no estádio. Essa mensagem é repetida por Alexandre Animal, um dos líderes da Sangue Jovem, uma das torcidas do Santos. Animal é diretor de arquibancada, líder de arquibancada. Ele se senta numa cadeira de plástico em um pátio da sede da torcida e explica a relação entre os jogadores e os torcedores do clube.

“Animal” é um apelido que se encaixa bem em um homem que bate com o punho cerrado na palma da outra mão quando quer dar ênfase a um argumento. O olhar sério sob a sombra do boné expressa seriedade. Mas ele não age necessariamente de acordo com o que aparenta, não age assim porque vai brigar. O futebol é sério. O futebol é a vida dele. Portanto, falar de futebol tem importância. Assim como tem importância para os torcedores que estão do lado de fora da sede, esperando o ônibus que vai levá-los numa viagem de duas horas ao interior de São Paulo, para ver um jogo do campeonato estadual contra um time menor. Um jogo no qual o Santos não precisa dos melhores jogadores para ganhar. Mas pouco importam os melhores jogadores, então o ônibus sai do mesmo jeito, e Animal fala com mais paixão do Santos e da Sangue Jovem do que de Neymar.

– No futebol brasileiro, existe a cultura de que o time é mais importante do que os jogadores, não importa quão bons eles sejam. Neymar não é exceção. Dizem, e pode ser, que o Santos tem o maior porto da América Latina, mas o que torna a cidade conhecida no mundo inteiro é o time de futebol local, e como o Santos é associado com Pelé e Neymar, e isso repercute positivamente no clube – diz

Animal. Segundo ele, a Sangue Jovem conta com mais de 30 mil membros ativos, dos quais, naturalmente, a maioria é de São Paulo e de Santos. É uma organização independente do clube. E o clube depende do respaldo dos torcedores exigentes. A devoção dos torcedores mostra um pouco da pressão que ajudava Neymar a amadurecer em sua época no Brasil.

– Está claro que a base da nossa vida é o Santos, do qual somos torcedores desde que nascemos até quando morremos. Temos uma boa relação com os dirigentes do clube. Não temos livre acesso aos jogadores, mas, quando é necessário, entramos em contato com a direção. Por exemplo, quando queremos pedir mais dos jogadores. Se o time está passando por um mau momento, vamos até o vestiário para lhes dizer: “O que foi? O que está acontecendo? Mostrem que vocês merecem vestir a camisa do Santos!”.

Ele conta que os jogadores são tratados como funcionários. Os jogadores deixarão o time, mas o clube continuará. E o jogador precisa honrar a história do clube.

– O Santos é um clube centenário que nunca caiu e sempre está entre os favoritos para ganhar o campeonato. Portanto, há pressão sobre os jogadores que vestem a camisa, eles precisam jurar usá-la com grande responsabilidade. Isso é o que nós exigimos deles! Antes dos jogos importantes, vamos ao treino com bandeiras para motivar os jogadores. Antes dos grandes clássicos, o treino costuma ser a portas fechadas para a imprensa, mas nós chamamos a direção e dizemos: “Queremos assistir ao treino e motivar os jogadores”. Às vezes é possível, às vezes não, e outras vezes nos vemos obrigados a usar a força para entrar.



Animal, para quem "paixão" é pouco

Animal pronuncia essas palavras com a força de um tornado, dá quase para jogar alguém para trás. É uma bomba-relógio de paixão pura. Ele mantém o olhar sério durante toda a conversa, e não há indícios de que o sol despontará atrás das nuvens quando conta como a Sangue Jovem vive o futebol.

– Vivemos para o Santos, mas temos a nossa própria história. Trabalhamos em muitas frentes. A mais importante é a dos torcedores da arquibancada. Não importa em que parte do mundo o Santos jogue, sempre haverá pelo menos dois representantes da Sangue Jovem com as nossas faixas. Nós trabalhamos no Carnaval, outra parte importante da cultura brasileira. Temos uma escola de samba com muita tradição. Também promovemos atividades sociais em lugares como as favelas. Doamos sangue, comemoramos o Dia das Crianças, o Natal e apoiamos eventos culturais. Você acha que o futebol é um trabalho nos tempos livres? Para nós, não. É um

assunto sério. O futebol mistura economia, cultura e aspectos sociais. Ele pode mudar a realidade de uma pessoa, econômica e socialmente.

Para nós, é a vida. *O futebol é a vida!*

CAPÍTULO 20 – NEYMARKETING

– Meu filho é a minha empresa. Eu sou o diretor, junto com a minha mulher e nossa filha, que nos ajuda.

Assim fala o pai de Neymar sobre o filho.

O sonho de Neymar pai de que o filho fosse jogador de futebol se realizou. O macacão e as mãos sujas de graxa por causa do trabalho como mecânico há tempos foram substituídos pelo terno e por uma firme atitude de homem de negócios. Agora ele entende de economia, depois do curso de economia comercial em uma das maiores empresas esportivas do mundo.

A marca Neymar gera milhões de euros por ano. Em 2012, os rendimentos rondavam os 60 milhões de reais, segundo o jornal *O Globo*. E a revista britânica *SportsPro*, que trata de aspectos financeiros do futebol, avaliou Neymar como o esportista com maior valor de mercado, na frente de nomes como Messi, Cristiano Ronaldo e o jogador de golfe Rory McIlroy.

O pai de Neymar tem uma visão geral da grande quantia de dinheiro que entra nos cofres da empresa e todos os meses dá uma mesada ao filho, como salário. É importante considerar que, com a mesada, Neymar pode comprar um carro esportivo italiano ou um atrevido iatezinho, se tiver vontade de navegar pela baía de Santos.

Em maio de 2011, a revista brasileira *Alfa* estampava em uma capa: “O complexo de Neymar: rico, genial – e controlado pelo pai. Algum problema com isso?”.

Nas páginas internas, ela reúne pai e filho. Eles estão usando terno, e a primeira foto da reportagem mostra Neymar pai dando um nó na gravata do filhinho. Ter o pai como empresário dá a Neymar a tranquilidade para se concentrar no que melhor sabe fazer. Não, não há nenhum problema no fato de o pai controlar a empresa.

– Meu pai sempre fez de tudo para que eu me sentisse seguro e pudesse, assim, me concentrar em jogar futebol – diz Neymar na entrevista que traz à tona um dilema para a empresa: o chefe dá prioridade à carreira ou ao dinheiro?

– Uma coisa não exclui a outra. Tenho que servir tanto o meu filho como a empresa. Quando estamos em casa, é meu filho. Mas, quando sai pela porta, é meu produto – diz Neymar pai.

O dinheiro tem sua importância. Sem dúvida alguma. Neymar e o pai não falam muito sobre a infância pobre do craque, mas o jogador menciona o assunto. Há motivos sólidos para que o pai de Neymar se encarregue do dinheiro.

– Éramos uma família bem humilde. Passamos por dificuldades – diz Neymar.

O nome e o rosto de Neymar podem vender qualquer coisa, razão pela qual ninguém deve se surpreender ao ver o seu nome relacionado com uma série de marcas nacionais e internacionais: Guaraná Antarctica (refrigerante), Santander (banco), Claro (telefonia), Unilever (bens de consumo), Heliar (pilhas), Volkswagen (carros), Nike (artigos esportivos), Panasonic (eletrônicos), Lupo (roupa íntima), Clear Men (xampu), Kibon (sorvete) e várias outras são uma parte de todo o “neymarketing” que corre em paralelo à carreira de jogador de futebol.

Muitas coisas aconteceram desde que Leônidas da Silva se transformou, em 1930, no primeiro jogador de futebol brasileiro a promover um produto, o chocolate Diamante Negro...

O fato de Neymar ser uma empresa deve ser entendido ao pé da letra. No total, ele emprega 20 pessoas, além dos profissionais envolvidos com tudo o que está relacionado a sua carreira. A NR Sports, sua empresa familiar, possui 13 funcionários que administram os rendimentos e os investimentos de Neymar, além de seu site e suas atividades nas redes sociais.

O Santos tinha quatro pessoas dedicadas a defender os interesses de Neymar: o gestor Eduardo Musa, que se encarregava de todas as consultas da imprensa e dos patrocinadores, uma pessoa que cuidava da logística das viagens, um responsável pela imprensa e uma pessoa que controlava a agenda do craque.

O Instituto Neymar Jr. tem cinco funcionários que trabalham com as atividades sociais de Neymar.

A estreita relação entre pai e filho não é rara no mundo do futebol. No Brasil, Bosco Leite, pai de Kaká, desempenha o mesmo papel do pai de Neymar. É ele que administra os negócios e, ao mesmo tempo, representa o filho. O pai de Lucas Moura, Jorge Rodrigues da Silva, também administra as finanças do filho.

Atrás de muitos grandes jogadores, há um pai que tinha o sonho de ver seu filho se tornar profissional. Na Inglaterra, David Beckham e seu pai Ted são outro bom exemplo disso. Ted investiu todo o seu tempo livre em treinar com o filho no parque local.

– É uma experiência única ter seu primeiro filho. É preciso viver isso para entender. Quando David cresceu e começou a se interessar por futebol, não podia ser mais perfeito. O maior sonho que um pai pode ter. Não havia nenhuma dúvida de que ele tinha talento, mas precisava de ajuda. Eu fiz o que qualquer pai na minha situação faria – contou Ted ao *Sunday Times*.

O pai de Wayne Rooney levava o filho no colo ao estádio do Everton antes que seu rebento soubesse engatinhar.

Há outra história de pai e filho no futebol internacional, com desfecho um pouco mais confuso. É uma história com um final diferente daquele previsto pelos genes. Com o filho no papel de Sísifo do futebol.

CAPÍTULO 21 – O FILHO DO REI

[...] Eu sempre achei uma ironia do destino que meu filho fosse goleiro profissional. Minha carreira sempre consistiu em enfrentar o homem da camisa número um. Seria uma piada por parte do Nosso Senhor?

Pelé, em sua autobiografia *Minha história*

Centro de treinamento Rei Pelé

O centro esportivo do Santos leva o nome da maior estrela da história do clube. Com o apelido de “Rei”, a fachada está exposta para os jogadores que pisam no gramado das instalações.

O CT Pelé é rodeado por um muro protegido com arame farpado. Um muro que o artista Paulo Consentino está decorando com a história e os grandes ídolos do clube desde a fundação, em 1912, passando pelo primeiro contrato de Pelé, em 1956, até os dias de hoje, com Neymar.

Os jogadores estão pintados na história, mas, enquanto houver lugar nas paredes, eles podem contribuir para que o pincel de Consentino continue funcionando.

Do lado de dentro do muro e atrás do arame farpado, encontramos um centro esportivo moderno. Não é grande e pomposo, mas tem tudo o que um clube de futebol profissional deve ter e mais um pouco. Há um hotel cinco estrelas no qual o clube pode concentrar os jogadores durante muitos dias antes dos jogos importantes, uma piscina, uma sala de ginástica, uma sala de fisioterapia, uma capela onde os jogadores podem acalmar a mente e fazer uma oração e, o mais importante de tudo, três campos com um gramado bem cuidado.

O filho de Pelé, Edinho, pode procurar, em vão, seu retrato na parede do CT Rei Pelé. Mas ele apareceu na cidade esportiva e, num

dia em que a maioria das estrelas está de folga, foi a atração principal.

Edinho faz parte da equipe técnica do Santos. Corre e motiva os jogadores. Faz exercícios com eles, arruma os cones e é evidentemente difícil para ele não se envolver e brincar com aquilo que tornou seu pai conhecido no mundo inteiro, a bola.

Mas Edinho não chegou ao nível do pai.

Assim como Neymar, Edinho cresceu no mundo do futebol. Se o pai de Neymar era um ídolo local, o pai de Edinho era um ídolo mundial. Se Neymar teve de arcar com grande responsabilidade, imagine o pequeno Edinho no final dos anos 1970, quando crescia em Nova York, para onde Pelé havia ido a fim de apresentar o *soccer*.

– Durante toda a minha infância, eu tive o sonho e o objetivo de ganhar um troféu para o meu pai – conta Edinho, em um tom suave, rouco e profundo. Há rostos dos quais nunca nos esquecemos e também algumas vozes. A de Edinho é uma delas. – Eu me interessava mais por basquete e beisebol, mas claro que jogava futebol com o meu pai. Eu era um bom jogador de campo, mas era melhor no gol. Numas férias no Brasil, fiz um teste com o Santos como goleiro e me deram um contrato. Foi um dia maravilhoso para mim. Jogar no mesmo time que o meu pai.

Ele nunca ganhou um título para o pai, mas chegou perto. Em 1995, foi vice-campeão do Campeonato Brasileiro com o Santos.

Em um dos jogos, aconteceu algo na carreira de Edinho que recebeu uma curiosa atenção muitos anos depois. Edinho jogou contra o pai de Neymar em uma partida amistosa. O filho do Rei contra o pai do herdeiro. O pai que se viu superado pelo filho contra o filho que nunca chegou ao nível do pai.

No dia 31 de maio de 1995, essas duas grandes histórias se cruzaram nos anais do futebol brasileiro, quando o Santos enfrentou o União de Mogi das Cruzes. O pai de Neymar era atacante do União e o filho de Pelé era o goleiro do Santos. O jogo terminou em 1 a 1.

– É curioso pensar, e é algo que eu só percebi pouco tempo atrás. Embora fosse um amistoso, sempre senti uma grande responsabilidade, porque eu era o filho do Pelé – diz Edinho.

Nem sempre foi fácil ser Edinho. Em 1996, ele destruiu o joelho e, três anos depois, parou de jogar, com apenas 29 anos. Com 1,80 metro de altura, nunca foi um goleiro convencional, mas tinha grandes reflexos. Dificilmente teria chegado à Seleção. De qualquer forma, a lesão lhe tirou alguns anos importantes para um jogador de futebol.

Depois de encerrada a carreira, sua vida no médio prazo foi turbulenta. Se há algo que seu pai pregou como jogador foi que os jovens tinham que se manter afastados das drogas, para não se verem presos na perdição e no delito. O impacto, portanto, foi muito grande quando, em 2005, Edinho foi preso por envolvimento com o tráfico e condenado, em seguida, a 60 dias de prisão na penitenciária de segurança máxima Presidente Bernardes. No mesmo ano, veio à tona um caso de 1992, quando ele participou de um racha nas ruas da cidade. Um motociclista morreu, mas Edinho se livrou da pena, pois não era ele quem dirigia o carro.

Dito de outra maneira, Edinho passou por uma série de obstáculos para ser quem é hoje. Parece estar em forma, a julgar por seus braços musculosos e tatuados. Parece um homem que superou os problemas. Há uma incrível calma em sua voz profunda. O filho do Rei nunca foi Rei, mas, apesar de tudo, ele está orgulhoso.

– Estou orgulhoso de ter vestido a camisa do Santos. E é a camisa de goleiro, com a qual o meu pai não jogou. Então, fiz algo que ele não fez, e hoje estou feliz com o meu trabalho no clube – diz Edinho.

Nesse ponto, a memória de Edinho falha. De acordo com a autobiografia de Pelé, o Rei foi, na verdade, durante muitos anos, o goleiro reserva do Santos e da Seleção Brasileira. No livro, isso fica provado por uma foto que mostra que, sim, ele jogou no gol.

Como diz Pelé: “Além do mais, eu era um bom goleiro e adorava ficar no gol. Às vezes, agarrar a bola dava uma satisfação tão grande quanto marcar um gol”.

Pelé foi um homem que tentou abrir caminhos... Impossível de superar. Impossível de honrar.

CAPÍTULO 22 – EUROPA, IDA E VOLTA

Ronaldinho, Ronaldo, Adriano, Roberto Carlos, Juninho Pernambucano, Luis Fabiano e muitos outros são exemplos de craques que deixaram a Europa no final da carreira. Deixaram um continente devastado pela recessão e pela crise e voltaram para casa, para as praias do Rio de Janeiro ou para a dinâmica de São Paulo; para um Brasil em claro avanço.

Não se pode reprová-los depois de terem mostrado seu valor no mais alto nível, mas inclusive jogadores que estão em uma idade boa fazem a viagem de volta, mesmo não tendo tido uma grande trajetória na Europa. Alexandre Pato (23 anos), Renato Augusto (24 anos) e alguns outros aproveitaram o mercado de contratações em janeiro de 2013 para voltar para casa. E ainda mais importante: eles voltaram para casa e se fizeram notar, conseguiram minutos de jogos e se apresentaram em seu país natal pouco tempo antes da celebração da Copa do Mundo. Quando estão em forma e sem lesões, são jogadores prontos para a Seleção, e voltaram para times capazes de bancá-los.

Na visão de Neymar, isso é positivo para o futebol brasileiro.

– É bom para o futebol brasileiro que os grandes ídolos e as grandes estrelas voltem aos times nacionais. Os torneios serão melhores, mais interessantes, e também mais divertidos. Ajuda todos os jogadores a verem as estrelas de perto – disse Neymar na revista *Time*, em 2013.

Nessa entrevista, ele voltou a citar as razões que tinha para ficar em seu país.

– Sempre faço o que o coração me diz. Gosto de estar no Brasil, é meu desejo. Acho que o momento oportuno para ir embora daqui ainda não chegou. Estou feliz no Santos, estou feliz de viver no Brasil. Estou com a minha família, meus amigos, estou muito feliz. Era meu desejo ficar, não me arrependo, e a decisão não se tratava

de dinheiro. Tenho contrato com o Santos até 2014 e gostaria de cumpri-lo. Portanto, depende do meu desejo, do meu coração me dizer se quero ir embora do Brasil ou não. Você sempre sabe o que é melhor para você. É como escolher o sabor do sorvete. Às vezes você pede baunilha; outras vezes, chocolate. O meu desejo hoje, o meu sabor hoje, é ficar no Santos.

Poucos meses depois, o sorvete de Neymar era outro, escolheu o sabor do Barcelona, independentemente de qual sabor fosse esse. Suas repetidas declarações, ano após ano, sobre ficar no Brasil raras vezes agradavam as velhas lendas e talvez, em última instância, elas tenham influenciado para que ele assinasse com o Barcelona.

Se Neymar tivesse dado mais importância a seu desenvolvimento do que à glória nacional, teria mais possibilidades de sucesso na Copa do Mundo de 2014. Essa foi uma crítica de muitos dos veteranos que, ao longo dos anos, fizeram fila para dar conselhos.

Ronaldo disse em uma entrevista à ESPN:

– Eu recomendaria a Neymar que fosse para a Europa. Além de ser a pátria do futebol, há oportunidades culturais para ele. É uma chance que é preciso aproveitar. Eu aprendi muito lá. Foi fantástico viver ali com 18 anos, e posso dizer que não há universidade que ensine o que eu aprendi jogando futebol na Europa.

Dunga declara em uma coletiva de imprensa em Londres:

– Neymar é um bom jogador, o melhor do Brasil e da América do Sul. Mas é duro jogar na Europa, as marcações são mais fortes. Acho que precisamos experimentar ser jogador na Europa para adquirir mais experiência e melhorar.

Rivaldo também foi bem crítico em uma entrevista para a Terra TV. Ele não entendia como Neymar, há muito tempo, não fizera as malas para cruzar o Atlântico.

– Todos nós precisamos de um pouco de mudança de vez em quando. Neymar tem que fugir do Brasil e do seu meio familiar o mais rápido possível. Tem que ir para a Europa para viver uma experiência. Você precisa de experiência para uma Copa do Mundo. A melhor maneira de adquiri-la é jogando contra os melhores, e os melhores estão na Europa.

CAPÍTULO 23 – O EMBAIXADOR

É possível que Neymar tenha sido tímido quando criança e que, quando precisasse se expressar de verdade, só falasse com a bola nos pés. Mas, desde então, isso mudou. Se houver um evento que atrairá grande atenção, podemos ter certeza de que Neymar será convidado. E ele costuma aceitar.

Sua participação mais conhecida é no hit de sucesso mundial “Ai, se eu te pego”, de Michel Teló. Neymar comemora um gol com uma dança meio provocativa quando a música está no auge. Já existe um monte de músicas escritas sobre Neymar. Entre elas, a do cantor Rodolfo Cesar, que compôs “Neymar é show”.

Estes são bons exemplos de como Neymar é uma mistura de estrela do futebol com astro do pop na cultura popular brasileira. Analisando bem, ele prefere a música brasileira à europeia ou à norte-americana. Podemos concluir isso a partir da lista do iPod dele, que esteve disponível em seu site. Tem de tudo, desde rap e funk brasileiros da pesada até música sertaneja.

Quando o campeão mundial de MMA Anderson Silva, um dos maiores esportistas do Brasil, sobe ao ringue, Neymar costuma se sentar nas primeiras filas e acrescenta um glamour extra ao evento. E quando Faustão, o grande personagem da televisão brasileira, quer que Neymar vá ao programa, ele costuma conseguir. Há vários outros exemplos. Neymar nunca diz não para o foco das câmeras.

Ele também não é discreto na hora de compartilhar sua fama. Quando faz uma festa com garotas de biquíni em seu iate na baía de Santos, sabe que os *paparazzi* estão à espreita. Com a mesada do pai, adoçou a existência com brinquedos de quatro rodas. Na sua garagem, há um Porsche Panamera, um Volvo XC60 e um Mini Cooper. E sua casa no litoral paulista é um luxuoso chalé no Guarujá, um paraíso terrestre. Ele gosta de mostrar o seu sucesso, inclusive o sucesso material.

O fato de Neymar se expor tanto fora do campo causou um pouco de preocupação na imprensa brasileira, tendo em vista os inúmeros casos anteriores de jogadores brasileiros que tiveram problemas com isso. Mas, embora tenha um lado que adora fazer parte da cultura popular, aberto a todos, ele tem outro mais introvertido. O mais importante para ele é não se sentir sozinho.

– Não gosto de ficar sozinho. Sempre gosto de estar com os amigos. Vou para casa, jogo bilhar, video game ou saio para comer e me divertir. Com muita tranquilidade – disse Neymar em uma entrevista para a revista inglesa de futebol *FourFourTwo*.

Na mesma entrevista, ele revela que usa o video game como inspiração para o futebol, fazendo dribles e depois os testando na vida real. Pensando bem, não se pode culpar Neymar por querer experimentar coisas novas em sua vida. Romário também fazia isso. Ele também era milionário aos 18 anos e adorava tudo o que isso significava.

– Ele é como eu há 20 anos, e entendo muito bem o seu comportamento. Não é como Adriano – disse Romário em uma entrevista ao *Goal.com*.

O velho goleador não está nem um pouco preocupado, achando que Neymar se afastará do futebol como aconteceu, por exemplo, com Adriano, que nunca teve a carreira que seu talento pressagiava.

– Neymar é o melhor jogador brasileiro e não está muito atrás de Messi – diz Romário.

Neymar começou sua carreira com o número sete nas costas, mas, quando teve cacife no Santos para escolher, optou pelo número 11.

– Sempre admirei Romário, que usava a camisa 11, por isso eu gostava desse número. Também joguei com a 10, mas tenho mais carinho pela 11 – comentou Neymar.

Talvez por isso Romário geralmente defende Neymar, em vez de dizer o que ele deve fazer com a sua carreira. Eles também compartilham algumas características: são ilustres representantes do futebol brasileiro, adoram marcar gols e gostam de ir a festas. Mas as semelhanças terminam aqui.

A mãe de Romário contou que, na realidade, seu filho chegou ao sucesso “dormindo”. Aqui não há nenhuma história de disciplina,

trabalho duro nem intervenção divina. Quando já jogava na categoria de base do Vasco da Gama, Romário mostrava uma impressionante indiferença pela atividade física.

– Eles costumavam correr em volta da lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio. São 7,5 quilômetros, mas isso não era para ele. Então, ele pegava o ônibus depois de 500 metros e se reunia com os colegas no fim do trajeto – diz a mãe, dona Lita.

No PSV Eindhoven, Romário tirou do sério seu colega de time, o dinamarquês Flemming Povlsen.

– Romário é uma figura fantástica. Mas no PSV ele me deixou com raiva de verdade. Não é que eu o odiasse fora do campo, mas nos treinos não suportava sua atitude. O PSV me contratou quando Romário estava nos campeonatos sul-americanos. Eu estava indo bem, mas, quando ele voltou, teve que entrar em campo. Então pensei que, para ele, devia ser muito fácil jogar e que a culpa era do treinador, mas, analisando, hoje mudei de opinião. Se eu fosse o técnico e um atacante garantisse dois gols por jogo, eu também diria: “Até domingo no jogo; depois tire a semana livre”. Romário era um preguiçoso. Eu e os demais nos matávamos de treinar, enquanto ele corria um pouquinho pelo campo, dava alguns toquinhos na bola e entrava para fazer massagem. E nós nunca chegamos perto do nível dele. Isso é de tirar do sério – diz Flemming Povlsen sobre Romário.

Essas histórias não têm nada a ver com o que se ouve falar de Neymar, que apostava nos treinos. Mas ambos os jogadores tiveram uma infância humilde e ambos mudaram sua vida e a de sua família graças ao futebol.

– Romário teve uma infância humilde, e a família era obrigada a trabalhar muito. Eu lavava a roupa de 15 famílias e só fui ter uma máquina de lavar quando Romário se tornou profissional. Nossa vida melhorou muito graças a ele – diz a mãe de Romário.

Hoje, Romário tem uma carreira bem-sucedida como político e membro da Câmara de Deputados, onde nem pensa em fazer corpo mole. Pelo contrário, está sempre pronto para trabalhar e utiliza sua influência para chamar a atenção para a corrupção e a pobreza em sua cidade, o Rio de Janeiro, onde é embaixador dos Jogos Olímpicos de 2016.

Os antigos artilheiros do futebol brasileiro estão a anos-luz de Neymar nas tabelas de goleadores, mas ele ainda tem tempo para alcançá-los. Pelé marcou 1.281 gols, mas também valia de tudo, como treinos e jogos beneficentes. Romário (1.002) e Roberto Dinamite (744) fizeram o mesmo, mas isso não altera o fato de eles terem balançado a rede até dizer chega. Romário afirma, inclusive, que poderia ter marcado dois mil gols se não tivesse sido tão preguiçoso.

CAPÍTULO 24 – O FILHO DO HERDEIRO

Nem tudo é sempre como o padre prega.

A notícia de que Neymar ia ser pai não condizia totalmente com o que ele aprendera na igreja nem em casa.

– Acho que não imaginava que ele seria pai tão cedo. Foi um choque para mim. Foi tudo muito surpreendente – diz o pastor Newton Lobato.

O pastor Lobato mal podia acreditar quando Neymar lhe disse que seria pai aos 19 anos de idade e que a mãe do pequeno Davi Lucca era uma garota dois anos mais nova.

– O papel de pai é um freio que com o tempo ele aprenderá a dominar e é uma responsabilidade que o fará amadurecer. Disso se trata a vida. Mas, por sorte, Neymar é um garoto bem-educado e sabe do que precisa – opina Lobato.

No dia 24 de agosto de 2011, Davi Lucca vê a luz pela primeira vez e o pai compartilha o nascimento com o mundo inteiro, publicando no Twitter uma foto sua com o filho nos braços. Neymar exibe uma touca na cabeça e um sorriso enorme.

“São 2,810kg de pura ousadia e alegria”, escreve a seus seguidores.

Antes, Neymar havia enviado um comunicado para tentar acalmar a imprensa, que imediatamente começou a investigar e a especular quem seria a mãe.

Através desta nota venho confirmar a informação de que me tornarei pai ainda neste ano. As duas famílias – a minha e a da futura mãe – já conversaram e estão prontas para nos ajudar a trazer o bebê ao mundo, dando a ele toda a assistência necessária e a melhor estrutura possível.

Em comum acordo, decidimos preservar o nome da mãe. Esta medida visa a dar tranquilidade a ela durante os próximos meses,

evitando exposição de forma desnecessária e garantindo, principalmente, a privacidade da criança, que nascerá daqui a alguns meses.

Peço a todos que respeitem a decisão. A tranquilidade desejada é fundamental para o sucesso da gestação.

Concluo pedindo que Deus abençoe a vida da nossa criança!

Ela será muito bem-vinda e já tem todo o nosso carinho e amor.

Neymar Jr.

O filho de Neymar parecia viver exatamente as mesmas experiências que o jogador viveu em Mogi das Cruzes. Quase se repetiu a história contada no começo deste livro sobre Neymar e o pai dele. Parecia que ainda estava sendo escrita uma moderna crônica de futebol no Brasil.

– Se ele quiser ser jogador de futebol, eu vou apoiá-lo – disse Neymar.

Davi Lucca logo entrou na Vila Belmiro nos braços do pai e cumprimentou um monte de gente estranha, todos quase tão contentes quanto o próprio pai. Quando aprendeu a andar, foi ao estádio para jogar futebol no local de trabalho do papai ou no centro esportivo para cumprimentar os colegas. O molequinho loiro se transformou no mascote dos jogadores.

A mãe de Davi Lucca é Carolina Dantas. Não é namorada de Neymar, mas eles mantêm uma boa amizade. Um tempo depois, ela se mudou com a família para o antigo apartamento de Neymar, próximo à Vila Belmiro, dividindo o cuidado de Davi Lucca com Neymar e a família dele.

A lista de garotas que se relacionaram com Neymar ou que namoraram com ele é longa. Se alguém estiver perto de lhe dar um beijo, pode ter certeza de que a imprensa ficará sabendo. Ou, então, será publicado no Twitter. Mas a namorada que recebeu maior destaque da mídia foi a atriz Bruna Marquezine.

Em setembro de 2012, o jogador apareceu no “Arquivo confidencial” do *Domingão do Faustão*, um quadro em que amigos, familiares e ex-companheiros falam das experiências que compartilharam com o convidado do programa.

Para começar, Neymar declarou, certamente para a alegria de muitas jovens de Santos e redondezas:

– No momento não tenho namorada, estou solteiro.

A relação com Bruna Marquezine ficaria séria pouco tempo depois.

No programa, Neymar vestia uma camisa branca com gravata preta e calça jeans. Dessa vez, tinha o cabelo penteado para baixo, como um bom menino, mas usava brinco nas duas orelhas.

Carolina Dantas foi “autorizada” pela primeira vez a dizer como é ser mãe do filho do jogador e, quando começamos a ouvir a voz dela de uma tela de televisão no estúdio, lágrimas saíram dos olhos de Neymar.

– Tivemos necessidade de ser marido e mulher por uma noite. Foi duro, mas Neymar é um pai fantástico, está sempre em seu lugar. Minha família e eu gostamos muito dele, ele fez muito por nós.

O próprio Neymar falou de como o fato de ser pai o fizera amadurecer.

– Minha vida mudou muitíssimo. Não dá para explicar tanto amor. Eu me sinto muito afortunado.

O pai de Neymar conta como ficou chocado (assim como seu amigo e pastor da família Newton Lobato) ao receber a notícia de que ia ser avô.

– No começo, eu fiquei muito irritado, mas ter um filho é a coisa mais bonita do mundo e o faria amadurecer – diz em tom conciliador.

Mas um programa que fala de futebol em um horário com altíssima audiência não estaria completo se não aparecesse Pelé:

– O Brasil precisa de um jogador como você. Eu vivia aqui no Brasil e você pode fazer o mesmo. Aqui você tem tudo, fique!

E Ronaldo alerta:

– Ganhe a Copa do Mundo para o povo brasileiro! A pressão será grande, mas supere essa pressão. Concentre-se em treinar e ganhe a Copa por nós, moleque.

Paulo Henrique Ganso, padrinho de Davi Lucca e antigo companheiro de time de Neymar, também participou do programa. Ele teve a honra de concluir uma série de elogios e palavras de

carinho para Neymar, que estava claramente emocionado com todo o filme que se desenrolou diante de milhões de espectadores.

– Sinto sua falta e estou muito emocionado, porque você é como um irmão para mim. Te amo.

CAPÍTULO 25 – NEYMAR E CRISTIANO

Neymar e Cristiano. Um brasileiro e um português. E, ao olhar o globo, todo um oceano entre eles. Mas a história de Neymar, em vários aspectos, lembra muito a de Cristiano Ronaldo, e vice-versa. E não só porque ambos foram pais bastante jovens, com garotas com as quais não tinham intenção de viver.

Mesmo o fato de ambos serem grandes estrelas em seus países e falarem o mesmo idioma não é tudo o que têm em comum. Porém, se comparamos os antecedentes de Neymar e Cristiano, vemos que suas estrelas são compostas do mesmo material.

Um estudo sobre a história de Cristiano poderia fazer Neymar pensar em um futuro grande. De Neymar, sabemos que era disciplinado no campo e que era capaz de jogar melhor do que outros garotos mais velhos do que ele. Cristiano Ronaldo é descrito justamente dessa maneira. Assim conta José Bacelar, treinador de Cristiano no Andorinha, o clube de sua infância.

– Cristiano Ronaldo era apaixonado por futebol. Quando estava de férias no colégio, costumava jogar no campo de treinamento do Andorinha até meia-noite com o pai, que era voluntário no clube. Cristiano era um menino baixinho e magro. Era tímido fora do campo, mas, ao mesmo tempo, tinha um caráter especial quando jogava. Embora atuasse com garotos dois anos mais velhos que ele, gritava: “Joga, menino!”. Não é que fosse louco por futebol, era louco pela bola.

Assim como o Grêmio Praia Grande de Neymar, o Andorinha é um time que sente não ter recebido nada em troca de seus jogadores de futebol posteriormente famosos.

– Não queremos dinheiro, mas gostaríamos que ele nos ajudasse. Cristiano é patrocinado pela Nike e talvez pudesse nos ajudar com o material do clube – diz Bacelar.

Sobre Neymar, ouvimos que ele dedicava mais tempo à aparência e ao cabelo do que o resto dos colegas. Já isto é o que diz o padrinho de Cristiano, Fernão Sousa, sobre a aparência de seu afilhado:

– Desde que era criança, cuidava do cabelo, da roupa, da maneira de se apresentar. Ele se cuida para ter uma boa aparência.

Fernão Sousa foi jogador de futebol, e o pai de Cristiano sempre teve um grande amor pelo esporte.

– O pai de Cristiano e eu lhe transmitimos muito amor e paixão pelo futebol, mas quase não era necessário, porque, quando ele via uma bola, já começava a jogar. Nasceu com essa paixão. Uma vez o pai lhe deu um carrinho de presente, mas ele não gostou. Não entendia por que não lhe dava uma bola se estava tão perto de bolas todos os dias no Andorinha – conta Fernão Sousa.

Vimos que Neymar teve uma vida difícil. Podemos dizer o mesmo de Cristiano Ronaldo: cresceu no bairro pobre de Quinta Falcão, na ilha portuguesa de Madeira, sendo o caçula de quatro irmãos. O pai era jardineiro na prefeitura e a mãe trabalhava com limpeza.

– A família não tinha muito dinheiro naquela época, mas é claro que agora isso mudou – conta o tio de Cristiano, Daniel Vinicius.

A paixão pelo futebol, tanto de Neymar como de Cristiano, era muito maior do que a pelos livros da escola. Uma antiga professora de Cristiano, Maria dos Santos, diz o seguinte sobre o aluno:

– Desde o dia em que ele entrou pela porta, o futebol era o seu esporte favorito. Ele participava de outras atividades, aprendia músicas e fazia as tarefas, mas gostava de ter tempo para si mesmo e para jogar futebol. Quando não havia uma bola perto (e isso às vezes acontecia), fazia uma bola de meia. Não sei como conseguia.

Em Madeira, Cristiano foi contratado pelo Nacional, um time muito maior, e se tornou conhecido, como aconteceu com Neymar na adolescência, quando contratado pela Portuguesa Santista.

– No Nacional, trabalhou muito duro todos os dias para melhorar. Sofria quando o time perdia um jogo importante. Chorava – conta o treinador daquela época, Pedro Talinhas.

Com relação ao que Cristiano Ronaldo significa para o lugar de onde vem, o tio Daniel Vinicius diz:

– Não somos muito amigos do “retângulo” (que é como os madeirenses se referem a Portugal). Eu nunca digo que sou português, e sim que sou madeirense. O jogador fez muito por Madeira e pelo sentimento popular, embora isso já existisse antes dele. Mas fez que Madeira ficasse conhecida – explica Daniel Vinicius, para quem o sobrinho está entre os melhores jogadores da história de Portugal. – Eu lhe colocaria à altura de Eusébio.

Neymar e Cristiano cresceram ouvindo histórias de ícones nacionais. Neymar tem lutado para superar Pelé, enquanto Cristiano tem lutado para superar Eusébio. Eusébio foi para o Benfica o que Pelé foi para o Santos e Maradona foi para o Nápoles.

Ao comparar Cristiano com Eusébio, não é só na escala portuguesa, mas na escala dos melhores jogadores da história do futebol.

– Eusébio tem uma estátua em Portugal, e eu tenho certeza de que Cristiano terá uma aqui em Madeira algum dia. Quando as pessoas pensam em Madeira, pensam em Cristiano Ronaldo – diz Pedro Talinhas.

Quem sabe Neymar terá uma estátua ou um museu em Santos, como Pelé. O modo como administrará sua carreira nos próximos anos será decisivo, e aqui nos interessa observar como Cristiano enfrentou os desafios da vida.

Neymar e Cristiano Ronaldo tiveram problemas disciplinares no começo da carreira. Neymar tem agora uma atitude mais adulta no campo, e o jogador português praticamente nunca se envolveu em problemas fora do campo.

Com apenas 12 anos, Cristiano chegou à categoria de base do Sporting, na capital portuguesa Lisboa. Estava longe de Madeira, tanto física como emocional e socialmente. Teve que se virar sem a mãe e o pai. Muito menos amparado do que Neymar, que sempre teve os pais por perto.

– Ele sentia falta da família. Tinha saudade – diz Fernão Sousa.

– Nos tempos difíceis, aprendemos muito sobre nós mesmos. É aí que é preciso ser forte e saber o que se quer – explicou Cristiano alguns anos depois.

Com 14 anos, ficou sabendo que seu pai, Dinis, era alcóolatra e que seu irmão Hugo era dependente químico. Ele se assustou, mas

não se mudou da capital. O irmão mais velho foi internado em uma clínica de reabilitação em Lisboa, e a família conseguiu pagar o tratamento graças, unicamente, ao salário de Cristiano.

Em julho de 2005, o pai foi internado às pressas no hospital de Funchal, em Madeira, devido a problemas hepáticos e renais. Em uma tentativa de salvar a vida dele, Cristiano pediu que o transferissem para a Inglaterra, para fazer um transplante de fígado. Mas, apesar de uma melhora, Dinis morreu. O álcool havia lhe causado uma morte prematura, o que deixou o jogador desconsolado. Nesse momento, ele estava no Manchester United e já era uma figura-chave na seleção portuguesa. Recebeu a mensagem da morte do pai enquanto estava em Moscou com a seleção. O técnico da equipe portuguesa na época, Luiz Felipe Scolari, e os dirigentes da federação lhe ofereceram a possibilidade de deixar a concentração para ficar com a família. Cristiano Ronaldo recusou. Queria ficar com a seleção e pediu a Scolari que lhe deixasse entrar em campo.

– Queria jogar. Era a única coisa que eu sabia fazer. Queria provar que eu sabia separar as coisas. Que era um profissional e que levava o meu trabalho bastante a sério – contou Cristiano Ronaldo algum tempo depois. – Queria jogar essa partida em homenagem ao meu pai.

Desde então, a ambição de Cristiano tem sido quase impossível de satisfazer, embora ele tenha ganhado o campeonato inglês e o espanhol, a Champions League, a Bola de Ouro e muitas outras coisas.

A história de Cristiano mostra que é preciso ser forte diante das adversidades, que nunca devemos relaxar nem ficar satisfeitos com nós mesmos e com nosso talento. Sempre mais. Trabalhar sempre para melhorar. Aqui, a história de Cristiano pode ser um ensinamento para Neymar, caso ele queira tornar reais todas as profecias e suas grandes ambições. As estatísticas de Neymar prometem algo maior, se comparadas com os números de Cristiano Ronaldo e de Lionel Messi.

No dia 5 de fevereiro de 2012, Neymar comemorou seu vigésimo aniversário marcando o centésimo gol da sua carreira. Após o jogo contra o Palmeiras, ele levou a bola para casa como

lembrança. Repassando seus gols, é possível ver que, desses 100, 70 foram com a perna direita; 21, com a esquerda; um, com o ombro; um, com o peito; e sete, de cabeça. Como referência, Pelé conseguiu seu centésimo gol com 17 anos, enquanto Messi tinha 22 quando alcançou esse marco, e Cristiano Ronaldo, 23.

Até sua ida para o Barcelona, em junho de 2013, Neymar havia marcado 156 gols em 257 jogos com o Santos e a Seleção Brasileira. Mais de 100 gols a mais que Cristiano Ronaldo e Messi quando tinham a mesma idade.

Em uma entrevista ao apresentador Jô Soares, eles falaram dos jogadores com os quais Neymar é comparado e com os quais ele já foi comparado.

– Ser comparado com o inigualável Pelé é uma grande honra. Pelé, Ronaldo, Messi, Cristiano Ronaldo. São jogadores que não têm comparação. Chegaram a um nível que ninguém chega. Atualmente, em minha opinião, Messi é o melhor do mundo – diz Neymar.

Neymar não fala de si mesmo na entrevista. É bastante humilde esse rei da América. As comparações são algo que estão sempre aí. Ele tem as estrelas ao alcance das mãos, mas ainda não as alcançou. Uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos seria um bom começo para quem quer conquistar o mundo e sentar aos pés de uma estátua.

CAPÍTULO 26 – LÁGRIMAS OLÍMPICAS

Os Jogos Olímpicos e o futebol brasileiro sempre foram incompatíveis. É um dos grandes mistérios do esporte. De fato, o Brasil nunca ganhou uma medalha de ouro de futebol nas Olimpíadas.

Não é que o Brasil não tenha tentado ganhar o torneio olímpico. Entre 1952 e 1976, o Brasil se apresentou com juvenis e amadores. Naquela época, o torneio era uma zona proibida para profissionais, não era levado muito a sério. Contudo, em 1984, em Los Angeles, quando o campeonato se abriu para jogadores com mais de cinco jogos com a seleção principal, o Brasil chegou à final. Levou a prata após a derrota contra a notoriamente temível França.

Quatro anos depois, em Seul, o Brasil voltou à final, dessa vez contra a União Soviética, que levaria a medalha de ouro. O artilheiro do torneio foi Romário, com sete gols. Já em Pequim, em 2008, a Seleção conseguiu a medalha de bronze.

O ouro teria que vir nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. A confederação brasileira se expressou com clareza desde o princípio: “Vamos rumo ao ouro”.

Na federação mundial, a Fifa manifestou em seu site oficial o desejo de que o Brasil por fim consiga.

– Espero que o Brasil fique com o ouro. Eles já ganharam tudo no futebol, só lhes falta a medalha de ouro olímpica. Talvez com Neymar o time consiga dessa vez – disse o presidente da Fifa, Joseph Blatter, antes da competição.

Mano Menezes reuniu um grupo forte. Thiago Silva, Oscar, Lucas Moura, Leandro Damião, Hulk, Pato e Neymar são nomes que poderim enfeitar qualquer elenco de alto nível dos melhores campeonatos europeus. São nomes que poderiam dar aos brasileiros o lugar mais alto do pódio, ao som dos acordes do Hino Nacional.

O torneio de futebol seguiu sua própria agenda nos Jogos Olímpicos. Os estádios costumavam ficar fora da cidade que acolhia os Jogos, e as partidas estavam programadas para começar antes que a pira do Estádio Olímpico se acendesse. Os jogadores deveriam ter menos de 23 anos, mas se podia contar com a participação de três jogadores que tivessem mais do que a idade permitida.

Em um jogo amistoso antes do torneio, o Brasil enfrentou os anfitriões, que se apresentaram com a seleção da Grã-Bretanha mais um veterano, Ryan Giggs. Um time que também não se daria por satisfeito com algo que não fosse o ouro. Neymar fechou o placar de 2 a 0 com um pênalti, em um jogo no qual os brasileiros varreram os britânicos do campo.

Na fase de grupos preliminar, constavam três entradas fáceis de digerir: Egito, Bielorrússia e Nova Zelândia.

Neymar marcou seu primeiro gol nas Olimpíadas contra o Egito, depois de 30 minutos de jogo. Ele cabeceou a bola lançada ao centro por Hulk e marcou um gol que é quase uma cópia do primeiro que fez como profissional. Dessa vez, não pulou com o punho no ar, imitando Pelé, mas levou o polegar à boca em homenagem ao filho. O jogo terminou em 3 a 2 e só teve um pouco de emoção quando o Brasil relaxou em campo e se deixou levar, mesmo vencendo inicialmente por 3 a 0.

Contra a Bielorrússia, Neymar voltou a fazer gols. Alguns metros fora da meia-lua da área, de tiro livre, ele meteu a bola no canto superior esquerdo do gol. Um dos gols mais bonitos da sua carreira. No final, 3 a 1, e então só faltaria o último tira-gosto, contra a Nova Zelândia – 3 a 0 e classificados.

Nas quartas de final, o Brasil ganhou, mas não sem problemas: 3 a 2 contra Honduras. Neymar se mostrou seguro na linha dos 11 metros, quando o técnico voltou a lhe dar confiança. Respirou fundo, antes de tomar muito impulso e correr em grande velocidade até a bola, que entrou no canto superior direito do goleiro.

Na semifinal, o Brasil esmagou com 3 a 0 o time coreano, que costuma ser forte, e chegou à final. Neymar mostrou todo o seu repertório: fez dribles atrevidos (especialidade da casa), observou os colegas, olhou o gol, foi bem de cabeça, bem nas faltas, bem em todas as bolas divididas. Neymar esteve espetacular em alguns

momentos. No geral, só dois jogadores estavam um pouco mais fortes. Em gols, ele se viu ofuscado por Leandro Damiano, em quem só Mano Menezes via algo especial antes dos Jogos Olímpicos. O alto atacante, que calou a boca de todos os que achavam que ele não era suficientemente bom para o time, marcou seis gols. Em termos de jogo, Oscar, inspirado, foi o melhor do Brasil e mostrou por que o Chelsea tinha pagado mais de 32 milhões de euros por sua contratação.

Na final, o Brasil se veria diante do time mexicano, muito talentoso.

Era o momento de uma prova importante para o técnico Mano Menezes e seria a primeira prova internacional de Neymar. Mano Menezes tinha que comprovar que era o homem adequado para o posto, e Neymar tinha que mostrar que era realmente o futuro do futebol. Neymar sonhava alto. Queria ganhar o ouro. Para a sua glória, a do Brasil e a de seu filho.

– Quem sabe um dia Davi Lucca possa contar para todo o mundo que o pai dele é campeão olímpico – disse Neymar em uma entrevista ao *Globo Esporte*.

– Todos sabemos que vamos ganhar o ouro. O Brasil tem que ganhar todos os torneios de que participa. Isso também vale para os amistosos. E, dessa vez, vale mais ainda, porque nunca ganhamos o ouro nos Jogos Olímpicos – disse Mano Menezes antes da partida.

O time brasileiro, porém, não jogou uma boa final, e Neymar não foi exceção. Teve bastante problema para sair da marcação. A seleção mexicana, valente, ganhou de 2 a 1 na catedral do futebol, Wembley, e não foram muitos os que tinham acreditado na equipe. Uma grande decepção para o Brasil e uma crueldade com Mano Menezes. O time foi um digno representante do futebol brasileiro até os últimos 90 minutos do campeonato, e seus críticos poderiam dizer, com credibilidade, que talvez ele não fosse o homem a lutar pelo ouro em 2014.

A decepção pela derrota se materializou em forma de lágrimas em Neymar e em muitos jogadores. Neymar ficou de cócoras com a cabeça entre os ombros e foi consolado por seu colega Lucas Moura. Neymar não poderia contar ao filho que o pai dele era campeão

olímpico quando voltasse para Santos. A maldição olímpica continua intacta.

Os Jogos Olímpicos deixaram uma marca na temporada de Neymar com o Santos em 2012. Por causa dos muitos treinos e jogos com a Seleção Olímpica e a Seleção Brasileira, ele só participou de 17 jogos da Série A. Ainda assim, em toda a temporada, marcou 43 gols em 47 jogos. Na Seleção, marcou o impressionante número de nove gols em 11 jogos.

Uma temporada suficientemente convincente para fazer que Neymar fosse coroado, pelo segundo ano consecutivo, o “Rei da América”, o melhor jogador da América do Sul.

CAPÍTULO 27 – PÂNICO ANTES DA JORNADA INAUGURAL

Faltando um ano e meio para a Copa do Mundo, uma foto aérea da Arena da Amazônia, em Manaus, parecia mais o resultado do impacto de um meteorito do que a construção de um estádio.

A Fifa foi clara. O secretário-geral Jérôme Valcke diz sem rodeios que o Brasil tinha que correr muito para que a infraestrutura estivesse pronta em janeiro de 2014, quando os primeiros times viajarão ao país para organizar sua estadia durante a fase final.

Já uma foto aérea do Estádio Serra Dourada não revelava nada digno de atenção, mas, aproximando o zoom, era possível ver impotência e ruína emocional, em vez de ruína material. Havia um clima cheio de ódio no ar enquanto o Brasil jogava o Superclássico das Américas contra a Argentina, com participação dos melhores jogadores das duas seleções. O público do estádio de Goiânia ficou tão decepcionado com o jogo que pediu a demissão do técnico Mano Menezes. Embora a Seleção tenha ganhado de 2 a 1, o jogo foi sem graça, chocho, segundo os torcedores que chamavam Mano de “burro”.

A atuação do time também entristeceu o antigo ídolo Romário, que ficou nervoso porque, depois de tudo, o Brasil poderia perder a oportunidade de ganhar a Copa do Mundo com Mano Menezes no comando. Ele cancelou sua agenda política habitual e se lançou em um ataque impiedoso contra o treinador, pedindo a renúncia de Mano. Ao discursar na Câmara dos Deputados, dirigiu-se, inclusive, à presidenta do país, Dilma Rousseff.

– Se isso continuar, o Brasil não vai passar nem na primeira fase na Copa do Mundo! Presidenta Dilma, pelo amor de Deus, tome uma decisão junto com o Ministério do Esporte. A senhora tem todo o direito de intervir.

No dia 22 de novembro de 2012, Mano Menezes foi demitido e substituído por Luiz Felipe Scolari, tendo Carlos Alberto Parreira como assistente de luxo. As quartas de final na Copa América e a medalha de prata nos Jogos Olímpicos não haviam sido suficientes para manter Mano no cargo. O jogo 1.001 da Seleção foi o último para Mano Menezes. Faltavam menos de dois anos para a Copa do Mundo e todos pareciam estar em pânico com a jornada inaugural.

Em sua coluna jornalística, o ídolo Tostão, de 70 anos, se mostrava triste. Em dois anos, Mano fez mais coisas boas do que ruins. O time teve um alto rendimento em campo, jogou a bola no chão, com muitos passes, como costumava ser o estilo brasileiro.

Scolari é conhecido por administrar bem seus elencos. Em 2002, ele conseguiu reunir muitos protagonistas para que jogassem como um time, quando foram campeões do mundo. Após a Copa no Japão, teve sucesso como técnico de Portugal, o que o levou ao vice-campeonato da Europa e à semifinal da Copa do Mundo. Depois, vieram três anos decepcionantes com os clubes Chelsea (Inglaterra), Bunyodkor (Uzbequistão) e Palmeiras. No Chelsea, nunca ganhou o respeito dos jogadores. Eles se queixavam da intensidade excessiva dos treinos. No Bunyodkor, foi o treinador mais bem pago do mundo, com um salário anual de 13 milhões de euros, mas nunca esteve perto de ganhar a Champions League da Ásia. No Palmeiras, ganhou a Copa do Brasil, mas também rebaixou à Série B um dos times brasileiros com mais títulos.

Scolari deve ser o único treinador da história que levou um time à segunda divisão e, depois, foi nomeado técnico da seleção nacional. Mas ele continua popular no Brasil. É o vínculo com o último que se saiu bem, e ninguém pode tirar dele a experiência. O público gritou seu nome no Superclássico das Américas, quando se cansou de Mano Menezes. Mano não tinha um passado, só um presente no qual dar resultados. Não foi tirado da prateleira. Tinha tudo para ganhar e tudo para perder, mas, por ora, não tinha nada.

Pouco depois de sua nomeação, Scolari concedeu uma entrevista para o *Fifa.com*. Como ex-treinador do Palmeiras, pediram que ele dissesse o nome de um jogador que gostaria de ter no time e não no do adversário. Uma pergunta um pouco difícil, com a qual Scolari se comprometeu depois de pensar um tempo.

– Está bem, vou dizer um nome. Aqui vai: Neymar! Claro que teria gostado de tê-lo no Palmeiras quando estava lá, então é bom tê-lo agora no meu time – diz Scolari.

Em breve, ele teria uma tarefa como a que Feola teve em 1958 com um Pelé adolescente e que Parreira e Zagallo tiveram nos anos 1990 com Ronaldo. Os jogadores mais icônicos do Brasil tendem a assumir uma grande responsabilidade desde cedo, portanto Scolari não se preocupa com o fato de que seu melhor jogador terá apenas 22 anos na Copa do Mundo.

– Isso não é nenhum problema. Claro que se exige uma personalidade forte e que se tenha os pés no chão. Não basta ser um ídolo pelas qualidades individuais. Ele também precisa ser o líder para todo o time. É um desafio para um treinador fazer que ele veja isso, para que entendamos, juntos, onde estamos. Mas não vejo nada de ruim em nossa grande estrela ter 20 e poucos anos – diz Scolari, com sua habitual atitude tranquilizadora do tipo “tudo vai dar certo”.

Na Eurocopa de 2004, Scolari tinha Cristiano Ronaldo com apenas 19 anos em uma seleção portuguesa forte. Tem base para compará-los.

– Sei quanto Cristiano Ronaldo é dedicado. Sei como trabalhou duro física e tecnicamente durante toda a sua vida, para ser o melhor do mundo. Parece que Neymar também tem algo disso. Neymar não precisa ir à Europa para ser o melhor do mundo. No período em que Muricy trabalhou com ele no Santos, aconteceram muitas coisas. Vimos como ele amadureceu, como seus movimentos táticos no campo melhoraram. Todos os que conhecem Neymar sabem que ele deu um grande salto nos últimos anos e que, provavelmente, quer melhorar ainda mais.

Em seu primeiro jogo como técnico da seleção, Scolari interrompeu o trabalho de Mano Menezes e começou do zero. Decidiu trabalhar com um grupo de 50 jogadores, que foi reduzindo até chegar ao elenco que haverá de tornar o Brasil campeão do mundo. O desafio seria a Inglaterra, em um jogo amistoso em Wembley, em 6 de fevereiro de 2013.

Scolari apresentou a seguinte escalação: Júlio César, Daniel Alves, David Luiz (capitão), Dante, Ramires, Adriano, Oscar,

Paulinho, Fabiano, Ronaldinho e Neymar.

Neymar, que então usava o cabelo curto e oxigenado, complicou o jogo dizendo que não via a Inglaterra como rival na Copa do Mundo.

– Eles dependem muito do Rooney. Quando você olha para o restante dos jogadores, é difícil ver alguém que possa definir os jogos. A Inglaterra não tem tanta qualidade quanto a Espanha ou a Argentina – disse, metendo a cabeça diretamente na boca do leão inglês.

É possível que só a Inglaterra e a Alemanha possam competir com o sentimento patriótico dos brasileiros quando se trata de futebol. Os ingleses costumam ser mais orgulhosos e otimistas do que poderiam se permitir pela história, mas é como se o comentário contribuísse para uma motivação extra. Surpreendentemente, eles dominaram o jogo em Wembley.

Scolari havia chamado Ronaldinho e Luis Fabiano de volta à Seleção, jogadores que haviam ficado no esquecimento para Mano. Mas essa não pareceu uma decisão adequada. Luis Fabiano era um bom atacante no São Paulo, mas estava em desvantagem em relação aos zagueiros ingleses, formados na Premier League. Ronaldinho havia feito uma boa temporada no Atlético Mineiro, mas sua velocidade estava longe da que tinha em sua melhor fase no Barcelona. Inclusive desperdiçou um pênalti, que “roubara” do batedor oficial, Neymar, para comemorar o seu centésimo jogo com a camisa da Seleção. O terceiro atacante, Neymar, também não parecia o jogador que costumava fazer da defesa o que bem entendesse nos campeonatos do Brasil. O colosso do Chelsea, Gary Cahill, quase tirou Neymar do sério ao marcá-lo de um jeito que não o deixa se desvencilhar. Raras vezes Neymar foi visto com tamanho problema.

Aos 37 minutos, Neymar teve uma oportunidade incrível para que todo o mundo prestasse atenção em sua habilidade como jogador de futebol. Habilidade sobre a qual a imprensa inglesa escrevia o tempo todo antes do jogo. Uma bola bateu na trave e voltou para os pés de Neymar, que estava sozinho. No entanto, ele mediu mal sua corrida, chutou, e a bola passou pela frente do gol de Joe Hart. Pouco antes, Wayne Rooney (ironias do destino) havia

colocado a Inglaterra na frente. No segundo tempo, Scolari pôs outro velho conhecido em campo, o atacante Fred, que havia ressurgido no Fluminense, voltando a ser o atacante que tanto prometia no Lyon até que as lesões frearam seu progresso. Cahill perdeu a concentração diante dele e pôs a bola nos pés do experiente goleador, que aproveitou o presente para empatar.

Os ingleses foram os melhores da noite e, quando Frank Lampard fez o gol da vitória, talvez tenha marcado aquela como a melhor partida da Inglaterra com o técnico Roy Hodgson.

O rendimento de Neymar surpreendeu negativamente. As críticas nas redes sociais foram duras. Nos comentários das notícias na internet, surgiram dúvidas sobre se realmente fazia sentido o fato de Neymar ainda não ter ido para a Europa, para se testar contra adversários melhores. É a história sem fim.

– [...] Há muita diferença entre brilhar contra o Naviraiense um dia e jogar contra jogadores da Premier League no outro – escreve um leitor de *O Globo*.

Após o jogo contra a Inglaterra, a voz do povo não estava, de maneira alguma, com Neymar. Uma coisa é a voz dura e direta da torcida, que pode soar violenta quando expressa como reprimenda após um rendimento decepcionante. Outra coisa é quando uma das pessoas que o apoiou e defendeu que ele jogasse no Santos, em vez de ir para a Europa, também se põe a criticá-lo.

No jornal *O Estado de S. Paulo*, Pelé fez uma série de declarações explosivas. O Rei estava irritado. Todas as crenças de que o melhor para Neymar era ficar no Santos, como fez ele na maior parte de sua carreira, caíram por terra. O homem que convenceu o pai de Neymar de que seu filho tinha que ficar mais tempo no Santos passaria a ser o homem que em hipótese alguma queria ver o Brasil fazer feio na Copa do Mundo, em casa.

– Fiquei preocupado com a seleção. Tivemos três anos com o Mano Menezes e não aproveitamos nada – diz Pelé, apontando o canhão para Neymar.

– Em todos os jogos fora do país ele não vai bem. Todos acham que ele tem que resolver os problemas da Seleção, mas Neymar não está preparado para receber esse peso. Ele não joga no exterior, o futebol europeu é diferente do futebol sul-americano. Nós, do

Santos, falamos que ele é o melhor do mundo, claro. Mas ele pensa mais em aparecer na mídia do que em jogar para o time. Sua preocupação é mudar o estilo, mudar o corte de cabelo.

Hum, mas não era Pelé que se gabava do seu penteado moicano e que disse várias vezes que Neymar poderia tranquilamente ficar no Santos, como ele?

Sim, era ele mesmo, e esses comentários amargos ganharam o direito de ser replicados. O agente de Neymar, Wagner Ribeiro, ficou aborrecidíssimo com essas declarações.

– Pelé deveria se preocupar em cuidar dos netos dele, em vez de falar da vida do Neymar. Isso é ciúmes. Se o Pelé jogasse hoje, ele seria inferior ao Neymar, porque na época dele os zagueiros eram todos lentos e a condição física era totalmente diferente.

Voltam a pairar nuvens tenebrosas sobre o futebol brasileiro. Há confusão também no ciberespaço.

CAPÍTULO 28 – CONFUSÃO NO TWITTER

Alguns jogadores de futebol adoram o Twitter. Ali podem transmitir comunicados sem ter a imprensa como intermediária, não precisam falar de suas falhas e comunicam-se diretamente com os fãs. No Twitter, é possível apresentar-se como desejam e passar uma ideia única dos bastidores do mundo do futebol.

Com 140 caracteres, e talvez uma foto, o contato está ali.

Em twitter.com/njr92, Neymar tem milhões de seguidores que o acompanham em suas andanças dentro e fora do campo.

Ele costuma compartilhar fotos inofensivas e divertidas dos treinos ou do vestiário. É generoso com as fotos do seu filho e de outros momentos íntimos e privados; de vez em quando, há muitas outras coisas para ver. Tuítes espontâneos e mais precipitados também fazem parte do perfil de Neymar.

As mensagens nem sempre são igualmente pensadas e, portanto, podem causar problemas, com 140 caracteres escritos sem papas na língua chegando a milhões de seguidores e explodindo em manchetes nos sites de notícias do mundo inteiro. Uma vez, um aborrecimento de Neymar recaiu sobre o árbitro Sandro Meira Ricci, que não gostou de ser chamado de “juiz ladrão” e processou Neymar. No julgamento, deram razão para o árbitro, que recebeu uma indenização de 15 mil reais. Os advogados de defesa argumentaram que um amigo de Neymar havia escrito a mensagem, porque o jogador havia deixado seu telefone com ele. Mas o juiz não engoliu.

Logo depois da derrota contra a Inglaterra, outra confusão no Twitter. Neymar, no entanto, só teve culpa indiretamente.

Joey Barton é um meia inglês conhecido por seu jogo duro, quase violento. Fora dos campos, também já se envolveu em muitas

situações controversas. Em sua lista de atitudes agressivas estão, entre outras: três denúncias por conduta violenta por parte da FA, a federação inglesa de futebol, e 77 dias na prisão por violência e por ter apagado um charuto no olho de um colega de time em uma festa de Natal. No Twitter, ele costuma se expressar de forma polêmica. Entre outras coisas, chamou Dietmar Hamann, seu colega de equipe em seu time anterior, o Manchester City, de “verme” e “cachorro”. E muitos outros colegas já foram alvo dos ataques verbais de Barton no Twitter.

O jogo ruim de Neymar contra a Inglaterra fez Barton digitar o seguinte:

Esse moleque, o tal Neymar, está supervalorizado. Eu não pagaria 40 ou 50 milhões de libras por ele. Nunca. #showpony.

Neymar enfrentou as declarações de Barton, mas sua resposta foi mais moderada.

Não sei nem quem é. Mas quem tem boca fala o que quer. Faço o meu trabalho para ajudar a Seleção.

CAPÍTULO 29 – UM TRABALHO IMPOSSÍVEL

À medida que a Copa do Mundo do Brasil se aproxima, Neymar se depara cada vez mais com a pergunta sobre a pressão que significa ganhar o mundial em casa, a pressão que representa afastar o fantasma da catástrofe de 1950 e encher os brasileiros de orgulho.

No geral, responde refletindo muito e sem nenhum indício do pânico que caracteriza a Seleção Brasileira antes da fase final.

– Eu acho que não tem pressão para mim. Mas a Copa do Mundo é em casa, então a pressão é dobrada para o time. É assim quando se tem uma grande história como a da Seleção Brasileira. Mas temos que ignorar a pressão e jogar futebol como fazemos sempre.

Outras vezes, o realismo se infiltra em sua resposta.

– A Seleção Brasileira sempre foi conhecida e querida no Brasil, sempre contou com grandes craques, e os rivais nos respeitam e nos temem. Mas não podemos depender disso. Hoje as seleções estão mais igualadas e todos os times têm grandes jogadores. Os times são mais fortes fisicamente e têm jogadores rápidos, portanto os países têm um nível similar. Hoje, não importa contra que time se jogue, ganhar é mais difícil. Aprendi isso na Copa América e nos Jogos Olímpicos.

E a realidade deu uma lição em Neymar e em seus colegas de time quando enfrentaram o Chile em um jogo amistoso em abril de 2013. No meio de um calendário europeu intenso, o técnico Scolari levou um time de jogadores que atuavam no Brasil, mas ainda assim foi preciso ter cautela com a qualidade do elenco da Seleção – Neymar (agora com o cabelo escuro e costeletas), Damião, Pato, Ronaldinho e Paulinho eram os mais conhecidos. Mais de 50 mil pessoas se reuniram no Mineirão, em Belo Horizonte.

Neymar participou dos dois gols do Brasil. Cobrou o escanteio que resultou no gol de Réver e marcou 2 a 1 com um lançamento de Pato. Mas a Seleção estava longe de agradar o exigente público, que vaiou com frequência os jogadores, os quais tinham de agradecer a pouca efetividade dos chilenos. Quando o Chile empatou, aos 19 minutos do segundo tempo, o desagrado nas arquibancadas se intensificou. O jogo terminou assim e poderia ter terminado pior. O ânimo em torno da Seleção Brasileira tocava fundo. O coração dos brasileiros presentes no Mineirão congelou. Especialmente Neymar recebeu críticas fortes durante o jogo.

– É uma missão impossível – diz Neymar sobre satisfazer os torcedores brasileiros. – Ninguém acha divertido ser vaiado pelo público, mas as coisas são assim em todos os lugares que vamos com a Seleção. É chato, é triste e nos incomoda quando estamos em campo. Mas esperemos que o vento volte a soprar a favor – disse Neymar, após o jogo, visivelmente incomodado. – Obrigado pela ajuda – completou, em um frio e amargo cumprimento de despedida.

É muito provável que os espectadores presentes no Mineirão fossem torcedores do Atlético Mineiro ou do Cruzeiro e, portanto, por tradição, ficassem contra os jogadores de outros times quando eles jogassem mal com a canarinha (como aconteceu contra o Chile).

No Santos, quando Neymar volta para casa, o clima é diferente, amável. Nem todos os brasileiros pensam como os do Mineirão. No próximo jogo em casa, na Vila Belmiro, Neymar foi recebido com muitas faixas de torcedores, com frases como:

Neymar, sempre te apoiaremos.

Neymar, um ídolo para todos os meninos.

Somos fãs brasileiros patriotas.

Neymar, aqui estamos orgulhosos de você.

CAPÍTULO 30 – BARCELONA: UM SONHO DE INFÂNCIA

No começo de 2013, o presidente do Santos, Luis Álvaro Ribeiro, voltou a ter problemas de saúde. No dia 28 de fevereiro, deu entrada no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, com problemas respiratórios e foi submetido a uma biópsia pulmonar seguida de um *check-up* cardiológico. No dia 12 de março, os médicos exigiram que ele ficasse 45 dias de repouso.

– Força, Laor! – escreveu o Santos, no site do clube, acompanhado de uma foto do presidente.

A convalescência de Luis Álvaro foi simultânea à ideia de Neymar de rever o contrato no Santos. Foi seu substituto, o vice-presidente Odílio Rodrigues, que teve de se encarregar das iminentes perguntas sobre o futuro de Neymar, mas não contou as coisas com a mesma convicção que o presidente afastado.

– Não é verdade que estejamos estudando ofertas para o Neymar – disse Odílio, referindo-se a uma entrevista ao jornal espanhol *Mundo Deportivo*, na qual acredita que foi mal interpretado.

Havia uma boa razão para que Odílio não mostrasse suas cartas. Raras vezes há fumaça sem fogo. Se alguém grita “lá vem o lobo”, pode ser que o lobo venha depois, como na fábula do pastorzinho.

A competição na imprensa espanhola para ver quem ganha com a notícia da contratação de Neymar se intensificou em maio de 2013, com os jornais catalães de um lado e o madrileno *Marca* do outro: “Neymar está perto do Barcelona”. “Neymar está perto do Real Madrid.”

Neymar começou a responder de maneira evasiva aos jornalistas que queriam saber sobre o seu futuro. “Você vai ficar?”, “Vai embora?”, “Para onde?”

– Meu objetivo é ficar no Santos – dizia Neymar, mas seus olhos e sua expressão mostravam outra coisa no prêmio anual após o Campeonato Paulista, no dia 20 de maio. Para a sorte dele, os repórteres estavam mais interessados em saber sobre seu cabelo e suas chuteiras, de modo que escapou de explicar por que parecia tão tenso com as perguntas sobre o futuro.

Porque havia fogo, e o lobo veio na forma do representante do Barcelona na América do Sul, André Curry; o representante do Real Madrid também encontrou a chave da caixa-forte e ameaçou arruinar o sonho dos adversários. Barcelona e Real Madrid lutavam pelo futuro de Neymar, assim como pelo próprio futuro.

Enquanto isso, no dia 22 de maio, Lionel Messi disse claramente:

– Neymar seria um fantástico investimento para nós. É um dos poucos jogadores que pode fazer coisas em um nível muito alto.

Sábado, 24 de maio de 2013, foi o grande dia. O melhor amigo de Neymar, Paulo Henrique Ganso, se casou, e Neymar foi padrinho; enquanto formava fila na frente da igreja, os detalhes sobre o futuro estavam sendo definidos. O ganhador foi o Barcelona. Às 3h30 da madrugada no horário europeu, por volta da meia-noite no Brasil, Neymar anunciou oficialmente sua transferência ao escrever o seguinte em seu perfil do Instagram:

É que não vou aguentar até segunda-feira... Minha família e meus amigos já sabem a minha decisão. Na segunda-feira assino contrato com o Barcelona.

– Era coisa de Neymar decidir com a família o que queria. Nós, da junta diretiva, decidimos que havia chegado o momento – diz o vice-presidente Odílio Rodrigues.

Em um comunicado oficial, o Barcelona chamou Neymar de rei do século XXI, fazendo referência a Pelé, o rei do futebol do século XX. Um grande triunfo para o então presidente do Barcelona, Sandro Rosell, e um pequeno fracasso para o presidente do Real Madrid, Florentino Pérez, que estava acostumado a conseguir os jogadores que queria, especialmente na época dos “galácticos” dos anos 2000, quando contratou Luís Figo, Ronaldo, Zinedine Zidane e David Beckham.

– Dos 15 últimos prêmios de melhor jogador do mundo, o Barcelona ganhou dez. Venha ao Barcelona e você será o melhor do mundo – disse, com ousadia, o agente do Barça, André Curry, após o triunfo dos catalães.

No total, segundo Josep Maria Bartomeu, então vice-presidente do clube, o Barcelona teria pagado 57 milhões de euros para contratar Neymar, o que o transformou no oitavo jogador de futebol mais caro da história.¹ Também foi publicado que o Barcelona já tinha pagado 10 milhões de euros em 2011, para assegurar a vantagem na compra de Neymar até o fim do contrato dele em 2014. Aparentemente, uma das partes devia pagar uma multa se o acordo fosse rompido.

Os detalhes da negociação devem ser um complexo problema matemático, porque a relação contratual de Neymar com o Santos tinha muitas partes envolvidas. O Santos possuía 55% dos direitos econômicos, enquanto dois grupos investidores, DIS e Teisa, tinham 40% e 5%, respectivamente.

A química sempre foi melhor com o Barcelona do que com o Real Madrid, que era chamado de arrogante nos corredores dos escritórios do Santos. O Real Madrid afirma que levar Neymar para lá teria custado ao clube 150 milhões de euros.

– Nós também estivemos perto de chegar a um acordo com Neymar durante três anos, mas o Santos não aceitou a oferta na época – disse Florentino Pérez.

Neymar ficou extremamente feliz depois que a notícia sobre o seu futuro foi publicada pela imprensa de todo o mundo.

– É o dia mais feliz da minha vida – declarou no dia seguinte, diante da Vila Belmiro, o estádio do Santos.

Não podia ter melhor adversário para o último jogo de Neymar com o Santos do que o Flamengo. Havia sido contra o Flamengo que ele marcara, em 2011, o gol mais bonito da sua carreira e do mundo. O gol que difundiu o jogador de futebol e a marca Neymar para além das fronteiras do país.

Dia 26 de maio de 2013 – Neymar aterrissou na capital do Brasil em um avião particular, direto do casamento de Ganso, e se entrincheirou no hotel com seu pai e seus assessores mais próximos. Junto ao hotel se reuniam cerca de 200 fãs, mas Neymar se enfiou

rapidamente no quarto para buscar a tranquilidade necessária para o jogo que teria pela tarde, na grandiosa abertura da temporada do Campeonato Brasileiro no Estádio Mané Garrincha. Antes do jogo, publicou no Twitter a seguinte mensagem (sabendo que seria um dia emocionante):

Que Deus nos abençoe e nos proteja. Só espero que hoje o dia acabe bem.

Algumas horas depois, lágrimas corriam pelo rosto de Neymar, enquanto 63.501 espectadores cantavam o Hino Nacional. Os sentimentos afetaram o rendimento dele, que não jogou uma grande partida. A torcida do Flamengo o insultou, a do Santos o ovacionou. Era o esperado.

O último jogo de Neymar com o Santos terminou em 0 a 0.

Após o jogo, o volante santista Arouca revelou que o estado de ânimo do time era uma mistura de alegria e tristeza.

– Foi muito comovente se despedir de Neymar. Ficamos tristes por ele ir embora, mas, ao mesmo tempo, ficamos felizes, porque ele está realizando o sonho de jogar na Europa.

Seu novo treinador no Barcelona, Tito Vilanova, não tinha dúvidas de que Neymar seria um sucesso.

– Parabênzo o jogador porque optou por um projeto esportivo, e não pelo dinheiro. Tenho certeza de que outros clubes ofereciam muito mais do que nós podíamos lhe dar. Há muita expectativa, mas precisamos pensar nos jogadores que temos. Precisamos ver como ele se adapta ao futebol europeu, mas confiamos muito nele. Estamos aqui para ajudá-lo e torná-lo um jogador ainda melhor.

Reginaldo Fino, seu antigo treinador na Portuguesa Santista, no Liceu São Paulo e na categoria de base do Santos, também confiava no sucesso de Neymar no Barcelona.

– Imagine: Messi passa a bola para Neymar, que domina e toca a Xavi, que passa a Iniesta... – diz ele, com entusiasmo. – O funcionamento do Barcelona favorece o estilo de Neymar, que é bem brasileiro, que se sustenta na técnica e na rapidez. Acho que ele vai se adaptar rápido à Europa, porque se adapta rápido a tudo. É um jogador muito inteligente, com quem é fácil jogar. Quer entrar em campo e, para isso, se adaptará facilmente. Tem ao lado o pai e a mãe, eles vão estar juntos. É uma vantagem extra que muitos

jogadores que se vão do Brasil não têm. A família quer estar bem perto.

Para o antigo mentor de Neymar, Betinho, o jogador está preparado para o mundo que o espera.

– No Brasil, exigimos muito das estrelas do futebol. Ser estrela do futebol aqui é como ser presidente da República. Uma grande pressão! É preciso vencer a cada dia. Ele se preparou para isso, então poderá fazer. Messi joga maravilhosamente bem, mas Neymar será o melhor do mundo em algum momento, tenho certeza.

Seu compatriota Daniel Alves estava muito ansioso pela chegada de Neymar ao clube.

– Conversamos, e ele está muito feliz de vir para o Barcelona. Ele sabe que é um grande clube, sabe o papel que vai ter nesse time e sabe quão grande pode chegar a ser aqui. Ele é muito humilde. É uma estrela, mas é muito trabalhador.

Neymar fugiu dos repórteres depois do jogo e não apareceu em nenhuma coletiva de imprensa. Não é de espantar que o apresentador Faustão tenha ficado com as últimas palavras de Neymar no Brasil.

– Será uma honra jogar com jogadores como Messi, Xavi, Iniesta... E Dani Alves, que me convenceu a ir para o Barcelona. Todos os meninos têm um sonho. Alguns querem ser jogadores de futebol, outros querem ser médicos. Eu sonhava em ser jogador de futebol, e agora realizei um sonho de infância: chegar ao Barcelona.

Nos dias seguintes, apareceram histórias e comentários sobre a contratação de Neymar pelo Barcelona. Segundo o semanário alemão *Sport Bild*, o presidente do Bayern de Munique, Uni Hoeness, deveria ter feito algo mais do que insinuar que Josep Guardiola, o técnico do time, o queria.

– Guardiola queria que contratássemos um jovem brasileiro, mas descartamos isso. Sabemos, por experiências anteriores, que os jovens jogadores brasileiros costumam ter dificuldade para se adaptar à nossa cultura e ao nosso clima. E, se você gasta 20, 30 milhões de euros ou mais, é complicado. Guardiola insistiu que tínhamos que contratar um jogador com essas características, e contratamos Götze.

Edmílson, ex-jogador do Barcelona, contou para o *Deportes Cope* que seria o apoio de Neymar na cidade.

– Eu estarei em Barcelona a partir de setembro para ajudar Neymar no início. Não tenho nenhuma dúvida de que ele triunfará no Barça.

Andrés Iniesta, em uma coletiva de imprensa, também falou sobre Messi e Neymar.

– Os grandes jogadores sempre se entendem. Leo melhorará Neymar e Neymar melhorará Leo. Isso é um jogo de equipe, e a soma de todo o conjunto faz que o time ganhe. Neymar contribuirá muitíssimo. Seu talento está acima do normal, é espetacular. Ele tem uma grande carreira pela frente e chega ao clube ideal.

Em uma entrevista à ESPN, Neymar declarou:

– Claro que podemos jogar juntos. Nós dois podemos fazer muitas coisas. Messi é fantástico. Sou seu admirador e espero ajudá-lo muito. Acho que será fácil jogar com ele. É um garoto inteligente, o melhor do mundo, então quero me adaptar ao estilo de jogo dele com muita rapidez. Faz vários dias e vários meses que estou com isso na cabeça. Mas agora já não. Estou bem mais tranquilo e me sinto mais relaxado e feliz. Estou muito contente por realizar meu sonho de jogar no Barça. Era meu sonho de menino e agora se tornou realidade. Quero ganhar tudo, todos os troféus que for possível.

Em um editorial, Calos Carpio, redator do *Marca*, escreveu:

– O Real Madrid e o Barcelona baseiam seu modelo de rendimento em ter jogadores com um imenso valor midiático para ganhar dinheiro com isso. Nesse modelo, há três jogadores que estão acima do restante: Messi, Cristiano e Neymar. Agora o Barcelona criou um desequilíbrio nas forças que os brancos haviam igualado em 2009, com a contratação de Cristiano. Gareth Bale é um jogador excelente, mas é “só” isso, um jogador de futebol. Neymar é um jogador de futebol excelente, mas também é Justin Bieber.

Dia 2 de junho de 2013. De novo, era hora de deixar os pés falarem.

Neymar e o Brasil enfrentaram a Inglaterra em um jogo amistoso, dessa vez no Maracanã. Era o primeiro jogo no lendário estádio após uma grande reforma, que reduzira sua capacidade para 78 mil espectadores, mas mantivera a beleza da construção similar a uma brilhante nave espacial. Neymar fez de tudo para entrar para a história como o primeiro jogador a marcar no novo Maracanã, mas não estava sozinho nisso; toda a Seleção Brasileira jogou com uma inspiração que não era vista havia muito tempo. O jogo foi ofensivo, criativo, uma homenagem ao antigo estádio que já vira tantas vitórias e derrotas, triunfos e tragédias.

O jogo terminou em 2 a 2 sem que Neymar marcasse, mas ele poderia deixar o Brasil com um clima positivo e se concentrar no dia seguinte: sua apresentação em outro estádio histórico, o Camp Nou.

No avião rumo a Barcelona, Neymar estava rodeado de sua família, de amigos e de sua namorada, Bruna. Um avião que, curiosamente, fora emprestado pelo ex-goleiro do Real Madrid, o cantor Julio Iglesias. Ao Camp Nou, comparecem 56 mil espectadores para receber a nova estrela do time e vê-la posar e tocar a bola com a camisa do Barça. Com tanta gente, Neymar entra para o rol dos grandes jogadores que atraíram mais pessoas ao se apresentarem em um novo time.



Neymar é recebido no Camp Nou por 56 mil pessoas

Quando Cristiano Ronaldo foi apresentado no Real Madrid, compareceram por volta de 80 mil pessoas ao Bernabéu. Kaká, no mesmo lugar, reuniu 55 mil. Em 1984, em Nápoles, 75 mil pessoas foram à apresentação de Diego Maradona.

Foram semanas enriquecedoras para Neymar. O sonho de infância do menino de Mogi das Cruzes se realizou.

Na coletiva de imprensa após a apresentação, Neymar revelou uma parte das razões pelas quais escolhera o Barcelona em vez do Real Madrid.

– O Barça e o Madrid são dois grandes clubes e estou feliz de os dois me quererem, mas o meu coração estava com o Barcelona. Foi uma decisão familiar, mas fui eu que dei a última palavra. Nunca fiz nada por dinheiro, não é o que me motiva... A sensação de entrar no Camp Nou e ser recebido por tanta gente... É difícil não chorar. Estou vivendo um sonho.

1. Essa contratação, na verdade, depois revelou-se um pouco mais complicada. Uma acusação de fraude acabou levando à renúncia de Sandro Rosell da presidência do Barcelona, no início de 2014. De acordo com Raul Sanllehí, diretor financeiro do clube, a empresa do pai de Neymar teria recebido 40 milhões de euros como taxa de compensação sem conhecimento da diretoria do Barcelona. Aparentemente, de acordo com investigações ainda não finalizadas, o custo real da mudança de Neymar para o time foi superior a 86 milhões de euros. (N. A.)

CAPÍTULO 31 – “NEYMAR É AUTÊNTICO”

Ao longo do tempo, houve muitos exemplos de jogadores brasileiros que pagaram um alto preço por fazerem parte do mundo do futebol, no qual tudo é branco ou preto, no qual existe uma linha muito tênue entre o sucesso e o fracasso. Entre os destinos mais trágicos se encontra o do goleiro Barbosa, que nunca se recompôs de ter levado a culpa pela derrota na final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã.

Pouco antes de sua morte, em 2000, ele disse:

– A pena máxima no Brasil é de 30 anos, mas eu estou condenado há 50 por algo de que nem sequer sou culpado.

Ele se referia ao fato de nunca ter sido perdoado por permitir que Alcides Ghiggia marcasse 2 a 1 aos 34 minutos do segundo tempo. Negaram a Barbosa a possibilidade de ser comentarista de televisão e não permitiam que ele aparecesse quando a Seleção estava treinando. O pobre goleiro virou sinônimo de azar e infelicidade.

Há também a história de Almir Pernambuquinho, bom o suficiente para ganhar o apelido de “Pelé Branco”, mas também de “Menino Durão do Vasco”, nos anos 1960. Sempre envolvido em brigas dentro e fora do campo, ele foi, ironicamente, morto em um tiroteio em um bar de Copacabana, em 1973, quando tentava deter uma briga.

Garrincha, duas vezes campeão do mundo, amado pelo povo, bebeu até morrer em 1983, aos 49 anos de idade.

E tem uma das histórias mais antigas sobre ascensão e decadência no futebol brasileiro. A história de Heleno.

Heleno de Freitas era o Pelé dos anos 1940, graças às suas habilidades no campo, sobretudo no Botafogo, do Rio de Janeiro.

Ele também marcou muitos gols com a Seleção Brasileira – foram 19 gols em 18 jogos. O príncipe do Rio era bonito como uma estrela de cinema, um sedutor e admirado como tal. Os torcedores adversários o insultavam, gritando “Gilda”, referindo-se ao histérico personagem de Rita Hayworth no filme homônimo.

Mas Heleno era torturado por um temperamento violento e por sérios problemas de saúde que, por fim, o deixaram louco e lhe tiraram a vida quando tinha apenas 39 anos. Enquanto Pelé e o Brasil comemoravam a primeira Copa do Mundo, em 1958, Heleno estava em um hospital em Minas Gerais, devorando recortes de jornais velhos com seus méritos do passado.

Nunca houve um homem como Heleno é o título de uma biografia sobre o jogador, escrita pelo jornalista Marcos Eduardo Neves. O livro foi transformado no filme *Heleno*, dirigido por José Henrique Fonseca, com Rodrigo Santoro no papel principal.

A história de Heleno é um dos exemplos mais trágicos da decadência de um jogador de futebol. Um homem que tinha tudo e perdeu tudo, sobretudo a si mesmo.

– Heleno teve educação e era de uma família de classe média-alta, como Kaká – diz Marcos Neves. – Neymar, por seu passado, é o protótipo do jogador de futebol brasileiro. Ao mesmo tempo, é um garoto razoável e acho que não cometerá, fora do campo, falhas graves que prejudiquem sua carreira.

Para Neves, Neymar fez os brasileiros voltarem a acreditar no futebol.

– Neymar é autêntico. Joga de maneira espetacular, da qual se sentia falta no futebol brasileiro. Deixa as pessoas loucas. É a nova esperança do país. O novo Zico, o novo Ronaldinho, o novo Romário. Ainda é um menino, mas pode e deve conquistar muitas outras coisas, conquistar tanto quanto os três jogadores que acabo de citar. Tem tudo o que é preciso para se tornar o melhor do mundo.

No entanto, sua exposição na mídia é um debate eterno nas redes sociais do Brasil, e o tom costuma ser duro, sem dó.

– Seu ego e suas mudanças de penteado dividem as pessoas, mas não têm muito a ver com futebol. No que se refere ao jogo, os brasileiros estão contentes que Neymar tenha ficado no país durante

parte da sua melhor época. O fato de Neymar ter permanecido no Brasil mais tempo do que se esperava levou mais torcedores nas arquibancadas e gerou um maior interesse pelo futebol brasileiro. Também significou que os jovens têm um modelo a que admirar no Brasil – diz Marcos Neves.

Para o escritor, para que Neymar ganhe o coração de toda a nação, será preciso que o Brasil ganhe a Copa do Mundo como anfitrião.

– Com Mano Menezes, demorou muito até o jogo funcionar e, quando finalmente ele encontrou uma maneira interessante de conduzir, foi despedido. Temos futebol para ganhar a Copa do Mundo, mas o time carece de harmonia há muito tempo. E ainda assim somos os favoritos. E tem que ser assim, nós, brasileiros, não aceitamos perder outra vez em casa. Ganhar aqui é quase uma obrigação para os jogadores.

CAPÍTULO 32 – “NEYMAR É UM ARTISTA”

Zico me recebe em seu museu, em seu próprio paraíso do futebol, o Zico Football Centre, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Ali há um pequeno estádio, alguns campos de treinamento bem cuidados e o museu, que fica em um pavilhão branco.

Zico continua jogando uma partidinha uma vez por semana e comparece com gosto aos jogos beneficentes, nos quais podemos vê-lo jogar com Neymar, e vice-versa.

– Somos muito diferentes – diz Zico, comparando o maior craque do presente com o orgulho do Brasil nos anos 1980. – Neymar é o que nós chamamos de bailarino. É artístico, mais do que eu. Eu jogava mais direto, e meus dribles eram quase sempre em linha reta até o gol, para chegar e finalizar. Já Neymar gosta de dar show com a sua habilidade e o seu talento. Então temos características diferentes – diz Zico, vestido de maneira informal, com uma camiseta polo branca e bermuda, em um dia quente e úmido.

O centro de futebol de Zico fica rodeado de montanhas cobertas de mata, nas quais a neblina cálida surge como o véu de uma noiva no horizonte. Aqui, há mais lugar para a natureza que na selva que é a região central da cidade do Rio, onde o asfalto e a floresta brigam por um lugar. Em volta de Zico, há fotos de sua carreira, chuteiras velhas em vitrines, taças prateadas; uma foto de um garoto magrinho com o uniforme do Flamengo, Zico cumprimentando o Papa, dando uma bicicleta na praia e muitas outras coisas de uma longa vida no mundo do futebol.

Neymar e Zico têm 39 anos de diferença, mas o caminho percorrido por ambos para entrar no mundo do futebol não foi muito diferente.

Arthur Antunes Coimbra nasceu em Quintino, subúrbio do Rio de Janeiro. Caçula de cinco filhos, logo lhe colocaram o apelido pelo qual é conhecido em todo o mundo, Zico, abreviatura de Arthurzinho.

Arthurzinho era pequenininho, magro e tinha cáries nos dentes quando começou a jogar futsal no Flamengo, em 1967. Sua arte no dribble, sua habilidade para chutar com ambas as pernas e sua inteligente visão de jogo eram tão evidentes que o Flamengo decidiu recorrer, extraordinariamente, a um exigente programa de treinamento que fizesse de Zico um modelo exemplar.

O então preparador físico do Flamengo, José Roberto Francalacci, desenvolveu nos anos 1970 um método que envolvia treinamento físico e alimentação e que deu a Zico nove quilos a mais no corpo e seis centímetros a mais na altura entre seus 17 e 21 anos – um desenvolvimento não muito diferente do que Neymar teve no Santos, onde também ganhou vários quilos após um rigoroso plano de dieta e treinamento.

O apelido de Zico, “Galinho de Quintino”, passava a ter cada vez menos sentido à medida que a mudança física ia tomando forma; de qualquer maneira ele o carrega consigo até hoje, sendo também conhecido como “Galo de Ouro”. Porque Zico é sinônimo de sucesso.

Em 1974, Zico ganhou o Campeonato Carioca vestindo a cobiçada camisa 10 do Flamengo; e conservaria esse número por mais dez anos. Para um flamenguista, Zico é o que há de mais parecido com um deus na terra e para muitos brasileiros ele é um ídolo. Para alguns, Zico é a razão pela qual o Flamengo tem um lugar no coração de milhões de pessoas.

Com Zico no time, o Flamengo ganhou sete campeonatos estaduais, quatro campeonatos nacionais, a Copa Libertadores e a Copa Intercontinental, na qual derrotou o Liverpool por 3 a 0 em Tóquio, em 1981. Ele marcou 508 gols em 731 jogos. Só nos jogos em casa, no Maracanã, foram 333 gols, um recorde que dificilmente será superado. Zico fez muita gente feliz, domingo após domingo.

Em uma publicação do Flamengo na ocasião do 85º aniversário do clube, em 1980, o fenômeno Rubro-Negro Carioca foi descrito com as seguintes palavras:

Deveria ser feita uma Lei Federal que obrigasse o Flamengo a jogar em todo Brasil, toda semana, e ganhar sempre. Quando o Flamengo vence, há mais amor nos morros, mais doçura nos lares, mais vibração nas ruas, a vida canta, os ânimos se roboram, o homem trabalha mais e melhor, os filhos ganham presentes. Há beijos nas praças e nos jardins, porque a alma está em paz, está feliz.

O Flamengo é um clube tão importante para o Rio de Janeiro que tem um dia oficial no calendário da cidade – 17 de novembro. O aniversário de Zico é como a véspera de Natal, dizem os torcedores mais fanáticos.

No âmbito da Seleção, Zico é considerado o melhor jogador da história que nunca ganhou uma Copa do Mundo. Ele foi incrível na Seleção Brasileira, com a qual marcou 52 gols em 72 jogos. Participou de três fases finais da Copa do Mundo e, especialmente em 1982, era o jogador-chave em uma das Seleções que melhor jogou na história das Copas. Mas Zico não jogou no Brasil durante toda a carreira. Em 1983, aos 30 anos, ele recebeu uma oferta de contrato com o time italiano do Udinese por uns sete milhões de euros. Cerca de dois milhões iriam diretamente para o bolso dele, fora os rendimentos com anúncios e patrocínios que viriam, e os outros cinco milhões iriam para os cofres do Flamengo. Assim o clube poderia sair da ruína econômica na qual se encontrava.

Zico conhece o dilema de Neymar: ir para a Europa ou ficar no Brasil? A torcida gritava: “Fica, Zico!”. A negociação era vista como uma traição nacional. Como o então presidente do clube, Dunshee de Abranches, poderia pensar em vender Zico? E como ele poderia aceitar?

Mas Zico acabou indo para a Itália. Rompeu o vínculo sentimental com a torcida ao seguir seu caminho. Moraes Moreira até escreveu a música “Saudades do Galinho” depois que Zico voou do ninho.

“Volta, Galinho”, diz Moraes Moreira na música.

O pedido pelo visto funcionou: Zico voltaria ao Flamengo dois anos depois e, no início dos anos 1990, no fim de sua carreira, viajou como Pelé a um país em vias de desenvolvimento em termos de futebol para popularizar o esporte. Seus quatro anos no futebol japonês foram um sucesso tão grande que Zico ganhou o coração de

uma nação inteira, que ainda hoje se lembra dele com paixão. Eles consideram Zico o *sakk no kamisama*, o deus do futebol, e na cidade de Kashima há uma estátua em sua homenagem na frente do estádio. Outro apelido que carregou com grandes esperanças ao longo do tempo, o de “Pelé Branco”, também não é descabido, pois, se alguém esteve perto do nível de Pelé como jogador de futebol e ídolo, esse alguém foi Zico.

Após sua carreira no gramado, Zico ajudou a ganhar dois campeonatos mundiais no futebol de areia. Depois disso, deu a volta ao mundo como treinador de clubes e seleções, chegando a destinos como Japão, Turquia, Uzbequistão, Rússia, Grécia e Iraque.

– Quando vi que podia fazer do futebol minha profissão, me dediquei a isso e me propus a fazer o meu trabalho da melhor maneira possível. Hoje, na minha idade, vejo que todo o meu esforço valeu a pena. Fui reconhecido pelos amantes do futebol. Tenho a sensação de ter me realizado – diz Zico, cuja popularidade ajudou a criar um dos maiores grupos de fãs do mundo. Estima-se que o Flamengo tenha 39 milhões de torcedores no Brasil. O clube se autodenomina “o mais querido do mundo”.

– Eu pude alegrar as pessoas que acreditavam e que tinham confiança em mim, mas também entendo que as pessoas esperassem muito de mim e exigissem muito, então tinha que estar bem preparado para cada jogo. É o que acontece com Neymar hoje. As pessoas exigem dele rendimento, e ele deve saber que precisa estar bem preparado, já que alcançou esse grau de credibilidade e confiança.

Para Zico, a nova vida no Barcelona pode fazer que Neymar se concentre no futebol. A forte presença publicitária de Neymar repercutiu em seu rendimento na sua última época do Santos.

– Do ponto de vista econômico, não era necessário ir para o Barcelona, porque aqui ele ganhava quase o mesmo que pode ganhar na Europa. Fez muitos anúncios, que geraram muitos rendimentos. Ganhou mais dinheiro fora do campo do que muitos outros jogadores brasileiros. Por outro lado, investiu-se muito nele. Ele se apresentava nos treinos, mas nos jogos já não fazia o que se esperava dele, enquanto saía constantemente em comerciais de

televisão. Ele começou a desperdiçar um pouco do seu talento e se esqueceu de que é um jogador de futebol profissional.

Os assuntos de fora do campo exigiam dele a energia que tinha que gastar em campo. Ele é um jogador que sempre vai ser marcado de perto, então em todo jogo tem que estar em boa forma física. Portanto, é bom que tenha ido ao Barcelona, pois poderá voltar a se concentrar em sua vida como jogador de futebol profissional.

No Barcelona, eles são bons em proteger os jogadores, e os jogadores estão ocupados jogando futebol e mantendo a forma física, então a mudança também é boa para a Seleção Brasileira. O Brasil conseguiu um grande triunfo com a transferência de Neymar para o futebol espanhol – diz Zico, que tem certeza de que Neymar vai brilhar com a famosa camisa do Barcelona.

– Todos os grandes jogadores se adaptam com facilidade; ele também se adaptará. E se adaptará ao Barcelona como o grande jogador que é. Acho que ele tem tudo o que é preciso para triunfar no Barça.

Quando estava na ativa, Zico era um dos grandes famosos do Brasil. Mas sua fama estava baseada principalmente em suas habilidades dentro do campo, embora, claro, também pudesse vender produtos fora dele, ainda que não na dimensão de Neymar. No Brasil, é impossível ligar a televisão, ir ao supermercado ou dar uma volta na rua sem encontrar o rosto de Neymar. Às vezes, é quase como se ele estivesse nos perseguindo.

– Quando eu jogava, tínhamos de nos concentrar em ser jogadores de futebol profissionais. Hoje, os jogadores têm outras atividades. Os jogadores da geração de Neymar são celebridades e, portanto, têm mais oportunidades além do futebol – diz Zico.

Essa não é a única vantagem.

– Nós também não jogávamos em campos tão bons quanto os de hoje. Hoje se joga sobre um tapete, em campos fantásticos. Nós jogávamos em campos esburacados aqui no Rio de Janeiro. Por sorte eu nunca tive problemas, porque o futebol da minha infância foi o futebol de rua. A bola era redonda e isso já era suficiente. Quando jogava no Maracanã, o campo era horrível. Hoje, quando um jogador recebe a bola, ela vem bonita e limpa.

Mas a pressão é a mesma para Neymar do que foi para os outros grandes jogadores brasileiros ao longo dos tempos. Ela se transforma em uma parte da vida, com a qual é preciso aprender a lidar.

– Não adianta nada dizer que a pressão é grande e que você é um jogador jovem. Como estrela, você está sob pressão, e as pessoas querem que você ganhe jogos, marque gols e conquiste títulos. É assim. E, quanto mais tempo você passar jogando bem, marcando gols e ganhando jogos, mais confiança as pessoas terão em você e mais irão ao estádio com grandes esperanças depositadas em você – diz Zico. – Ouvi torcedores do Vasco, do Botafogo e do Fluminense dizerem que iam ao Maracanã para me ver jogar, para ver um bom jogo, com espetáculo. Não iam pelo Flamengo, iam por mim. Exatamente como quando a maioria dos cariocas queria ver Pelé quando o Santos jogava no Rio. Eu vi muitos jogos de Garrincha e de Dida. Não era torcedor do Botafogo, mas queria ver essas grandes figuras em ação. Isso também acontece com Neymar. Se tiver um jogo na televisão no qual Neymar joga, eu vou querer assistir, porque sei que vou ver um jogador estrela.

CAPÍTULO 33 – SANGUE NOS OLHOS

Não precisamos de estádios, precisamos de hospitais e escolas.

Mais democracia, menos corrupção.

Os milhares de manifestantes diante do Estádio Mané Garrincha, em Brasília, cadenciavam perfeitamente suas palavras de ordem enquanto todo o mundo se preparava para ver a Copa das Confederações 2013.

O torneio serviu de plataforma para os brasileiros frustrados, sobretudo jovens, cansados de uma das cargas tributárias mais altas do mundo, que aparentemente abrangem mais interesses privados do que públicos, e da extensa corrupção, que estica a perna para ficar um passo à frente, quando os músculos econômicos do Brasil deveriam abrir caminho. Hospitais e instituições de ensino sucateados, salários baixos, preços altos.

Algo vai mal no paraíso brasileiro e o povo se cansou. Exige mudanças.

Os manifestantes pertencem à geração de jovens brasileiros mais otimistas e também mais críticos. Eles exigem avanços verdadeiros. Mais abertura. Não querem simplesmente estádios para a Copa do Mundo com um custo maior do que o previsto e eventos de prestígio, como a Copa das Confederações, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Eles se organizam pelo Facebook e pelo Twitter, levantam-se contra os políticos e as autoridades em uma época que marcará o Brasil como um país que pode controlar tudo e organizar tudo. Sem confusão.

Sem violência é o mantra que os brasileiros gritavam nesse dia, enquanto a polícia, paradoxalmente, respondia com bombas de gás lacrimogêneo e *sprays* de pimenta.

A Copa das Confederações, o torneio com os melhores países de cada continente, é um ensaio geral para a Copa do Mundo. Trata-se, tanto de política como de futebol, um ano antes que a Copa do

Mundo comece de verdade. E a presidenta Dilma Rousseff foi bombardeada com insultos e vaias quando deu por inaugurado o campeonato no Mané Garrincha.

Dizem que um ensaio geral ruim é prenúncio de uma boa estreia. Para o Brasil, o refrão sempre foi ao contrário. Um bom ensaio geral significa uma estreia ruim.

O Brasil ganhara a Copa das Confederações em 2005 e 2009, mas no ano seguinte, na Copa do Mundo de 2010, não conseguiu prolongar o sucesso. Porém, na edição de 2013, o Brasil caiu no grupo do Japão, do México e da Itália. No outro grupo estão a Espanha, o Uruguai, a Nigéria e o totalmente despercebido Taiti, que está vivendo a experiência.

Scolari decidira abrir mão dos garotos de antes, por isso jogadores como Kaká, Ronaldinho e Luis Fabiano buscaram em vão seus nomes entre a equipe escolhida. No jogo de abertura contra o Japão, o Brasil pôs em campo a seguinte escalação: Júlio César, Daniel Alves, Thiago Silva (capitão), David Luiz, Marcelo, Luiz Gustavo, Paulinho, Oscar, Hulk, Fred e Neymar.

Foram necessários apenas dois minutos de jogo para que Neymar fizesse as pessoas se esquecerem de seus problemas por um momento. Ele chutou a bola Cafusa com a perna direita na entrada da área e a colocou no cantinho, após um passe de peito de Fred, que a tocou como se estivesse jogando uma pelada em uma praia do Brasil. Um momento de magia como muitos outros na carreira de Neymar. O Japão ia perdendo de 1 a 0 do país com mais imigrantes japoneses do mundo.

Depois, chegaram a 2 a 0 e, então, a 3 a 0, com gols de Paulinho e Jô. Euforia brasileira diante da apatia japonesa.

A bola do torneio, chamada de Cafusa, tem o nome das três coisas que vêm à cabeça quando se pensa no Brasil: CArnaval, FUtebol e SAmba. Mas a imagem do Brasil se tingiria de muitas cores e adquiriria muitos aspectos nos dias posteriores ao jogo de abertura.

As manifestações ganharam força. Milhares de pessoas se reuniram nas grandes cidades do Brasil e, inclusive, em cidades pequenas. Em todo o país, manifestantes se concentraram diante das prefeituras, se juntaram nas praças e expressaram suas frustrações;

isso tudo de norte a sul no gigante do continente sul-americano. Desde 1992, ano em que Neymar nasceu, quando as pessoas saíram às ruas para protestar contra a corrupção do governo de Fernando Collor de Melo, não se via tantos manifestantes no Brasil.

Os protestos aconteciam também dentro dos estádios. Mas o público não estava irritado com os jogadores, como mostram os cartazes.

Não é contra vocês, é contra a corrupção.

Neymar se posicionou, para que não houvesse mal-entendidos. Foi solidário com o povo e expressou no Instagram sua compreensão e sua simpatia em relação aos protestos.

Sempre tive fé que não seria necessário chegarmos ao ponto de “ir para as ruas” para exigir melhores condições de transporte, saúde, educação e segurança; isso tudo é OBRIGAÇÃO do governo... Meus pais trabalharam muito para poder oferecer pra mim e pra minha irmã um mínimo de qualidade de vida [...]. Sou BRASILEIRO e amo meu país! Tenho família e amigos que vivem no Brasil! Por isso também quero um Brasil mais justo, mais seguro, mais saudável e mais HONESTO! A única forma que tenho de representar e defender o Brasil é dentro de campo, jogando bola... E a partir deste jogo, contra o México, entro em campo inspirado por essa mobilização... #TamoJunto.

Se há algo que pode unir o Brasil é a Seleção, os jogadores de futebol do país, mas, com o passar dos anos, o time passou a ter tão pouca confiança quanto os políticos.

No entanto, aconteceu algo com Scolari e seus garotos no pouco tempo em que passaram juntos. No segundo jogo, contra o México, o time voltou a jogar um futebol magnífico e derrotou os campeões olímpicos por 2 a 0, com Neymar, de novo, como protagonista, com um chute de primeira, como o que fizera contra o Japão, mas dessa vez com a perna esquerda.

Dilma fez um pronunciamento em rede nacional dois dias depois do jogo. Prometeu reformas e lembrou o povo de que milhões de pessoas haviam ascendido à classe média nos últimos anos. *Ainda que sejamos da classe média, temos o direito de estar frustrados*, ouviu-se como resposta.

Mas não há reformas em que acreditar de verdade. Muitos políticos locais, de todos os estados, são apontados como corruptos,

e não há confiança alguma de que cumpram o que prometem. Tinha sido prometido que os estádios da Copa do Mundo seriam financiados, exclusivamente, por fundos privados. Isso não se cumpriu e, em troca, a construção dos estádios foi a mais cara da história das Copas do Mundo. Os policiais que controlam as manifestações são mal pagos; considerados símbolos da corrupção do Rio de Janeiro, ninguém confia neles. Os políticos, pelo contrário, são os mais bem pagos do mundo, e ainda assim não se confia neles...

– É bom ver tantos jovens e adultos, o neto, o pai, o avô, juntos, com a bandeira do Brasil, cantando o Hino Nacional [...] e defendendo um país melhor – disse Dilma em seu discurso, sem que isso aplacasse a ânsia de protestar.

Pelo contrário, seu discurso animou todo tipo de gente, de toda classe social, a sair e tomar as ruas. No Rio de Janeiro, os pobres desceram dos morros para os bairros ricos e deixaram claros a desigualdade e os fortes contrastes sociais. Pessoas com deficiência, homossexuais, idosos. Todos tinham um motivo que queriam tornar evidente, todos tinham algo para dizer.

Algumas manifestações acabaram em vandalismo e violência, com os delinquentes aproveitando a confusão para saquear lojas e destruir bancos. E, toda vez que há enfrentamentos violentos, bombas de gás lacrimogêneo, surge o debate: Quem começou? A polícia ou os manifestantes?

No campo de futebol, mais um jogo. Na última disputa do grupo, o Brasil pegaria a Itália; um embate entre os dois maiores países em se tratando de futebol. Neymar marca de bola parada, como os grandes mestres nesse quesito, Zico e Ronaldinho; Buffon fica imóvel. Três jogos, três gols cuidadosamente executados. Neymar aparece com total clareza, longe de tudo que se diz dele.

O jogo contra os italianos termina em 4 a 2. Outra festa do futebol para o Brasil, e a Seleção começa a ganhar força e a confiança popular.

Na semifinal, o Brasil enfrentaria o Uruguai, e o fantasma de 1950 era o assunto favorito na imprensa. Mas Scolari o põe abaixo, negando com a cabeça.

– Os jogadores não estão pensando em 1950 – assegura ele.

No entanto, o jogo é o mais difícil e só se resolve um pouco antes do apito final, quando Paulinho finaliza de cabeça para marcar 2 a 1. Euforia brasileira.

Na mídia, agradecem pelo grande espetáculo, mas, para acalmar os ânimos, recordam que ainda falta uma coisa antes de todos ficarem felizes de verdade com a Seleção Brasileira. *Ganhem o campeonato*, ouve-se como exigência.

A final foi entre Brasil e Espanha, a melhor seleção do mundo no que se refere a jogo bonito. O último dragão que o Brasil teria de matar para reconquistar a confiança das pessoas. E teria de fazer isso com estilo, para recuperar a imagem de time que melhor joga futebol no mundo. No caminho para a final, a Espanha massacrara o Taiti por 10 a 0 e trabalhara duro na semifinal contra a Itália, decidida após uma rodada de pênaltis.

No dia da final, milhares de policiais, desde simples agentes até membros dos batalhões de elite, foram enviados às ruas que cercam o Maracanã. O céu e o inferno nunca estiveram tão próximos. As ruas ao redor do estádio cheiravam a gás, procedente das bombas da polícia contra os manifestantes. Um inimigo invisível que arranha os olhos. Dentro do Maracanã, fervia o entusiasmo.

Normalmente, os políticos brasileiros adoram aparecer em grandes eventos, mas nesse dia se mantiveram afastados. Era a noite do povo, e, após apenas dois minutos, 70 mil gargantas brasileiras despejaram um estrondo sob a cobertura do Maracanã, quando Fred, do chão, empurrou a bola para dentro do gol de Iker Casillas.

– Fiz tanta coisa boa deitado, faltava gol – disse Fred, com malícia, após o jogo.

Fred, do Fluminense, o gigante com a camisa 9, o Don Fredon, o preferido das garotas, o ídolo dos garotos. Sobretudo no Rio de Janeiro, onde vive e é possível encontrá-lo na praia ou no supermercado. Um herói local, que ganha dinheiro no Brasil e, portanto, desfruta de maior popularidade que os jogadores de times europeus.

– Ai, Fred – ouvimos as belas fãs suspirarem quando, após marcar o gol, ele faz um coração com as mãos.

Aos 44 minutos do primeiro tempo, Oscar dá um elegante passe a Neymar, que está sozinho e chuta, fazendo um gol de cobertura. Outra finalização perfeita. Aos dois minutos do segundo tempo, Fred

volta a dar motivo para as garotas desmaiarem, ao fazer um gol após um passe de Neymar. O quinto de Fred no torneio; Neymar, ao todo, marcou quatro. Os jovens e os veteranos se encaixam perfeitamente, nas últimas semanas nasce um binômio de ouro.

Não se tratava só de impressionar. Todos deram tudo de si. Júlio César era um muro, defendeu até um pênalti. David Luiz chegou primeiro na defesa e, milagrosamente, salvou uma bola na linha do gol. Neymar humilhou várias vezes Gerard Piqué, colega de time no Barcelona, e provocou sua expulsão.

Cada jogador brasileiro contou sua própria história e, juntos, lutaram como um time que briga pela bandeira nacional e pelo seu povo.

O Brasil poderia ser campeão do mundo em um dos melhores jogos da Seleção Brasileira em décadas. O jogo foi disputado precisamente no 11^o aniversário da última conquista da Copa do Mundo pelo Brasil.

O campeão voltou!, gritava o Maracanã. *Olé, olé, olé*, um salmo humilhante quando a bola passava de um brasileiro para outro, com os espanhóis como espectadores estáticos. Apito final, clímax.

Placar de 3 a 0! Contra a Espanha! Os espectadores quase não acreditavam.

– Os jogadores tinham sangue nos olhos – disseram alguns torcedores eufóricos na frente do Maracanã. Trata-se de uma expressão forte da qual os jogadores, por fim, se fizeram merecedores.

– Meu filho de 12 anos torcia para a Espanha, porque durante toda a sua vida a Espanha foi a melhor do mundo. Estou feliz que hoje ele tenha visto que o Brasil é melhor. É que ele só sabia disso por me ouvir falar; agora viu com seus próprios olhos – disse Marcos, um pai feliz, enquanto o filho Bernardo dava o braço a torcer.

– Eu não achava que éramos capazes de ganhar da Espanha desse jeito!

Neymar ganhou a Bola de Ouro, entregue ao melhor jogador do torneio e, no dia seguinte, estava na primeira página de todos os jornais.

A imprensa fazia eco à voz do povo.

“O dia em que transformamos a Espanha em Taiti!”, escreveu o *Lance* em referência aos coitados polinésios. E sobre Neymar: “Neymar conquistou os seus críticos”.

Depois do jogo, Neymar deu uma entrevista ao *Fifa.com*. Não passou despercebido o fato de que, dos quatro gols que fez no torneio, dois foram com a perna esquerda, e dois, com a direita.

– Eu sempre treinei muito, muito mesmo, chutar tanto com a perna esquerda quanto com a direita. Aliás, meu pai sempre me disse, desde quando eu era pequeno: “Você não tem que escolher perna para chutar. Se cair na esquerda, chuta de esquerda; se cair na direita, bate de direita”. Acho que isso eu aprendi – disse Neymar, cheio de autoconfiança.

Sobre as críticas antes do torneio, ele comentou:

– Honestamente, não me incomodaram muito. Eu pensava que não tinha que sair e convencer as pessoas que falavam mal de mim com um bom rendimento. Meu objetivo era ser importante para o time e ganhar. Para mim, afinal, se trata disso. De ganhar.

Fora do campo, Neymar também ganhou muito, muito mais do que podia imaginar. Ganhou milhões de corações por todo o Brasil. Até mesmo os mais duros amoleceram.

É que Neymar *podia* satisfazer os brasileiros, ainda que isso exigisse se entregar ao máximo, que exigisse *sangue nos olhos*.

CAPÍTULO 34 – PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Neymar Jr. tem enfrentado uma longa viagem. Da pobreza da infância à riqueza do presente. De pavilhões humildes e campos esburacados a gramados como “tapetes” e estádios lendários. De grande promessa a grande estrela.

E agora no Barcelona, na potente liga espanhola. Desde o começo, Neymar entrou literalmente de cabeça em seu novo clube.

Nós nos acostumamos a conhecê-lo pelos pés e nos concentramos neles quando observamos seu futebol. Os pés vertiginosos.

Porém, quando Neymar se apresenta em um novo palco, prefere usar a cabeça. Fez isso quando marcou seu primeiro gol com o Santos. Fez isso quando marcou pela primeira vez com a Seleção Brasileira. E, olha só, também fez isso ao abrir sua conta de gols no Barcelona.

O gol se deu no jogo de ida da Supercopa contra o Atlético de Madrid. Neymar se ergueu no ar quase na vertical, como se tivesse molas nas chuteiras, e cabeceou para o gol do Atlético uma bola lançada pelo amigo Daniel Alves.

A partida, muito intensa, terminou em 1 a 1. E, como o jogo de volta no Camp Nou terminou em 0 a 0, o gol de Neymar garantiu ao Barcelona o título da Supercopa, o primeiro troféu do brasileiro como jogador do clube espanhol. E o primeiro título para o novo treinador, o argentino Gerardo Martino, o “Tata”, que substituiu Tito Vilanova, que precisou passar por tratamento contra um câncer.

No entanto, esse rápido papel de protagonista não foi muito significativo no primeiro mês de Neymar no Barcelona. Pelo contrário. Ele deu alguns passos para trás e deixou que Lionel Messi ocupasse o palco principal sozinho.

Em troca, o jogo de Neymar foi muito concentrado e disciplinado na primeira partida da liga. Posicionado (quase estacionado) na lateral-esquerda do Barcelona, ele teve pequenas licenças para se envolver no jogo em zonas mais centrais, onde Lionel Messi aparecia como um relâmpago com a bola e representava uma séria ameaça no ataque.

Messi marcou gols a seu bel-prazer, tal como costuma fazer, enquanto a explosão e o descaramento do jogo de Neymar ficaram em segundo plano.

Neymar se mostrou humilde, fazendo longas corridas para trás para recuperar uma bola perdida. Foi quase autodestrutivo e cortês, quando os adversários lhe chutaram várias vezes e ele praticamente não reagiu, engolindo a dor, levantando e prosseguindo o jogo. Nada de exagerar, pulando pelos ares ou rolando pelo gramado.

Até mesmo o cabelo, que poucas vezes esteve tão domado e moderado. Como se a camisa do Barcelona o tivesse transformado em mais um de um exército onde o coletivo pesa mais do que o individual, com o general Messi como única exceção.

Talvez seja mais inteligente começar com um pouco de cautela para ganhar a confiança do treinador e dos torcedores, mas não está na natureza de Neymar coibir-se em um terreno de jogo. Assim, quando Messi se lesionou por três semanas, voltou a aparecer o eu habitual do brasileiro, e suas ações e sua presença no campo se tornaram mais visíveis. Como se costuma dizer, quando o gato sai, os ratos fazem a festa.

Numa partida da Champions League em Glasgow, contra o Celtic, Neymar se vê diante de sua primeira grande prova de maturidade na Europa. O estilo de jogo do Celtic é uma mistura de rúgbi e futebol, e eles têm uma das torcidas mais fanáticas da Europa. Não é o jogo mais apropriado para que Messi não esteja, levando em conta que o time escocês é muito fechado; mas Neymar preenche o vazio com um alto rendimento, tanto físico como emocional. Primeiro pela lateral-esquerda, depois como falso 9,

então pela lateral-direita e várias vezes ele encontra espaço na normalmente inexpugnável trincheira do Celtic Park. Como um toureiro com o pano vermelho, faz os escoceses esquentarem até atingir o ponto de cozimento, e o capitão do time, Scott Brown, se cozinha por completo. Neymar cai no chão após uma dura entrada, e Brown acrescenta um chutinho nas costas dele, depois de não ter podido pará-lo de maneira legal. Neymar se retorce de dor e o árbitro tira o cartão vermelho do bolso.

O técnico do Celtic, Neil Lennon, se mostra furioso após o jogo.

– Às vezes Neymar exagera um pouco quando os adversários encostam nele. Não estou convencido de que tenha sido para cartão vermelho, já que, se houve contato, foi mínimo.

As imagens de televisão mostram claramente que houve contato, mas em terras escocesas eles não estão acostumados a ver os jogadores mostrarem dor ou se contorcem para fazer as entradas parecerem piores do que são. As imagens são mais para a versão de Neymar do que para a do treinador do Celtic. Mas os espectadores não têm nenhuma dúvida de que Neymar mandou Brown para o vestiário antes da hora, exagerando a situação.

O restante do jogo se converteu em uma prova para Neymar. Toda ação vinha acompanhada de gargantas furiosas, que gritavam mandando para ele impropérios verbais. Mas Neymar volta a responder oferecendo a outra face, ignora a pressão, e o clima não interfere negativamente em seu jogo. Pelo contrário, o nível de criatividade e de ações espetaculares aumenta, e só um grande Fraser Forster no gol do Celtic o impede de marcar. Dessa vez, o papel de herói do Barça recai em Cesc Fàbregas, que marca o único gol do jogo, um pouco antes do final.

Após a partida, pediram a Gerardo Martino que avaliasse a atenção dos torcedores em relação ao atacante brasileiro.

– O futebol é assim mesmo, e a torcida adversária costuma reagir dessa forma. A expulsão foi justa, e o árbitro viu que Neymar levou um chute nas costas. Mesmo com os torcedores vaiando, Neymar teve força e personalidade para jogar sem que isso o afetasse. Ele rende muito para nós em campo – disse Martino, que elogiou a colaboração de todo o time. – Fizemos um jogo muito completo e fomos consistentes durante os 90 minutos. Essa foi,

provavelmente, a partida mais completa que disputamos em termos de rendimento do time.

Parece que, com Martino, existem planos B e C para o Barcelona. Quando o time entra em campo, já não é certeza que a tática será apenas o famoso “tiqui-taca”.

No jogo seguinte da liga, Neymar mostrou todo o seu repertório. Foi o grande arquiteto da partida e se destacou com passes de gol na vitória de 4 a 1 contra o Real Valladolid.

Neymar se mostra capaz de dominar, de ser a figura principal do time quando Messi está lesionado ou precisa de um pequeno descanso no apertado calendário do futebol.

Nos primeiros 50 dias como jogador do Barcelona, Neymar disputou 11 jogos, marcou três gols e deu seis assistências.

Enquanto Messi esteve lesionado, o Neymar pelo qual o Barcelona pagou tantos milhões ficou mais visível. E Gerardo Martino provou que o brasileiro domina todas as posições ofensivas e não tem problema em colaborar em trabalhos defensivos.

Pelo visto, a continuação da história de Neymar Jr. será uma novela.

Johan Cruyff, especializado em administrar grandes egos após sua época como técnico do “Dream Team” do Barcelona, apresentou um interessante ponto de vista quando, antes da chegada de Neymar, disse ao *Marca* o seguinte:

– Eu não teria contratado Neymar, mas, com ele contratado, eu consideraria a possibilidade de vender Messi. Há muitas coisas que entram em jogo; é difícil dirigir um elenco com tanta qualidade, e muito pouca gente consegue. Vejamos a questão das faltas. Neymar bate muito bem. E Messi já provou isso no Barcelona. A partir de agora, quem vai bater? Outro ponto: Neymar e o Barcelona são Nike, enquanto Leo é Adidas. São situações que podem criar problemas, e eu sempre fui partidário de evitar conflito. É preciso esperar, pode dar ou não certo.

O companheiro de time de Neymar, o diretor de cena Cesc Fàbregas, entende o jogo melhor do que a maioria de dentro e fora do campo. É muito positivo quando fala das possibilidades de Neymar de triunfar no Barcelona e chegar a ser um jogador do qual os amantes do futebol nunca se esquecerão.

Antes do jogo contra o Celtic, Fàbregas disse:

– Neymar pode fazer a diferença. Sabe lidar com a pressão, ao contrário de outros jogadores da idade dele. Ele tem muito talento. É bastante rápido em espaços reduzidos, se livra fácil dos adversários. Acho que já é uma estrela, mas ainda está em formação. Terá muito a dizer no futuro e tudo depende dele. Veio aqui para aprender, lutar e crescer como jogador, como ele mesmo diz. Ainda é um menino, mas acho que no futuro falaremos dele como um dos maiores.

EPÍLOGO

Neymar Jr. transformou sua turva imagem em algo palpável e objetivo: uma autêntica e brilhante estrela do futebol.

A Copa das Confederações durou apenas duas semanas, mas fez as pessoas conhecerem de verdade esse jogador de futebol. Ele fez as pessoas se concentrarem mais no conteúdo do que na forma.

Ainda há muito por conquistar e provar, tanto por parte de Neymar quanto do Brasil. Mas poucos poderiam ter previsto que ele iria embora do país em meio a protestos por décadas de corrupção para viver uma nova vida na Europa, triunfando na Espanha e sendo nomeado o melhor jogador de um torneio que reuniu os destaques do planeta.

O garoto de ouro cruzou o Atlântico com o vento a favor.

Em Mogi das Cruzes, as pessoas estão orgulhosas do filho mais famoso da cidade.

Em Praia Grande, os meninos correram pelas ruas com a camisa do Barcelona de Neymar, sonhando em sair dali a base de dribles.

Em São Vicente, rezaram por ele.

Os olhos de Betinho já estão procurando o próximo Neymar. Ou será que Reginaldo Fino já o encontrou?

Neymar vive um sonho no Barcelona, na orgulhosa capital catalã, onde compatriotas como Romário, Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho triunfaram e abriram um espaço entre as lendas do futebol.

Neymar foi embora do Santos de Pelé para criar seu próprio nome e sua própria história. Saiu da pátria com estilo.

Como disse seu antigo vizinho Rosaldo, de Mogi das Cruzes:

– Não vamos compará-lo com Pelé. Pelé era Pelé, Garrincha era Garrincha, Romário era Romário. E Neymar é Neymar. São jogadores de épocas diferentes, e agora é a época do Neymar.

AGRADECIMENTOS

Meus mais sinceros agradecimentos a todos que colaboraram com este livro, a todos que me guiaram na busca por Neymar.

Agradeço à redação de esportes de *O Diário*, de Mogi das Cruzes; especialmente a Darwin Valente e Thiago Campos. A ajuda de vocês me fez acreditar no projeto.

Agradeço também a Arnaldo, pela ajuda inestimável.

E, acima de tudo, agradeço muitíssimo a Claus Banke, Michael Diego Jepsen, Alfra Maria e especialmente a você, Katrine.

Abraços!

BIBLIOGRAFIA

Livros:

BELLOS, Alex. *Futebol: the Brazilian Way of Life*. Londres: Bloomsbury, 2002.

CARDOSO, Fernando Henrique; WINTER, Bryan. *The Accidental President of Brazil: a Memorie*. Nova York: Public Affairs, 2006.

CASTRO, Ruy. *Garrincha: the Triumph and Tragedy of Brazil's Forgotten Footballing*. Londres: Yellow Jersey, 2004.

HEMMING, John. *Amazon Frontier: the Defeat of the Brazilian Indians*. Londres: Macmillan, 1987.

_____. *Red Gold: the Conquest of the Brazilian Indians*. Londres: Macmillan, 1978.

HØM, Jesper; WOHLERT, Christian. *Brasiliansk Fodbold*. Valby: Borgen, 1984.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé: the Autobiography*. Nova York: Simon & Schuster, 2006.

RUBYTHON, Tom. *The Life of Senna*. Londres: The Myrtle Press, 2011.

Revistas:

“O complexo de Neymar”, *Alfa*, maio 2011.

Jornal:

“Inventei esse penteado”, *Extra*, 14 jun. 2011.

Sites:

osonhobrasileiro.com.br

kristeligt-dagblad.dk

Globoesporte.com e Lancenet.com.br sempre serão fontes fantásticas sobre o futebol brasileiro, e também contribuíram para este livro.

NOTAS

As citações de Neymar pai no Capítulo 1, “A herança do pai”, foram extraídas de uma entrevista dele para o jornal *Folha de S. Paulo*.

O texto sobre as igrejas evangélica e católica do Capítulo 4, “O pastor do futebol”, foi baseado em entrevistas com pessoas que conhecem ambas as igrejas, entre elas Maria Angela Ferrari, professora-leitora de português do Brasil na Universidade de Aarhus. Ela é católica.

O título do Capítulo 8, “Sou muito feliz”, se deve a um vídeo de uma coletiva de imprensa oferecida pela assessoria do Santos Futebol Clube.

As citações de Eduardo Galeano e Óscar Tabárez no Capítulo 11, “A batalha da América”, são da Fox Sports.

As citações dos cabeleireiros Cosme Salles e Didi no Capítulo 12, “Os moicanos”, foram extraídas de uma entrevista disponível em: <http://esporte.uol.com.br>.

As citações de Fernando Carvalho, Alexandre Calango e Roberto Gaglianone no Capítulo 15, “As sombras dos dinossauros”, procedem de um artigo do autor deste livro intitulado “O Fenômeno se enche”, publicado em *BT*, 22 de setembro de 2009.

A citação da fã sobre a morte de Ayrton Senna no Capítulo 18, “Um telefonema de Pelé”, foi extraída do documentário *Senna*, dirigido por Asif Kapadia.

As citações de dona Lita e Flemming Povlsen no Capítulo 23, “O embaixador”, procedem de um artigo do autor deste livro, intitulado “É um filho maravilhoso”, publicado em *BT*, 25 de março de 2007. Povlsen foi entrevistado nessa ocasião por Lars Hendel.

As entrevistas com José Bacelar, Pedro Tolinho e Fernão Sousa do Capítulo 25, “Neymar e Cristiano”, foram feitas na Ilha da Madeira em 2011, para o livro *Alt om Ronaldo (Tudo sobre Ronaldo)*, escrito pelo autor deste livro.

ESTATÍSTICAS

Nome: Neymar da Silva Santos Júnior

Nascimento: 5 de fevereiro de 1992, Mogi das Cruzes

Altura: 1,75 m

Peso: 64 quilos

Gols com a camisa do Santos

2009: 49 jogos, 14 gols

2010: 63 jogos, 43 gols

2011: 47 jogos, 24 gols

2012: 47 jogos, 43 gols

2013: 23 jogos, 13 gols

Gols com a camisa do Brasil

Sub-17: 3 jogos, 1 gol

Sub-20: 7 jogos, 9 gols

Sub-23: 7 jogos, 4 gols

Seleção Brasileira: 47 jogos, 30 gols (até 1º de abril de 2014)

Gols com a camisa do Barcelona

2014: 36 jogos, 15 gols (até 1º de abril)

Títulos com o Santos

Campeonato Paulista: 2010, 2011, 2012

Copa do Brasil: 2010

Copa Libertadores: 2011

Recopa Sul-Americana: 2012

Títulos com a Seleção Brasileira

Campeonato Sul-Americano Sub-20: 2011

Superclássico das Américas: 2011, 2012

Medalha de prata olímpica: 2012
Copa das Confederações: 2013

Títulos com o Barcelona

Supercopa da Espanha: 2013

Títulos individuais

Revelação do Campeonato Paulista: 2009
Melhor jogador do Campeonato Paulista: 2010, 2011, 2012, 2013
Melhor jogador da Libertadores: 2011
Melhor jogador das Américas, *El País*: 2011, 2012
Jogador jovem do ano, *World Soccer*: 2011
Prêmio Puskás da Fifa: 2011
Jogador do ano do Campeonato Brasileiro, Troféu Armando Nogueira: 2011, 2012
Gol mais bonito, Prêmio Ginga: 2011
Jogador mais bonito do Brasil, na disputa com Alexandre Pato, eleito pela revista *Atrevida*: 2011
Bola de Ouro para o melhor jogador da Copa das Confederações: 2013

Prêmios como artilheiro

Copa do Brasil: 2010, 11 gols
Copa Libertadores: 2011, 8 gols
Campeonato Paulista: 2012, 20 gols

Santos Futebol Clube

Fundação: 14 de abril de 1912
Apelido: Peixe, Alvinegro

Títulos mais importantes

Copa Libertadores: 1962, 1963, 2011
Copa do Brasil: 2010
Campeonato Brasileiro: 8
Campeonatos estaduais: 20
Copa Intercontinental: 1962, 1963

Jogadores famosos

Pelé, Pepe, Pagão, Zito, Clodoaldo, Coutinho, Robinho, Neymar

Site

www.santosfc.com.br

FC Barcelona

Fundação: 29 de novembro de 1899

Apelido: Barça

Títulos mais importantes

Champions League: 1992, 2006, 2009, 2011

Copa do Rei da Espanha: 26

Torneios: 22

Mundial de Clubes: 2009, 2011

Jogadores famosos

Kubala, Cruyff, Maradona, Laudrup, Romário, Ronaldo, Ronaldinho, Rivaldo, Messi

Site

www.fcbarcelona.com

Brasileiros no FC Barcelona

Fausto dos Santos (1931-1932)

Jaguará (1931-1932)

Lucídio Batista (1947-1949)

Evaristo de Macedo (1957-1962)

Walter Machado da Silva (1966-1967)

Mário Marinho (1974-1976)

Bio (1978-1979)

Roberto Dinamite (1980)

Cleo (1982)

Aloísio Pires (1988-1990)

Romário (1993-1995)

Ronaldo (1996-1997)

Giovanni Silva (1996-1999)

Rivaldo (1997-2002)
Thiago Motta (2000-2007)
Geovanni Deiberson (2001-2002)
Fábio Rochemback (2001-2003)
Ronaldinho Gaúcho (2003-2008)
Juliano Haus Belletti (2004-2007)
José Edmílson Gomes (2004-2008)
Sylvio Mendes, “Sylvinho” (2004-2009)
Keirrison (2008)
Henrique (2008-2012)
Daniel Alves (2008-)
Maxwell (2009-2012)
Adriano Correia (2010-)
Neymar Jr. (2013-)

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Abranches, Dunshee de 193
Alves, Daniel 168, 182, 198, 206, 220
Arouca 181
Augusto, Renato 144
Bacelar, José 155, 156, 216
Barton, Joey 173
Batista, Eike 117
Beckenbauer, Franz 88
Beckham, David 130, 138, 179
Beckham, Ted 138
Bellini 107
Betão 32
Betinho 22, 26, 29-34, 37, 40-43, 46, 48, 52, 64, 65, 74, 105, 182, 211
Biro 22
Bolívar, Simón 118, 125
Brito, Waldemar de 105
Cahill, Gary 169
Calango, Alexandre 116, 215
Cardoso, Fernando Henrique 121
Carlos, Roberto 110, 144
Carvalho, Fernando 115, 215
Cavani, Edinson 91
Cesar, Rodolfo 147
Consentino, Paulo 140
Correia, Adriano 220
Costa Filho, Waldemar 11
Coutinho, Cláudio 109, 122
Coutinho, Philippe 76, 77

Cruyff, Johan 88, 210, 219
Curry, André 178, 179
D'Alessandro, Andrés 98
Dalí, Salvador 119
Damião, Leandro 161, 163, 175
Dantas, Carolina 152, 153
Dante 168
David Luiz 168, 198, 203
Denílson 110
Didi (cabeleireiro) 93, 215
Didi 107, 112
Diego 61, 62, 65, 66
Dinamite, Roberto 109, 150, 220
Dorival Júnior 81, 86-88
Dracena, Edu 81
Duim 83, 85
Dunga 83-86, 110, 145
Elano 36, 90
Ellis, Arthur 106
Erick 49
Ericky 21, 26
Eusébio 157
Falcão, Alessandro Rosa Vieira 35, 36, 109, 156
Faustão 147, 153, 182
Felipe 32
Feola, Vicente 107, 167
Fernandez, Fernando 55, 57, 64
Ferrinho 32
Figo, Luís 179
Fino, Reginaldo 33, 36, 48, 61-64, 67, 68, 181, 211
Fonseca, José Henrique 188
Forlán, Diego 91
Francalacci, José Roberto 191
Fred 90, 169, 198, 202, 203

Gaglianone, Roberto 115, 215
Galeano, Eduardo 91, 215
Ganso 71, 80-84, 157, 178, 180
Garrincha 12, 29, 92, 107, 108, 112, 181, 187, 196-198, 212
Gaudí, Antoni 119
Gérson 84, 85, 108
Ghiggia, Alcides 187
Giggs, Ryan 168
Gilmar 107
González, Álvaro 91
Guerreiro, Aluísio 32, 41
Hamann, Dietmar 173
Hart, Joe 169
Havelange, João 107
Hayworth, Rita 188
Heleno 187, 188
Hodgson, Roy 170
Hulk 161, 162, 198
Iniesta, Andrés 181-183
Jairzinho 108
Jonathan 24, 26, 27
Jorginho 110
Juninho Pernambucano 144
Júnior 109
Kaká 84, 85, 110, 111, 138, 186, 188, 198
Lacerda, Rosaldo Edison 11, 12
Lampard, Frank 170
Leite, Bosco 138
Leite, Milton 71
Lita, Dona 149, 215
Lobato, Newton (pastor) 30, 44-47, 151, 154
Lucas 21, 27
Lucca, Davi 151, 152, 154, 163
Luís 23

Luís Fabiano 144, 169, 198
Madson 80
Maradona, Diego Armando 98, 110, 157, 186, 219
Marquezine, Bruna 153
Marquinhos 80
Mauro Suarti, Atílio 9, 10, 13, 18, 19, 55
McIlroy, Rory 136
Mello, Fernando Collor de 199
Melo, Felipe 83
Menezes, Mano 86, 89-91, 161, 163-168, 170, 189
Messi, Lionel 12, 88, 98, 99, 101, 102, 111, 136, 148, 159, 160, 178, 181-184,
207-210, 219
Miller, Charles 103, 104
Miró, Joan 119
Moraes Moreira 193
Moraes, Bruno 32
Moura, Lucas 41, 138, 161, 164
Mourinho, José 119
Musa, Eduardo 96, 138
Nascimento, Edinho Arantes do 141-143
Nascimento, Elizabeth Arantes do 52
Nascimento, Jair Arantes do 52
Negrinho 60
Neves, Marcos Eduardo 188, 189
Neves, Milton 105
Orlando 107
Oscar 161, 163, 168, 198, 203
Pagão 122
Parreira, Carlos Alberto 85, 110, 166, 167
Pato, Alexandre 86, 90, 144, 161, 175, 218
Paulinho 168, 175, 198, 199, 201
Pelé 12, 15, 29, 32, 37, 52, 55, 71, 73, 85, 86, 88, 91-95, 97-99, 104, 105, 107-
109, 111, 119, 121-123, 128, 129, 133, 104-143, 150, 154, 157, 158, 160,
162, 167, 170, 171, 179, 187, 188, 193, 196, 211, 212

Pepe 99, 219
Pereira, Álvaro 91
Peréz, Florentino 38, 179, 180
Pernambuquinho, Almir 187
Pinheiro, Ermenegildo “Gil” 48-54
Povlsen, Flemming 149, 150, 215
Puskás, Ferenc 106
Puyol, Carles 101
Quartarollo, Luís Carlos 96
Raí 15
Ramalho, Muricy 55, 86, 94, 96, 168
Réver 175
Ribeiro, Adriano Leite 67, 70, 84, 144, 148, 168
Ribeiro, Luis Álvaro 87, 96, 118-122, 124, 125, 128-131, 177
Ribeiro, Odinei 48
Ribeiro, Wagner 40, 41, 52, 171
Ricci, Sandro Meira 172
Ríos, Egidio 91
Rivaldo 86, 110, 111, 146, 211
Robinho 7, 20, 29-37, 40-43, 48, 61-66, 69-71, 74, 79-82, 84, 101, 105, 113, 129, 219
Rodrigues, Odílio 177, 179
Romário 12, 98, 110, 112, 148-150, 161, 165, 189, 211, 212, 219, 220
Ronaldinho 7, 67, 68, 70, 84, 99, 101, 110, 112, 144, 168, 169, 175, 189, 198, 201, 211, 219, 220
Ronaldo 7, 15, 67, 70, 74, 75, 84, 101, 110-117, 144, 145, 154, 156-160, 167, 179, 211, 216, 219, 220
Ronaldo, Cristiano 12, 88, 111, 136, 155-160, 167, 168, 184, 186, 216
Ronaldo, Dinis 158
Roni 71, 73
Rooney, Wayne 99, 139, 168, 169
Rosell, Sandro 124, 179
Rousseff, Dilma 165, 198, 200, 201
Salles, Cosme 93, 215

Santana, Telê 109
Santos, André 90
Santos, Antônio Lima dos 57
Santos, Djalma 107
Santos, Fausto dos 104
Santos, Márcio 110
Santos, Maria dos 156
Santos, Nadine Silva 9, 12, 18
Santos, Neymar Silva (Pai) 9, 10, 12, 15, 16, 18, 19, 22, 26, 33, 37, 42, 45, 53,
127-129, 136-138, 141, 142, 153, 170, 179
Santos, Rafaella Silva 20, 48
Santos, Rayssa 21, 27
Scolari, Luiz Felipe 110, 159, 166-169, 174, 198, 200, 201
Senna, Ayrton 127, 128, 215
Silva, Anderson 147
Silva, Celiano Alfredo da 21-25
Silva, Jorge Rodrigues da 138
Silva, Leônidas da 105, 112, 137
Silva, Thiago 90, 161, 198
Silvera, Roberto 95
Simões, René 87
Soares, Jô 160
Sócrates 109, 111
Sousa, Fernão 156, 158, 216
Suárez, Luis 91
Tabárez, Óscar 91, 215
Taffarel, Claudio 128
Talinhas, Pedro 157
Tardelli, Diego 81
Teixeira, Marcelo 38, 122
Teixeira, Moacir 16, 17
Teixeira, Ricardo 86
Teló, Michel 147
Tévez, Carlos 90, 98

Torres, Carlos Alberto 108
Tostão 108, 166
Valcke, Jérôme 165
Verón, Juan Sebastián 98
Vilanova, Tito 181, 206
Vinicius, Daniel 156, 157
Vitoriano, Altair 14
Webb, Howard 76
Xavi 181, 182
Zagallo, Mário 86, 107, 108, 110, 167
Zico 15, 83, 85, 98, 109, 112, 189-196, 201
Zidane, Zinedine 88, 110, 179
Zito 37, 53, 107, 219

NEYMAR Neymar da Silva Santos Júnior sem dúvida já entrou para a história do futebol brasileiro e mundial. Mas de onde ele veio? Como começou sua carreira? Quem o ajudou em sua trajetória inicial e quais eram seus grandes objetivos na vida?

Em *Neymar – O sonho brasileiro*, o jornalista dinamarquês Peter Banke, especializado na área de esporte, conta histórias e passagens da vida de Neymar com base em entrevistas exclusivas. Surgem assim relatos de muitas pessoas que representaram um importante papel em sua formação, entre eles Betinho, seu mentor e “segundo pai”; Ermenegildo Pinheiro “Gil”, diretor da escola que lhe deu uma bolsa em troca de um troféu; Newton Lobato, o pastor de sua igreja; Fernando Fernández, seu treinador, que conseguiu aumentar a massa muscular de um garoto franzino; o presidente do Santos, Luis Álvaro Ribeiro; e alguns de seus amigos de infância e adolescência.

A obra narra desde o nascimento de Neymar, em 1992, em Mogi das Cruzes, passando por suas primeiras conquistas no futebol de salão, quando ainda era menino, até os primeiros grandes campeonatos pelo Santos (como a Libertadores da América em 2011) e as conquistas com a camisa da Seleção Brasileira.

O livro aborda ainda um novo capítulo em sua meteórica carreira: a tão falada ida ao Barcelona, um dos times mais badalados do mundo.

Ao longo dessas páginas, você descobrirá muita coisa sobre a vida do garoto que se tornou um dos mais requisitados (e mais bem pagos) jogadores de futebol do planeta e que hoje é uma das marcas mais fortes do esporte mundial. Seria ele o “novo Pelé”?



© Kristian Brasen

Peter Banke (1978) é um jornalista e escritor dinamarquês. Desde o ano 2000, ele viaja regularmente ao Brasil como correspondente para vários jornais e redes de televisão de seu país.

**A HISTÓRIA DO GAROTO QUE VIROU UM DOS
MAIORES ÍDOLOS DO FUTEBOL, CONTADA COM
A AJUDA DE ENTREVISTAS INÉDITAS**

Se você tivesse de citar o nome do jogador de futebol brasileiro mais famoso hoje em dia, sem dúvida pensaria imediatamente em Neymar. Com um inegável talento desde a infância, sempre chamando a atenção de técnicos e treinadores, e com o apoio incansável de seu pai, Neymar trilhou um caminho de sucesso, desde o início no futebol de salão no litoral de São Paulo até a contratação por um dos times mais badalados do mundo, o Barcelona.

Em *Neymar – o sonho brasileiro*, o jornalista Peter Banke narra de maneira saborosa a história do garoto pobre nascido em Mogi das Cruzes e sua rápida ascensão no esporte, abordando a conquista de importantes campeonatos pelo Santos e também pela Seleção Brasileira.

"Gênio" e "artista" para alguns, "cai-cai" para outros – não importa. Neymar, embora ainda na casa dos 20 anos, já se tornou um marco no futebol, e sua jornada merece ser contada – uma jornada repleta de sorte, talento e um desejo irrefreável de se tornar sempre o melhor.